



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGL)
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUÍSTICA TEÓRICA, DESCRITIVA E
EXPERIMENTAL
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CONTATO, VARIAÇÃO E MUDANÇA
LINGUÍSTICA

Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Aspectos da Variação Lexical do Território Quilombola De Jambuaçu, em Moju – Pará

Florianópolis

2024

Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Aspectos da Variação Lexical do Território Quilombola de Jambuaçu, em Moju – Pará

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Mestranda: Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Orientador: Prof. Dr. Valter Pereira Romano

Florianópolis

2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Lucena, Eduarda Catarina Rodrigues
Aspectos da Variação Lexical do Território Quilombola de
Jambuaçu, em Moju - Pará / Eduarda Catarina Rodrigues Lucena
; orientadora, Valter Pereira Romano, 2024.
131 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Linguística, Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Linguística. 2. Dialetologia. 3. Geolinguística. 4.
Quilombola. I. Romano, Valter Pereira. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Linguística. III. Título.

Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Aspectos da Variação Lexical do Território Quilombola de Jambuaçu, em Moju – Pará

O presente trabalho em nível de mestrado, foi avaliado pela banca de defesa, tendo sido aprovado no dia 9 de julho de 2024.

Prof. Dr. Valter Pereira Romano – Orientador

Profa. Dr.a Fabiane Cristina Altino (UEL)

Profa. Dr.a Greize Alves da Silva (UFT)

Profa. Dr.a Carla Regina Martins Paza (UFSC)

Certificamos que esta é a versão original e final deste trabalho.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Orientador: Professor Dr. Valter Pereira Romano

Florianópolis

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, à Nossa Senhora de Nazaré e aos Orixás que me guiam, orientam e protegem. Agradeço à minha mãe Célia Lucena (*in memoriam*) por ter me ensinado com amor e mostrado, na prática, sobre responsabilidade e humildade; agradeço, ainda, aos meus irmãos – Viviane, Júnior e Carol – por me recordarem diariamente que nosso tronco é firme e damos sombra uns aos outros, além de frutos maravilhosos.

Agradeço às minhas filhas, Nathália e Maria Clara, e ao meu neto, João Matheus, pela compreensão nos períodos de ausência e por serem minha força motriz. Agradeço ao meu pai, Adalberto Lucena, pelos incentivos e por me fazer acreditar que sou capaz intelectualmente e que persistência é a palavra-chave.

Agradeço aos amigos de longa jornada e de parceria fechada, Michele Borges, Rodrigo Souza, Adriane Maciel, Camila Rochele e Marcos Roberto, e aos novos amigos conquistados nesta etapa de Mestrado, em especial à amiga Ana Paula Câmara, minha parceira de estrada (Florianópolis-Itajaí) e de confidências trocadas. Agradeço ao amigo e orientador Professor Dr. Valter Romano, que me acolheu e direcionou os estudos com paciência e fluidez.

Agradeço, ainda, à professora Dra. Greize Silva, membro desta banca, que tive a sorte de conhecer e por me servir como fonte de inspiração para prosseguir com os estudos acadêmicos.

Agradeço também à professora Dra. Fabiane Altino, membro desta banca, pela assertividade e pelos conhecimentos compartilhados.

Agradeço, sobremaneira, à Universidade Federal do Pará (UFPA), minha casa, pela política de incentivo à qualificação de seus servidores.

Agradeço, por fim, a todos que fazem parte da minha vida, embora não mencionados diretamente, e que de alguma forma me ajudaram e contribuíram.

Poema Batuque

— "Nêgaqui tu tem?
— Maribondo Sinhá!
— Nêgaqui tu tem?
— Maribondo Sinhá!"

RUFA o batuque na cadência alucinante
— do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios, cirandeios,
cabindas cantando lundus das cubatas.

Patichouli cipó-catinga priprioça,
baunilha pau-rosa orisajasmin.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio,
crioulas mulatas gente pixaim...

— "Nêgaqui tu tem?
— Maribondo Sinhá!
— Nêgaqui tu tem?
— Maribondo Sinhá!"

Sudorancias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada,
as palmas batem o compasso da toada.

— "Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu!..."

Ó princesa Izabel! Patrocínio! Nabuco!
Visconde do Rio Branco!
Euzébio de Queiroz!

E o batuque batendo e a cantiga cantando
lembram na noite morna a tragédia da raça!

Mãe Preta deu sangue branco a muito "Sinhô moço"...

— "Maribondo no meu corpo!

— Maribondo Sinhá!

Roupas de renda a lua lava no terreiro,
um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requiebro.

— "Nêgaqui tu tem

— Maribondo Sinhá!

— Maribondo num dêxa

— Nêga trabalhá!..."

E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba,
a onda que afunda na cadência sensual.
O batuque rebate rufando banzeiros,
as carnes retremem na dança carnal!...

— "Maribondo no meu corpo!

— Maribondo Sinhá!"

— É por cima é por baxo!

— E por todo lugá!"

(Bruno de Menezes, 1931)

LUCENA, Eduarda. **Aspectos da variação lexical do território quilombola de Jambuaçu, Moju- Pará.** 2023. 131p. Dissertação (Programa de pós-graduação em Linguística) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2024.

RESUMO

Esta dissertação propôs o estudo do português reminescente do Território Quilombola do Rio Jambuaçu-Moju (PA), a qual se justifica pelo fato de o Estado do Pará possuir o maior quantitativo de territórios quilombolas oficialmente reconhecidos, sendo a Região Nordeste do Estado a maior em crescimento populacional de comunidades remanescentes quilombolas. O objetivo geral foi analisar e descrever aspectos lexicais da comunidade tradicional estudada a partir de dados parciais coletados para a elaboração do Projeto Atlas Semântico-Lexical do Território Quilombolas de Jambuaçu-PA. Para tanto, como objetivos específicos, buscou-se: (i) descrever a realidade linguística dos pontos pesquisados, com vistas a cartografar fenômenos semânticos lexicais, para melhor entendimento linguístico-cultural do território; (ii) registrar variantes lexicais que reflitam traços históricos do português reminescente; e (iii) contribuir para a descrição e a caracterização das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, sobretudo vinculadas ao português quilombola, desenvolvidas no estado do Pará e por extensão no território nacional. Utilizou-se como aporte teórico-metodológico a Dialectologia Pluridimensional, Contatual e Relacional (Thun, 1998) e pesquisas que tratam das reminiscências africanas no Português Brasileiro (doravante PB). Esta pesquisa, de caráter geolinguístico, apresenta um conjunto de cartas elaboradas com a Ferramenta SGVCLin (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). Para a coleta de dados que compuseram as cartas, elaboramos um questionário com 96 questões, utilizando algumas questões do Questionário Semântico-Lexical do Projeto ALiB (Comitê Nacional, 2001), adaptado à realidade linguística das comunidades, bem como algumas questões desenvolvidas por Roque (2023) sobre estudos linguísticos em comunidades tradicionais, além de questões produzidas pela própria pesquisadora. Quanto à rede de pontos, foram realizadas entrevistas em quatro localidades do Território de Jambuaçu, quais sejam: São Manoel; Oxalá de Jacunday; Conceição do Mirindeua; e Bom Jesus do Centro Ouro. Em cada ponto de inquérito, foram entrevistados quatro informantes com escolaridade até o nível fundamental, divididos equitativamente segundo a variável faixa etária (Faixa I: 20 anos a 40 anos e Faixa II: 55 anos a 75 anos) e sexo (homem e mulher), resumindo a fala de 16 informantes. Os registros linguísticos documentados, no que tange à variação lexical, revelaram sistema vocabular misto incorporado e/ou modificado no decurso do tempo, com variações de origem tupi-guarani e reminiscências dos elementos afro-brasileiros espelhadas no léxico das comunidades estudadas, e esse entrecruzamento resulta na língua diversa amazônica.

Palavras-chave: Dialectologia; Território Remanescente Quilombola; Léxico; Geolinguística; estado do Pará.

LUCENA, Eduarda. **Atlas Semântico - Lexical da Comunidade Remanescente Quilombola de Jambuaçu, Moju- Pará**. 2023. Dissertação (Mestrado em Geolinguística e Dialectologia) Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC – 2024.

ABSTRACT

This dissertation proposed the study of Portuguese reminiscent of the Quilombola Territory of Rio Jambuaçu-Moju (PA), which is justified by the fact that the state of Pará has the largest number of officially recognized quilombola territories, with the Northeast Region of the state being the largest in terms of population growth of quilombola remnant communities. The general objective was to analyze and describe lexical aspects of the traditional community studied based on partial data collected for the preparation of the Semantic-Lexical Atlas of the Quilombola Territory of Jambuaçu-PA Project. To this end, the specific objectives were: (i) to describe the linguistic reality of the points surveyed, with a view to mapping lexical semantic phenomena for a better linguistic-cultural understanding of the territory; (ii) to record lexical variants that reflect historical traces of reminiscent Portuguese; and (iii) to contribute to the description and characterization of dialectological and geolinguistic research, especially related to quilombola Portuguese, carried out in the state of Pará and by extension throughout the country. The theoretical-methodological framework used was Pluridimensional, Contactual and Relational Dialectology (Thun, 1998) and research dealing with African reminiscences in Brazilian Portuguese (henceforth BP). This geolinguistic research presents a set of letters created with the SGVCLin Tool (Romano, Seabra, and Oliveira, 2014). For data collection, a questionnaire with 96 questions was created, including some questions from the ALiB Project Semantic-Lexical Questionnaire (COMITE NACIONAL, 2001), adapted to the communities' linguistic reality, as well as some questions developed by Roque (2023) on linguistic studies in traditional communities, in addition to questions formulated by this researcher. Concerning the research points, interviews were conducted in four locations in the Jambuaçu Territory, namely: São Manoel; Oxalá de Jacunday; Conceição do Mirindeua, and Bom Jesus do Centro Ouro. At each research point, four informants with education up to the elementary level were interviewed, equally divided according to age (Range I: 20 to 40 years and Range II: 55 to 75 years) and sex (male and female), totaling the speech of 16 informants. The documented linguistic records regarding lexical variation revealed a mixed vocabulary system incorporated and/or modified over time, with Tupi-Guarani variations origin and Afro-Brazilian reminiscence elements mirrored in the studied communities' lexicon. This intersection results in the diverse Amazonian language.

Keywords: Dialectology; Quilombola Remnant Territory; Lexicon; Geolinguistics; State of Pará.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Mapa do Município de Moju	39
Figura 2 – Cartografia do Território Quilombola de Jambuaçu	42
Figura 3 – Utensílio de madeira para escorrimento da mandioca lavada.....	44
Figura 4 – Tacho de torrar farinha de mandioca	44
Figura 5 – Açaí in natura.....	44
Figura 6 – Vegetação local (2023)	45
Figura 7 – Estrada comunidade do Ponto 01 (2023).....	45
Figura 8 – Rio Jambuaçu (2023).....	46
Figura 9 – Imagem da chegada a S. Manoel pelo trapiche (2023).....	46
Figura 10 – 1ª Igreja do território (2023)	46
Figura 11 – Casa das mulheres quilombolas	47
Figura 12 – Igreja de Jacunday (2023).....	49
Figura 13 – Modelo de distribuição dos informantes para a cartografia pluridimensional	51
Figura 14 – Tabela de tratamento e tabulação dos dados (2023)	54
Figura 15 – Carta-base do Atlas Semântico Lexical de Jambuaçu (2023).....	55
Figura 16 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 013 do QSL.....	59
Figura 17 – Carta Linguística – 01 das variantes lexicais para a questão 013	61
Figura 18 – Carta Linguística – 2 das variantes lexicais para a questão 013 – A	63
Figura 19 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 014 QSL.....	66
Figura 20 – Carta Linguística – 03 das variantes lexicais para a questão 014	67
Figura 21 – Carta Linguística – 04 das variantes lexicais para a questão 014 – A	69
Figura 22 – Carta L69 AGQUINPA (Dias, 2017).....	71
Figura 23 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 025.QSL.....	74
Figura 24 – Carta Linguística – 05 das variantes lexicais para a questão 025	75
Figura 25 – Carta Linguística – 06 das variantes lexicais para a questão 025-A.....	77
Figura 26 – Carta L95 do AGQUINPA (Dias, 2017).....	79
Figura 27 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 031.QSL.....	81
Figura 28 – Carta Linguística – 07 das variantes lexicais para a questão 031	83
Figura 29 - Carta linguística para a questão 031 QSL.	83
Figura 31 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 034 QSL.....	89
Figura 32 – Carta Linguística – 09 das variantes lexicais para a questão 034	91
Figura 34 – Carta Linguística – 10 das variantes lexicais para a questão 034 - A.....	93
Figura 35 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 036 QSL.....	95
Figura 36 – Carta Linguística – 11 das variantes lexicais para a questão 036	97
Figura 37 – Carta Linguística – 12 das variantes lexicais para a questão 036 – A	99
Figura 38 – parte terminal da inflorescência da bananeira/ umbigo/ coração – Q. 07	121
Figura 39 – Galinha d'angola/ guiné/ cocar – Q. 010.....	121
Figura 40 – Libélula – Q. 11	121
Figura 41 – Marimbondo - Q. 13	121
Figura 42 – Bumbá - Q. 37.....	121
Figura 43 – Cafuné - Q. 039.....	121
Figura 45 – Acarajé – Q. 050.....	122

Figura 44 – Dendê - Q. 047.....	122
Figura 46 – Quiabo – Q. 54.....	122
Figura 47 - Vatapá - Q. 56.....	121
Figura 48 - Fubá - Q. 58.....	121
Figura 49 – Jabá/Charque - Q. 62	121
Figura 50 - Atabaque - Q. 77.....	122
Figura 51 - Cambalhota - Q. 81.....	122
Figura 52 – Alá/ Ojá - Q. 87.....	122
Figura 53 - Tipóia - Q. 91	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Trabalhos geolinguísticos em comunidades quilombolas ou afro-brasileiras.	28
Quadro 2 - Ponto linguístico e localidade - 2023.....	45
Quadro 3 - Comparativo AGQUINPA e Dados da pesquisa	71
Quadro 4 – Dados tabulados Q. 025.	76
Quadro 5 – Dados tabulados Q. 036.	99

SUMÁRIO

1 Sumário

INTRODUÇÃO	14
1 CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, VARIAÇÃO E O OLHAR DIALETOLÓGICO	17
1.1.1 A divisão dos estudos dialetais no Brasil por Antenor Nascentes (1953)	21
1.1.2 As fases dos estudos dialetais segundo Cardoso e Ferreira (1994)	21
2 CAPÍTULO – AS AFRICANIAS E OS ESTUDOS GEOLINGÜÍSTICOS NA AMAZÔNIA COM ENFOQUE NO ESTADO DO PARÁ.....	24
2.1 A DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA NA AMAZÔNIA	28
2.2 ESTUDOS GEOLINGÜÍSTICOS NO ESTADO DO PARÁ.....	29
2.2.1 TABUS LINGÜÍSTICOS NO NORDESTE PARAENSE: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGÜÍSTICO – DENISE RAMOS CARDOSO (2016)	30
2.2.2 ATLAS GEOSOCIOLINGÜÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ (AGQUINPA) – MARCELO PIRES DIAS (2017).....	31
2.2.3 ATLAS LINGÜÍSTICO QUILOMBOLA DO MOXOTÓ E IPANEMA DE PERNAMBUCO ALQUIMPE – EDMILSON JOSÉ DE SÁ (2018)	33
2.2.4 TERRITORIALIZAÇÃO E PERSPECTIVAÇÃO LINGÜÍSTICAS: A VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADE QUILOMBOLAS DO BAIXO AMAZONAS – CELIANE SOUSA COSTA (2018)	34
3 CAPÍTULO – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	38
3.1 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MOJU.....	38
3.2 REDE DE PONTOS	43
3.2.1 Comunidade de São Manoel – Ponto 01.....	45
3.2.2 Comunidade Conceição do Mirindeua – Ponto 03	47
3.2.3 Comunidade Remanescente Oxalá de Jacunday – Ponto 02	48
3.2.4 Comunidade Bom Jesus do Centro Ouro – Ponto 04.....	49
3.2.5 Observações sobre as localidades.....	50
3.3 INFORMANTES.....	50
3.4 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS	51
3.5 QUESTINÁRIOS	52
3.5.1 Da organização do <i>corpus</i> e da cartografia	54
4 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS GEOLINGÜÍSTICOS E PLURIDIMENSIONAIS....	57
4.1 ASPECTOS LEXICAIS DO ESTUDO	57
4.1.1 Descrição parcial dos resultados.....	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
6 REFERÊNCIAS.....	103

APÊNDICES	109
APÊNDICE A – FICHA DA LOCALIDADE	110
APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE	112
APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO	113
APÊNDICE D – ÁLBUM DE FIGURAS – Instrumento de suporte na coleta de dados.....	121
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	124

INTRODUÇÃO

Os povos africanos, juntamente com os povos originários, conformam a base da língua falada no Brasil, certificando a respeito de que a colonização e a escravização exportaram, para além da mão de obra forçada, os saberes ancestrais, a cultura e as língua(gens) modificadas e/ou aprimoradas com o decurso do tempo e conforme a necessidade de uso.

De acordo com Ribeiro (1995, p. 19), “o Brasil e os brasileiros surgiram da confluência, do entrecruze e do caldeamento do invasor português com os índios silvícolas e campineiros com os negros africanos, ambos aliciados como escravos”. Desse entrecruzamento surgiu um povo novo, os neobrasileiros, ainda segundo Ribeiro (1995). Especificamente, a população neobrasileira da Amazônia formou-se inicialmente pela mestiçagem de homens brancos com mulheres indígenas, incentivada pela Coroa Portuguesa. Paralelamente a essa nova sociedade de mestiços, os caboclos da Amazônia¹, sucumbia a vida tribal.

Especificamente no contexto histórico e social do Pará, após um período de crise no abastecimento de arroz e de algodão, a economia despontou com o extrativismo vegetal que teve como facilitador para esse sucesso econômico a chegada do negro escravizado. Acompanhando o novo arranjo de mão de obra, o Estado do Pará beneficiou-se com a mão de obra negra nas suas lavouras de algodão, de arroz e de cacau.

A migração e o trabalho da mão de obra negra tiveram impacto significativo no desenvolvimento agrícola paraense. Esses trabalhadores foram essenciais para o crescimento econômico e a expansão das atividades agrícolas da região. O Pará, assim como outras regiões do Brasil, assistiu ao aumento no cultivo de várias culturas, e a presença dos trabalhadores negros foi importante componente para a viabilidade dessas operações.

A escravização dos negros através de permanente violência levava-os à única saída possível: a fuga. Depois que eles passaram a se entender, utilizando a língua geral², as fugas solitárias ou em massa passaram a ser recorrentes, e ter como pontos de chegada os quilombos

¹ Caboclos da Amazônia – Os caboclos da Amazônia são um grupo populacional mestiço, resultante da mistura entre indígenas, brancos (principalmente portugueses) e, em menor medida, negros. Eles são uma parte fundamental da identidade cultural da região amazônica, representando a adaptação e a integração de diferentes etnias ao ambiente amazônico (Ribeiro, 1995).

² Língua Geral: foi a língua desenvolvida e adaptada a partir do tupi comumente falado ao longo do vale amazônico até a fronteira com o Peru, a Colômbia e a Venezuela (Ribeiro, 1995).

que eram lugares distantes e de difícil acesso e que serviam como guarita para os refugiados. Esses quilombos (r)existiram e (r)existem até hoje.

Considerando a dinamicidade da língua, entendemos que a chamada língua geral falada no século XVIII sofreu modificações ao longo dos séculos. Essas modificações provocaram inquietações acerca da modernização na fala dos moradores dos territórios ou das comunidades quilombolas, respeitadas a globalização e ao que eles, quilombolas, são expostos diariamente com o advento da tecnologia.

As línguas dos povos originários e as línguas africanas conformam a base da estrutura linguística local, na medida em que tais tecidos étnicos estão preservados até os dias atuais nos múltiplos falares brasileiros. Para tanto, buscou-se investigar o que e/ou quanto restou da língua africana ou africanizada em comunidades quilombolas do Pará. Como afirma Lucchesi (2003, p. 65),

O contato entre línguas desencadeou importantes mudanças na estrutura das variedades da língua portuguesa que viriam a se desenvolver nos segmentos da base da sociedade brasileira, através do que denominamos processo de transmissão linguística irregular.

Esta pesquisa de natureza geolinguística trata da diversidade linguística de comunidades em um território rural quilombola, as comunidades remanescentes quilombolas de Jambuaçu, localizadas no Município de Moju, no estado do Pará, e versa sobre o estudo da variação no âmbito lexical da região estudada.

O objetivo geral deste trabalho foi o de descrever aspectos da variação lexical da comunidade estudada a partir dos dados parciais coletados com vistas para constituição do *corpus* do futuro Atlas Semântico-Lexical do território remanescente quilombola de Jambuaçu (PA) – em desenvolvimento. Para tanto, como objetivos específicos, buscamos: (i) descrever a realidade linguística dos pontos pesquisados, com vistas a cartografar fenômenos semânticos lexicais, para melhor entendimento linguístico-cultural do território; ii) registrar as variantes lexicais que refletiam traços históricos do Português reminescente; e (iii) contribuir para a descrição e a caracterização das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas desenvolvidas no território nacional, em especial no território quilombola da Região Norte do Brasil.

Neste sentido, investigamos o português falado nas Comunidades Rurais Quilombolas como registro dessa diversidade linguística na Amazônia, a partir da cartografia de variantes lexicais das comunidades pesquisadas, com vistas a contribuir com as pesquisas de caráter Dialetológico, especialmente no estado do Pará.

Para tanto, situa-se o estudo do Território de Jambuaçu, localizado a Nordeste do Estado do Pará, Município de Moju, que se compõe de 15 territórios, organizados em comunidades. A pesquisa foi realizada em quatro dessas comunidades, sendo elas: São Manoel, Oxalá de Jacunday, Conceição do Mirindeua e Bom Jesus do Centro Ouro, contemplando as dimensões diatópica, diageracional e diassexual, segundo os procedimentos teórico-metodológicos da dialetologia contatual, pluridimensional e relacional (Thun, 1998).

Esta dissertação compõe-se de seis capítulos, além desta introdução. O capítulo 1 apresenta a discussão teórica acerca da língua e suas variações, com enfoque dialetológico, perpassando pelos principais expoentes da Dialetologia. O segundo capítulo versa sobre a gênese do Português Brasileiro (doravante PB) com as contribuições das línguas originárias e pertinente colaboração das línguas afrodiáspóricas, para além dos estudos geolinguísticos desenvolvidos na Amazônia, especialmente no estado do Pará quanto às africanias. Já o terceiro capítulo apresenta os procedimentos metodológicos empregados no trabalho, identificando o perfil dos informantes que compõem a pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e a caracterização da coleta e do tratamento de dados. Após, abordamos a descrição e a análise das variantes lexicais demonstradas através de gráficos e das cartas linguísticas e, por fim, chegamos às considerações finais do trabalho, seguidas das referências bibliográficas, aos anexos e aos apêndices.

1 CAPÍTULO 1 – LÍNGUA, VARIAÇÃO E O OLHAR DIALETOLÓGICO

A língua é um instrumento social de comunicação e de interação dedicada a uma atividade sociocomunicativa, é por meio dela que as pessoas expressam suas próprias ideias, bem como as ideias da sua comunidade e do seu tempo. Conforme pontua Brandão (1991, p. 5), “cada falante é, a um tempo, usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara”.

A língua é um sistema abstrato de comunicação constituído por signos (palavras, frases) que representam conceitos e ideias. Esse sistema permite a interação e a troca de informações entre indivíduos de uma comunidade.

Compreende-se que a língua é resultado de um processo histórico, mutável e fluido que tem a capacidade de expressar a cultura de um povo. Para Câmara Jr. (1975, p. 268), “a língua é uma parte da cultura, mas uma parte que se destaca do todo e com ele se conjuga dicotomicamente [...], é o resultado dessa cultura, ou, em súpula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir”, ou seja, a língua é um fenômeno social e cultural que reflete e influencia a cultura, a história e a identidade de uma comunidade.

Importa observar que todas as formas de comunicação ensejam mudanças, logo pressupõem variação, no entanto: “nem toda variabilidade e heterogeneidade na estrutura linguística implica mudança; mas toda mudança implica variabilidade e heterogeneidade” (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968], p. 126).

Dentro de seu escopo, a Linguística abriga outras ciências responsáveis por analisar diferentes aspectos da língua. Considerando que o foco deste trabalho é a língua falada e suas variações na comunidade tradicional, serão trazidas à luz algumas bases da Sociolinguística, juntamente com a Dialetoлогия, que constitui o foco principal. A Sociolinguística variacionista, também conhecida por sociolinguística laboviana, quantitativa e teoria da variação e mudança linguística, ocupa-se em estudar as variações da língua em uso na Comunidade de Fala³. Para esta ciência, a variação é inerente às línguas – aqui se utiliza língua em sentido amplo – e não compromete o bom funcionamento do sistema linguístico. Já a Dialetoлогия dedica-se ao estudo dos dialetos, ou seja, das variações linguísticas regionais dentro de uma língua e tem como objetivo principal o mapeamento das variações e a busca pela compreensão das razões por trás delas.

³ Comunidade de fala – Segundo Labov (2008 [1972], p. 188), comunidade de fala é um “grupo que compartilha as mesmas normas a respeito da língua”.

Segundo Ferreira e Cardoso (1994, p. 19), os objetivos da Sociolinguística e da Dialetoлогия são perfeitamente delineáveis, embora se reconheça com que

Na verdade, definir objetivo e metas dos vários ramos da ciência da linguagem, como aliás em qualquer ciência, é sempre muito difícil porque são fluidos e poucos nítidos esses limites, mais fluidos e poucos nítidos se tornam quando se fala de dialetoлогия e sociolinguística que têm – ambas – como objetivo maior o estudo da diversidade da língua dentro de uma perspectiva sincrônica e concretizada nos atos da fala.

Considerando as variações a qual a língua está exposta, Cardoso (2010, p. 25) afirma que “estudando a língua, instrumento responsável pelas relações sociais [...], a dialetoлогия não deixou passar a largo a consideração de fatores extralinguísticos, inerente aos falantes, nem relegar o reconhecimento de suas implicações no ato da fala”. A autora complementa que a história dos estudos dialetais vem demonstrando que a visão diatópica não tem estado desacompanhada da perspectiva social na construção de uma metodologia a ser seguida pela geolinguística (Cardoso, 2010).

Os estudos dialetais “modernos” seguem dois caminhos para análise de um fenômeno linguístico, sejam eles: a perspectiva diatópica e o enfoque sociolinguístico. Entretanto, “no início dos estudos dialetológicos, preocupava-se prioritariamente com as questões diatópicas, para tanto utilizava-se como método a geografia linguística” (Cardoso, 2010).

A geografia linguística surgiu no final do século XIX e início do XX, na Europa, como método de disposição dos dados nos estudos dialetológicos, tendo como base a descrição da língua em determinado espaço geográfico, eminentemente diatópico, ou seja, em um contexto monodimensional, na qual a aplicação era realizada apenas em homem adulto, rural e analfabeto (HARAS), conforme Zágari (1998).

Para Coseriu (1982), a Geografia linguística

[...] pressupõe o registro em mapas especiais de um número relativamente elevado de formas linguísticas (fônicas, lexicais ou gramaticais) comprovadas mediante pesquisa direta e unitária numa rede de pontos de um determinado território, ou, pelo menos, leva em conta a distribuição das formas no espaço geográfico correspondente à língua, às línguas, aos dialetos ou aos falantes estudados (COSERIU, 1982, p. 103).

A partir do avanço dos estudos e do aperfeiçoamento do método, ao final do século XX, a Dialetoлогия alia o aspecto diatópico às dimensões sociais. A Dialetoлогия Pluridimensional, conforme disciplina postulada por Thun (1998), se propõe a estruturar uma “ciência geral da variação linguística”, sistematizando o estudo do contato linguístico e traz

como novidade o parâmetro contatual e relacional. Para tanto, considera oito dimensões da variação linguística, sendo elas: dialingual; diatópica; diastrática; diageracional; diafásica; diatópico-cinética; diassexual; e diarreferencial. Radtke e Thun (1996, p. 38) argumentam que:

El parâmetro contactual es una diamsión independiente. Su estudio abre un nuevo camino que conduce a través de todos los planos de las variedades, desde el idioleto, a través de la desdialectalización, de la regionalización y de la formación de una koiné entre hablas de grupos, hasta el contacto entre lenguas “comunes”. No sólo la dialectología entendida como ciencia de la variación, sino ya la geografía lingüística areal monodimensional debe provechar la posibilidad del “estudio geolingüístico bilingüe” (Cl. Wagner), o más bien, “plurilingüe”.

A respeito da Dialetoologia Pluridimensional, Thun (1998, p. 706) esclarece que:

[...] o espaço variacional da Dialetoologia Pluridimensional não compreende somente os dialetos “puros” preferidos pela Dialetoologia tradicional ou os socioletos da Sociolinguística. São de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e maiorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastando com o dos grupos topostáticos (com pouca mobilidade do espaço), a atitude metalingüística dos falantes comparada com seu comportamento lingüístico, e outros parâmetros mais.

Ainda como aponta Thun (1998, p. 51), “a geolinguística é formada pelo eixo horizontal da Dialetoologia e pelo eixo vertical da Sociolinguística”. No primeiro eixo, inclui-se a diatopia, que diz respeito às diferenças linguísticas distribuídas no espaço geográfico; e, no segundo eixo, a diastratia, que se relaciona com a organização sociocultural de uma comunidade de fala.

No cenário nacional, os estudiosos preconizam que, para além dos dois momentos dos estudos geolinguísticos, quais sejam: de formação e de sedimentação e de refinamento das bases teórico-metodológicas (Romano, 2013), respectivamente, há um terceiro momento dos referidos estudos à luz da perspectiva interdisciplinar, considerando a Geolinguística não apenas como método e sim como uma subdisciplina da Dialetoologia com a finalidade de auxílio e de cooperação.

Para Romano (2013, p. 13), os estudos de natureza geolinguística podem ser classificados em dois momentos de acordo com a metodologia empregada e as características de cada trabalho.

O primeiro momento da geolinguística brasileira tem origem com o Atlas prévio dos falares baianos – APFB, desenvolvido no período de 1963 a 1996. O segundo

momento da Geolinguística brasileira vai de 1996 até os dias atuais. Os trabalhos desse período já apresentam influência dos procedimentos metodológicos do ALiB, [...]. Os atlas ou trabalhos geolinguísticos desenvolvidos e em desenvolvimento, atualmente, têm buscado acrescentar à dimensão diatópica variáveis diversas, tais como faixa etária, sexo, religião, etnia, origem dos informantes, comunidades bilíngues/multilíngues, níveis de interlocução, entre outras, com o intento de contemplar de forma mais ampla possível as diferentes dimensões. Houve, portanto, a sedimentação de uma metodologia geolinguística por conta do controle de diferentes variáveis além da diatópica (Romano, 2013, p. 14-15).

A Geolinguística precede rigorosos procedimentos metodológicos na elaboração e na aplicação da coleta de dados, assim como na análise para resultar em mapas cartográficos e atlas linguísticos precisos. Os atlas são um dos instrumentos mais eficazes na demonstração da realidade linguística de determinada comunidade, região, país ou continente, uma vez que eles facilitam a leitura de fenômenos linguísticos registrados em determinado espaço geográfico.

Para Cardoso (2010, p. 67), “os atlas linguísticos, no curso da história, espelham orientação diversa e metodologias particulares, seja pela maneira de focalizar os espaços geográficos, seja pelo modo de registrar os dados ou ainda pela forma de tratá-los cartograficamente”. De tal maneira, Rossi (1967, p. 93) afirma:

Hoje não precisa de mais do que bom senso e isenção para compreender que eles (os atlas) permanecem uma das maiores conquistas da Linguística do século XX, mas padecem, como qualquer outro instrumento de trabalho resultante de qualquer outro método, de suas limitações. Dizem muito, dizem mais do que seria possível dizer por outro processo conhecido, valem pelo que permitem dizer a partir deles com segurança e objetividade, mas não dizem tudo. Permitem ver muito em extensão, mas com sacrifício da profundidade e do pormenor, embora como inventário preliminar constituam um ponto de partida mais seguro para aprofundamento dos estudos mais exaustivos de áreas menores que nele se delimitam já então partindo não de pressupostos extralinguísticos, mas de dados de linguística interna, colhidos ao vivo, que frequentemente contrariam todos os pressupostos apriorísticos.

Como bem exemplifica Silva e Romano (2022), os trabalhos precursores da Geolinguística brasileira foram de grande relevância para os atuais, sobretudo os primeiros atlas estaduais. *O Atlas Prévio dos Falares Baianos* (Rossi et al., 1963), o *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro, 1977), o *Atlas Linguístico da Paraíba* (Aragão; Menezes, 1984), o *Atlas Linguístico de Sergipe* (Ferreira, 1987) e o *Atlas Linguístico do Paraná* (Aguilera, 1994) serviram de base para o robusto e enérgico Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB).

Em breve retrospectiva acerca das fases dos estudos dialetológicos no Brasil, há estudiosos que as subdividem: Para Nascentes (1953), a Dialetologia no Brasil foi composta por duas fases; Cardoso e Ferreira, (1994) reconhecem as duas fases apresentadas por Nascentes e

acrescentam uma terceira fase; e as três fases foram ratificadas por Mota e Cardoso (2006), que adicionaram uma quarta fase, iniciada em 1996, ano da retomada efetiva do Projeto ALiB, na qual passou a ter andamento com o esforço de dialetólogos de todo o País.

1.1.1 A divisão dos estudos dialetais no Brasil por Antenor Nascentes (1953)

Antenor Nascentes (1953) divide os estudos dialetais em dois momentos. O primeiro datado em 1826, ano de publicação do livro de Adrien Balbi pelo brasileiro Borges de Barros e o segundo momento vai de 1920 com a publicação de *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, seguida da publicação no ano de 1922 de *O Linguajar carioca*, de Antenor Nascentes, e *A Língua do Nordeste*, de Mário Marroquim (1934).

1.1.2 As fases dos estudos dialetais segundo Cardoso e Ferreira (1994)

Consideradas as duas fases propostas por Nascentes (1953), Cardoso e Ferreira (1994) apontam uma terceira fase dos estudos dialetológicos associados à geografia linguística. Para as autoras, a primeira fase coincide com a periodicidade estabelecida por Nascentes (1953), ou seja, recobre cerca de um século, estendendo-se no período 1826-1920 de produção de trabalhos voltados ao estudo do léxico, especialmente dicionários, glossários e léxicos regionais.

A terceira fase proposta por Cardoso e Ferreira (1994) deu início a partir do Decreto nº 30.643/1952, período em que o Governo Brasileiro instituiu o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa, dirigida por uma Comissão de Filologia, com vistas a promover pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa, com finalidade primordial de elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

O princípio dessa trajetória é marcado pela produção de trabalhos de cunho monográficos voltados à observação de uma determinada área, buscando a descrição e a caracterização semântico-lexical, fonético-fonológico e morfossintático. Dentre os estudos monográficos produzidos na terceira fase, podemos destacar:

- i) *O Guia para Estudos Dialetológicos no Brasil* (1957), de Serafim da Silva Neto, expressa sobre a urgente necessidade de estudar os falares

brasileiros. Em 1950, o autor já havia estado em evidência com a publicação da *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*.

- ii) *As bases para elaboração do Atlas linguístico do Brasil* foi publicado por Antenor Nascente em 1958.
- iii) A obra *Língua portuguesa e realidade brasileira*, de Celso Cunha (1958), sustenta que, desde a implementação impositiva da língua luso, o Brasil navegou em mares de diversificadores próprios e que os atlas poderiam revelar tal realidade.
- iv) O *Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB)*, coordenado e publicado em 1963 por Nelson Rossi, pioneiro da pesquisa em geografia linguística, foi o primeiro atlas regional brasileiro.

Após a publicação do APFB, a terceira fase foi consolidada com a publicação de outros atlas estaduais, quais sejam: *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais (EALMG)* (1977); *Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB)* (1984); *Atlas Linguístico do Sergipe (ALS)* (1987); *Atlas Linguístico do Paraná (ALPR)* (1994); *O Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS)* (2002/2011); *Atlas Linguístico de Sergipe II* (2005); *Atlas Linguístico do Paraná II* (2007); *Atlas Linguístico do Ceará* (2010); entre outros.

A quarta e nova fase dos estudos dialetológicos foi apresentada por Mota e Cardoso (2006), em 2005 durante o IV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN), no momento da exposição, argumentaram acerca da sistematização de uma nova divisão para os estudos dialetais brasileiros, a partir da retomada do Projeto ALiB, em 1996, o que de fato se efetivou e passou a ter seguimento com empenho e comprometimento de dialetólogos de todo o País.

A quarta fase, apresentada por Mota e Cardoso (2006), define-se com a construção do Atlas Linguístico do Brasil e revelou novas características para os estudos dialetais brasileiros, no que diz respeito à metodologia e aos avanços da descrição linguísticas a partir tanto de um atlas geral como também da implementação de atlas regionais.

Por fim, há ainda a quinta fase, segundo Teles (2018), que se inicia a partir de 2014, ano de publicação dos dois primeiros volumes do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso *et al.*, 2014).

Na perspectiva europeia, os atlas linguísticos são categorizados, segundo Alinei (1994, p. 21), em: i) continentais, ii) grupos de línguas, iii) nacionais e iv) regionais. Essa divisão é fundamentada a partir da delimitação do espaço geográfico de abrangência e dos objetivos, mas especialmente considerando a quantidade e o perfil dos informantes e a definição da rede de pontos quanto à densidade. Castañer (1991, p. 328) contribui enfatizando que:

Um atlas nacional debe buscar el léxico más comum, pero no puede llegar al especializado; em um plano todavía más general deben quedar los atlas plurilingües, que permiten relacionar un término con los que corresponden em otras lenguas. El atlas regional ofrece por el contrario, una cuadrícula más densa y debe adentrarse em el léxico específico, además de permitir um conocimiento profundo de la zona objeto de estudio.

Observa-se, a partir da contribuição de Castañer (1991), que os atlas regionais possuem uma rede de pontos mais densa (equidistância menor) para melhor detalhar léxico específico. Esses registros precisos integram os atlas nacionais (Silva e Romano (2022)).

Romano (2020) esclarece sobre a importância que os dialetólogos pioneiros davam à coexistência de atlas de pequeno e de grande domínio (Alvar, 1969), pelo aporte que esses trabalhos garantiam as pesquisas de maior robustez.

Ponderando-se ante os estudos e à categorização dos atlas linguísticos europeus realizados por Alinei (1994), importa destacar que, para Silva e Romano (2022), é pertinente reconsiderar que o espaço brasileiro possui suas especificidades e neste sentido a classificação proposta pelo autor europeu deve ser ampliada. Silva e Romano (2022), remodelam a proposta para “a) atlas continentais; b) grupos de línguas; c) nacionais; d) regionais; e) estaduais e f) pequeno domínio/locais, os quais se aplicam na realidade brasileira os do tipo *c, d, e, f.*” (Silva; Romano, 2022, p. 22).

Admitindo a perspectiva ensejada por Silva e Romano (2022), os atlas de pequeno domínio – com descrição e registros de região específica, como uma cidade pequena, uma comunidade, grupos étnicos, artesanais, entre outros – funcionam tal qual um *zoom* para realidades maiores. Importam ainda como instrumentos na análise e na interpretação de nuances dialetais de um território.

Neste contexto, esta pesquisa apresenta para defesa o estudo dos aspectos da variação lexical no território quilombola de Jambuaçu, Moju – Pará. A análise baseia-se em dados coletados para a constituição do corpus do Projeto do Atlas Semântico-Lexical do Território Quilombola de Jambuaçu, Moju, atlas que pode ser considerado como de ‘pequeno domínio’ e que futuramente virá a público.

2 CAPÍTULO – AS AFRICANIAS E OS ESTUDOS GEOLINGUÍSTICOS NA AMAZÔNIA COM ENFOQUE NO ESTADO DO PARÁ

No Brasil, povo e a cultura, ainda hoje, se moldam e buscam assemelhar-se às variantes lusitanas. A população brasileira formada a partir da miscigenação dos portugueses, dos indígenas e dos africanos, resultou em uma sociedade multiétnica e linguisticamente diversa.

De acordo com Ribeiro (1995), os negros que aqui desembarcaram foram trazidos principalmente da Costa Ocidental Africana e pertenciam a diferentes grupos culturais, dentre eles as maiores tribos eram os yoruba, os malé ou alufá, e os bantu. Conforme Nascimento (2017), por volta de 1530, já apareceram nessas terras exercendo seu papel de “força de trabalho”. Embora pouco se reconheça sobre a contribuição e a participação dos africanos no processo de formação identitária do Brasil, estes que foram trazidos “não trouxeram apenas sua força de trabalho, mas também transportaram suas culturas, das quais as línguas são uma expressão importante” (Petter; Cunha, 2015, p. 221).

A diversidade linguística e cultural somada aos conflitos já existentes, trazidos pelos africanos, somada à política da não concentração de escravos da mesma etnia no mesmo ambiente, dificultou a formação de núcleos solidários que mantivessem suas raízes culturais, daí a necessidade de adaptação ao modo de vida, como ter que renomear coisas e espíritos por nomes tupis incorporados ao português, como bem expressa A. Houaiss:

[...] pelo tipo de escolha a que eram submetidos desde os portos negros até sua localização como mão de obra no Brasil, os negros foram selecionados negativamente, a fim de que não se adensassem em um ponto qualquer, étnica, cultural e linguisticamente (Houaiss, 1985, p. 77-78).

Os recém-chegados e apartados da sua gente e numa terra nova, próximos de outros escravos, igualados na cor e na subserviência, mas diferentes na língua e na identificação cultural, foram aculturados a partir da obrigatoriedade de integrar-se ao universo cultural da nova comunidade. Aprenderam, então, o português que os capatazes lhes berravam e passaram a usá-lo para comunicar-se entre si.

Segundo pontua Ribeiro (1995), os negros no Brasil aportuguesaram e influenciaram o Brasil de diversas maneiras, principalmente as regiões que concentravam a maior parte de cativos, a exemplo do Nordeste açucareiro e das Minas do centro do País.

De acordo com Roque (2023, p. 8), “os europeus fizeram dos negros africanos instrumentos de bens de consumo, transformando-os em mercadorias e destinando-os a um eterno exílio em diáspora”. Esse mercado de negros se deu em razão da pouca produtividade e do desgaste da população indígena escravizada na extração das riquezas aqui encontradas.

Os brasilíndios, assim denominados por Ribeiro (1995), filhos de pais brancos, principalmente portugueses, com mulheres indígenas, ajudaram os portugueses na expansão do território brasileiro, pois como eles não eram bem quistos por um ou outro, acabavam sendo recrutados para uma espécie de capataz, na qual se embrenhavam em matas por longos tempos para caçar, capturar e escravizar indígenas. Os plantadores de mandioca e de milho eram os alvos principais por serem dóceis e úteis como escravos agricultores e nas tarefas corriqueiras, a exemplo dos povos Tupi, cuja língua foi a fala dos brasilíndios, com hábitos e costumes parecidos.

Segundo afirma Ribeiro (1995), o Tupi foi a língua materna de uso corrente, até meados do século XVIII, dos chamados neobrasileiros. No início, o Tupi foi mais difundido que o próprio português, como língua da civilização, especialmente nas regiões em que a economia era mais dinâmica. Na Amazônia, ao contrário, ocorreu lentamente não chegando ao norte do Amazonas.

Entretanto, anterior a essa explosão da língua Tupi, no século XVI, surge o nheengatu, da mistura do tupi com o português. O nheengatu foi a língua geral amazônica, introduzida pelos Jesuítas, desenvolvida a partir do Tupi falado ao longo do vale amazônico brasileiro que se conservou como fala comum da população local, e subsistiu como língua predominante até o ano de 1940 (Ribeiro, 1995). A par dos percursos parcialmente conhecidos sobre as distintas histórias de contato linguístico entre línguas indígenas e outras línguas, Mattos e Silva (2004, p. 14-15) esclarece que:

O processo colonizador e evangelizador dos séculos VXI e VXII teve de utilizar, como instrumento fundamental para a dominação, línguas indígenas brasileiras. Embora homogeneizadora da atividade catequética – construiu um “tupi jesuítico” –, a língua geral da costa, de base tupi, chegou a ser um risco para a hegemonia do português no Brasil, (...) e na Amazônia a língua geral de base tupinambá é o antepassado do nheengatu, que persiste hoje em área de complexo multilinguismo no rio Negro, língua brasileira, fruto vivo da morte de outras línguas.

“A língua geral, modo de falar resultado do contato e das condições de convívio entre índios de diferentes matrizes impuseram a homogeneização linguística e o enquadramento cultural compulsório [...]” (Ribeiro, 1995, p. 311), mais tarde assimilada pelos negros e

incorporada por quase todos os brasileiros como fala da civilização, gerando preocupação ao governo do Maranhão e do Grão-Pará, conforme destaca Salles⁴ (2004, p. 20):

Na carta de 27 de fevereiro de 1759, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, Governador e Capitão-general do Estado do Maranhão e do Grão-Pará, informa sobre a execução da ordem régia de extinção da língua geral e obrigatoriedade da Língua portuguesa. Afirma que os colonos evitavam ensinar a língua portuguesa porque “em falando Português (os índios) se faziam ladinos, e em consequência desobedientes”. Até os negros introduzidos da Costa da África, diz a mesma carta, estão falando desembaraçadamente a sobredita língua e não compreendendo nada da Portuguesa.

A história não aponta muitos registros das contribuições dos povos africanos na construção identitária do Brasil. É possível que tais contribuições tenham sido escamoteadas, especialmente, “no que tange à influência dos povos africanos e suas línguas, juntamente aos povos originários, para a construção e formatação da língua falada no Brasil” (Roque, 2023, p. 12).

Neste capítulo, tem-se, então, a proposição de fazer um levante da participação que os povos africanos exerceram na língua portuguesa e/ou ainda exercem por exemplo nos territórios ou nas comunidades quilombolas, e ainda em grupos religiosos ou minoritários.

A partir da primeira metade do século XX, período entre 1920 e 1945, alguns estudiosos passaram a investigar de modo sistemático o português do Brasil, “inexoravelmente nascido do encontro da linguagem adulterada de negros e índios e da *koiné* portuguesa” (Mattos e Silva, 2004, p. 12). Embora já se tenha debatido bastante sobre a formação do PB, ainda está para ser elaborada uma reconstituição que conjugue e espelhe fatores sócio-históricos, demográficos e linguísticos do português que falamos (Mattos e Silva, 2004, p.13).

Dentre os trabalhos pioneiros sobre a influência africana no PB, citam-se: Jacques Raymundo (1933), Renato Mendonça (1935) e Nina Rodrigues (1932). E, sobremaneira, os vocabulários registrados e/ou apensados, dos termos de origem africana. Nessa direção, contribuiu Serafim da Silva Neto com a busca pelo conhecimento efetivo da realidade linguística brasileira, chamada por estudiosos do português de “cruzada dialetológica” (Mattos e Silva, 2004, p. 23).

⁴ Vicente Salles – Vicente Juarimbu Salles, paraense, nascido no município de Igarapé-Açu, nordeste do Pará. Foi historiador, antropólogo, folclorista e musicólogo paraense considerado um dos mais expressivos intelectuais do século XX, da Amazônia e do Brasil. Importante pesquisador acerca da contribuição africana em solo paraense.

No Brasil, a contribuição dos segmentos indígenas e africanos para a formação da realidade linguística brasileira tem sido encoberta pela falta de conhecimento, de investigação ou pelo descaso, ainda que este País tenha sido o maior importador de negros escravizados. Lucchesi (2004) esclarece que, do ponto de vista linguístico, estes foram os principais agentes na/da difusão/(re)construção do que se convencionou chamar de língua popular brasileira, norma popular brasileira.

Ainda segundo Lucchesi (2009), o Brasil apresenta semelhanças sociohistóricas com outras regiões do continente americano, tais como: o Caribe e o Sul dos EUA, de onde emergiram consideráveis línguas crioulas⁵. No entanto, não há registros categóricos da existência de comunidade crioulofona em território brasileiro.

A única especificidade objetivamente atestada no comportamento linguístico das comunidades rurais afro-brasileiras é a utilização, em algumas delas, de um código de base lexical africana na comunicação intragrupal, em situações muito particulares, como uma espécie de “língua secreta”. [...] assim, apesar de reunir condições sócio-históricas, em princípio, muito propícias à criouliização da língua do colonizador europeu, não ocorreu no Brasil um processo estável, duradouro e representativo de criouliização da língua portuguesa (Lucchesi, 2009, p. 28).

Assim, retorna-se a Serafim da Silva Neto e à cruzada dialetológica que vem vencendo o desconhecimento da língua que usamos na sua diversidade de normas sociais e de normas letradas, dados esses fundamentais para a compreensão da constituição do PB. O autor dedicou-se à abordagem da realidade linguística do momento, o que o levou a planejar, o Atlas Linguístico do Brasil.

O Projeto *Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)*, empreendimento de grande amplitude, de caráter nacional, em desenvolvimento e que se fundamenta nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, dando início no ano de 1996 por iniciativa de um grupo de pesquisadores do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e posteriormente incorporando outras Universidades ao projeto conjunto que envolve hoje doze Universidades.

O Projeto ALiB publicou dois volumes no ano de 2014 que reúnem dados de 25 capitais de estado, com programação para que os próximos volumes apresentem resultados das demais localidades interioranas. Entretanto, por tratar-se de um país com dimensões continentais e considerável diversidade étnica e cultural, não foram incluídos, inicialmente os povos e/ou as comunidades tradicionais. Dentre essas comunidades, destaca-se a afro-

⁵ Línguas crioulas – línguas que resultaram do contato massivo, radical e abrupto desencadeado pelo sequestro e escravização de cerca de dez milhões de africanos, trazidos para o continente americano pelos colonizadores europeus, entre os séculos XVI e XIX (Lucchesi, 2009, p.28)

brasileira, que pertence à “quarta vertente de interesses dialetais, nessa segunda fase, os estudos específicos sobre a contribuição africana” (Cardoso, 2010, p. 138.).

2.1 A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA AMAZÔNIA

Os estudos geolinguísticos têm avançado no Brasil, sobretudo na região Amazônica. As pesquisas sobre a realidade linguística dos negros e suas variáveis linguísticas vêm apresentando diferentes perspectivas, embora ainda escassos de registros. Sanches (2022, p. 17) elenca os trabalhos geolinguísticos desenvolvidos em “áreas/comunidades quilombola ou remanescentes, identificadas, também com base no repositório de teses e dissertações dos sites de universidades do Norte do Brasil”, totalizando, por ora, cinco trabalhos, conforme exposto no Quadro 1.

Quadro 1 – Trabalhos geolinguísticos em comunidades quilombolas ou afro-brasileiras

Autor	Natureza	Título	Ano
Denise Ramos Cardoso	Dissertação	<i>Tabus Linguísticos no Nordeste Paraense: um Estudo Geossociolinguístico</i>	2016
Marcelo Pires Dias	Tese	<i>Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará</i>	2017
Edmilson José de Sá	Pós-doutorado	<i>Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó-Ipanema</i>	2018
Celiane Sousa Costa	Tese	<i>Territorialização e perspectivação linguísticas: a variação lexical em comunidade quilombolas do Baixo Amazonas</i>	2019
Helen Costa Coelho	Tese	<i>Estudo geossociolinguístico do léxico falado em comunidades afro-brasileiras no Amapá⁶</i>	2022

Fonte: Sanches (2022). Elaboração própria (2024)

O Quadro 1 demonstra o número de estudos geolinguísticos na Amazônia, desenvolvidos no contexto da variação linguística em áreas rurais, a partir de determinado espaço geográfico, buscando registrar os falares das *comunidades tradicionais*. Em 2007, o

⁶ Estudo geossociolinguístico do léxico falado em comunidades afro-brasileiras no Amapá – trabalho de tese em desenvolvimento.

Decreto nº 6.040/2007⁷ instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT), o qual os define como:

[...] grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos por tradição (Brasil, 2007, p. 1).

De acordo com o Instituto, Sociedade e População (ISPN)⁸, para além dos indígenas e dos seringueiros, compreende-se como povos e comunidades tradicionais da Amazônia: os quilombolas, objeto deste estudo, ribeirinhos, pescadores e pescadoras artesanais, agricultores familiares, piaçabeiros, peconheiros, entre outros.

As pesquisas geolinguísticas desenvolvidas no âmbito da realidade linguística de comunidades quilombolas da Região Norte são validadas pela quarta vertente do Projeto ALiB, que trata de estudos sobre a contribuição africana (Cardoso, 2010), e as atuais tendências da geolinguística brasileira (Silva; Romano, 2022), a respeito das contribuições africanas no PB, conforme elencado no Quadro 1 adiantado por Sanches (2022).

2.2 ESTUDOS GEOLINGUÍSTICOS NO ESTADO DO PARÁ

No Estado do Pará, mais detidamente os estudos sobre africanias têm progredido, a exemplo do quadro 1. Dessa maneira, dentro do contexto de estudos dialetais e geolinguísticos do Norte do país, mais precisamente do Estado do Pará, destacamos a robusta contribuição de Abdelhak Razky, professor Titular da Universidade Federal do Pará (UFPA), em exercício no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UNB), pesquisador e orientador de alguns dos trabalhos acima citados, participante do Comitê Nacional do ALiB e coordenador o projeto Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALISPA). Enfatiza-se, ainda, os estudos e as orientações desenvolvidas pela pesquisadora Marilúcia Barros, professora Titular da UFPA e orientadora de trabalhos voltados aos estudos de

⁷ Decreto nº 6040/2007 – Tem por objetivo promover o desenvolvimento sustentável, especialmente no que diz respeito à proteção, ao reconhecimento, ao fortalecimento e a garantia dos direitos dos Povos e das Comunidades Tradicionais.

⁸ Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) é uma organização da sociedade civil sem fins econômicos com sede em Brasília (DF) e escritório em Santa Inês (MA), que atua a partir do desenvolvimento com equidade social e equilíbrio ambiental, por meio do fortalecimento de meios de vida sustentáveis e estratégias de adaptação e mitigação às mudanças do clima.

africanias em comunidades quilombolas na Região Norte e participante do Comitê de Nacional do ALiB.

Os estudos geolinguísticos no Estado do Pará não são recentes e contam com um Macroprojeto de Pesquisa Geossociolinguística e Socioterminologia (GeoLinTerm), ligado ao Laboratório de Linguagem da Universidade Federal do Pará (UFPA), sendo versão mais atual do Projeto Atlas Linguístico do Pará (ALIPA), projeto criado e liderado pelo professor Abdelhak Razky desde 1996. Em 2021, este completou 25 anos de atividade, com estudos realizados nas mais diversas áreas da Linguística.

Apresenta-se a seguir uma visão geral de alguns trabalhos desenvolvidos na Amazônia Legal nos últimos 10 anos, sem a preocupação de uma descrição mais detalhada e nem análise crítica. Dando prosseguimento ao capítulo, as próximas seções apresentam detalhes dos quatro primeiros trabalhos elencados no Quadro 1: Cardoso (2016), Dias (2017), Costa (2018) e Sá (2019). Apenas não é apresentado o trabalho de Coelho (2022), pois se trata de uma tese de doutorado ainda em desenvolvimento.

2.2.1 TABUS LINGUÍSTICOS NO NORDESTE PARAENSE: UM ESTUDO GEOSOCIOLINGUÍSTICO – DENISE RAMOS CARDOSO (2016)

A dissertação versa sobre a presença de tabus linguísticos na fala dos moradores de remanescentes comunidades quilombolas situadas no Nordeste do estado do Pará.

A pesquisa estabeleceu por objetivo principal identificar, mapear e descrever variação lexical na fala dos informantes a partir das seguintes variáveis: diatópica, diassexual e diageracional, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Dialetoлогия e da Geografia Linguística, analisando as lexias consideradas como tabu linguístico. Para tanto, utilizou-se como base para fundamentação teórica a concepção de tabu estabelecida por Guérios (1979), Ullmann (1964) e Kroll (1984).

Os dados coletados nas quatro comunidades da Mesorregião do Nordeste Paraense são Colares – Comunidade Cacau (Mesorregião do Salgado), Bragança – Comunidade América (Mesorregião Bragantina), Abaetetuba – Comunidade Campopema (Mesorregião de Cameté) e Moju – Comunidade África (Mesorregião de Tomé-Açu), que possibilitaram a produção de cartas linguísticas lexicais. A partir das lexias levantadas nas referidas cartas, buscou-se o significado delas nos dicionários de Língua Portuguesa, para além da pesquisa de cunho dialetológico de outros estudos já realizados.

A pesquisa utilizou-se de gráficos para apresentar as variáveis sociais, que apresentam o percentual de ocorrências das lexias mais frequentes em cada carta. A análise dos dados demonstrou a existência de tabuísmos em uma parcela significativa dos itens lexicais investigados, como era o esperado a partir do que outros estudos geolinguísticos têm demonstrado, contudo a constatação não foi generalizante a todos os itens cartografados nos pontos de inquéritos.

2.2.2 ATLAS GEOSOCIOLINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO NORDESTE DO PARÁ (AGQUINPA) – MARCELO PIRES DIAS (2017)

A tese de doutoramento *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)* (Dias, 2017) foi a precursora, sendo o primeiro atlas desenvolvido no Brasil a retratar a realidade linguística de comunidades quilombolas.

O AGQUINPA é um atlas semântico-lexical que descreve e que mapeia a variedade linguística do português afro-brasileiro falado nas comunidades remanescentes de quilombos da Mesorregião Nordeste do Pará por meio do inventário lexical. A Mesorregião Nordeste do Pará foi selecionada como *locus* da pesquisa, em virtude da alta densidade de comunidades quilombolas, dentre as 270 comunidades reconhecidas e tituladas que ficam nesta região, foram escolhidas seis, sendo elas: Comunidade do Cacau (Colares/PA); Comunidade América (Bragança/PA); Comunidade do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA); Comunidade Taperinha (São Domingos do Capim/PA); Comunidade Laranjituba (Moju/PA) e Comunidade África (Moju/PA).

A investigação das variedades usadas nessas comunidades é indispensável, a fim de identificar e de realizar o mapeamento das variantes lexicais, o que justifica a escolha dos pontos de inquérito em comunidades remanescentes de quilombo no Pará, uma vez que a Mesorregião Nordeste do Pará concentra elevado número de comunidades quilombolas.

Estudos dessa natureza são de grande importância no contexto amazônico, em razão das lutas que essas comunidades vêm travando para a regularização fundiária de suas terras, pelos seus direitos e, principalmente, pela sua identidade, inclusive sociolinguística. Apesar da relevância, tais pesquisas são escassas por diversos motivos, dentre os quais se inscrevem a falta de projetos financiados, principalmente para a realização de pesquisa de campo, além do baixo quantitativo de pesquisadores interessados pela temática dentro da área da linguística, apesar da importância do tema para a historiografia e a história social do PB.

Os procedimentos metodológicos adotados para a escolha da rede de pontos do AGQUINPA foram: as comunidades com terras tituladas e reconhecidas como pertencentes a remanescentes de quilombolas e de população autodenominada quilombola, a partir de análise nos bancos de dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), do Instituto de Terras do Estado do Pará (ITERPA) ou da Fundação Cultural Palmares (FCP).

A respeito do perfil, foram selecionados 24 informantes com faixa etária de 18 anos a 30 anos = GI; e de 50 anos a 65 anos = GII e sexo (homem e mulher). A escolaridade não foi considerada para a cartografia, por conta da ausência de informantes residentes nas comunidades com escolaridade equivalente ao Ensino Médio e Universitário, principalmente na faixa etária/geração de 50 anos a 65 anos.

Para o controle na seleção, foram escolhidos indivíduos nascidos e criados nas comunidades, filhos de pais também nascidos e criados na localidade e que não tenham se afastado dela por um período superior a 3 anos.

Para o mapeamento semântico-lexical das comunidades, foi aplicado o *Questionário Semântico-lexical* (QSL) do ALiB, incluindo itens lexicais presentes nas obras de Raimundo (1933), de Mendonça (1935) e de Salles (2003), considerando os campos semânticos utilizados pelo ALiB.

Para a coleta dos dados, recebeu-se apoio das lideranças das comunidades, dos moradores e também de algumas prefeituras e de secretarias de assistência social. Os registros foram efetuados por meio do uso de gravadores digitais profissionais. Os dados foram tratados no programa computacional de anotação linguística ELAN 4.6.1 e depois de transcritos no ELAN, e foram organizados e devidamente lematizados em uma tabela única no Excel para posterior inclusão no banco de dados. Para a elaboração das cartas do AGQUINPA, utilizou-se o *software* de geoprocessamento e de georreferenciamento QGIS 2.8 (versão Wien 2015/2016) e as bases cartográficas do Ministério do Meio Ambiente (MMA100) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

As 153 cartas semântico-lexicais do AGQUINPA mostram uma fotografia da realidade linguística das comunidades quilombolas do Nordeste do Pará. Com a descrição geossociolinguística pluridimensional das seis comunidades quilombolas, é possível situar a variedade estudada como português afro-brasileiro falado em comunidades rurais quilombolas, o que se insere no quadro maior da diversidade linguística da região amazônica e do Brasil como um todo.

Dentre os pontos de inquérito mapeados, as comunidades do Rio Acaraqui/Campompema (Abaetetuba/PA) e Cacau (Colares/PA), as mais antigas dentre as

seis, foram as que apresentaram maior número de variantes, a primeira 450 e a outra 427. Essas duas comunidades também são as mais distantes do centro urbano mais próximo, exibindo maior dificuldade de acesso e de circulação. A comunidade América foi a que apresentou menos variantes únicas em relação aos demais pontos, com 375 variantes, esse resultado pode ser reflexo de fatores extralinguísticos.

Do ponto de vista linguístico, pode-se evidenciar que o falar quilombola mapeado nesta pesquisa está situado dentro do quadro da diversidade linguística amazônica, o que abre espaço para um aprofundamento em termos de análise lexicográfica e etimológica das variantes não dicionarizadas e aquelas de origem africana.

2.2.3 ATLAS LINGUÍSTICO QUILOMBOLA DO MOXOTÓ E IPANEMA DE PERNAMBUCO ALQUIMPE – EDMILSON JOSÉ DE SÁ (2018)

Conforme afirma Sá (2018), os estudos acerca da linguagem falada por quilombolas ainda são escassos no Brasil, em razão da baixa procura do tema pelos estudiosos, falta de financiamento ou alguma outra implicação social. Contudo, essa variação pode ser trabalhada sob a égide da Dialectologia e da Geolinguística, cujos documentos são inseridos e os fenômenos em cartas linguísticas das comunidades investigadas conforme a localização aonde foram mais proeminentes, não eximindo da possibilidade de interpretá-las sociolinguisticamente, como tem ocorrido em atlas linguísticos propostos por Thun e Elizaincín (2000) e uma metodologia amplamente discutida por Margotti (2004, 2008).

Assim, o pioneirismo de Dias (2017) em construir o *Atlas Geossociolinguístico Quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)* como tese de doutorado sob a orientação da professora Marilúcia Oliveira (UFPA) e as análises de alguns fenômenos encontrados em artigos já publicados foram as inspirações para que a construção de um trabalho de mesma tipologia fosse alvitrada.

A pesquisa de pós-doutoramento de Sá ocupou-se em traçar um perfil sobre a vinda dos africanos a Pernambuco no período da escravidão e a constituição de suas comunidades quilombolas remanescentes; apresentar os trabalhos sobre o português falado no estado segundo as contribuições étnicas desses povos; divulgar a metodologia para documentação dos fenômenos lexicais e fonéticos; e apresentar a análise das variedades lexicais, a fim de perceber o que sinaliza a manutenção da cultura africana no estado e o que contribui para sua hibridização.

O ALQUIMIPE é um atlas de pequeno domínio, abrangendo comunidades das mesorregiões do Moxotó e do Ipanema do Estado, cuja proposta metodológica segue os seguintes parâmetros: dois informantes homens de 18 anos a 30 anos e 50 anos a 65 anos e duas mulheres com mesmo perfil etário, localizados nos Quilombos Buenos Aires, Poço Dantas e Urubu no Moxotó, Angico e Mundo no Ipanema, com escolaridade até 5º ano do ensino fundamental – anos iniciais, poucas ausências da comunidade e nenhum problema articulatório.

Por se tratar de um trabalho de natureza dialetal, utilizou-se como metodologia a Geolinguística referendada por Ferreira e Cardoso (1994), Thun e Elizaincín (2000) e Cardoso *et al.* (2014), em que as variedades linguísticas são distribuídas em mapas, constituindo, assim, cartas linguísticas.

Para a coleta dos dados, foram aplicadas perguntas do *Questionário Fonético Fonológico (QFF)* e do *Questionário Semântico-Lexical (QSL)* utilizadas nos inquéritos do ALiB (Cardoso *et al.*, 2014) e em outros trabalhos de mesma natureza, alterando o campo semântico: 'vida urbana' para: 'vida no quilombo', por exemplo. e acrescentando aspectos culturais do quilombo' Em termos mais específicos, foram acrescentadas questões sugeridas em Mendonça (1973), Pereira da Costa (1957) e Lopes (2012), que tratam da cultura eminentemente africana, totalizando 421 itens.

Considerando-se a miscigenação e o contato multiétnico que passou o Estado de Pernambuco, inclusive com comunidades quilombolas relativamente próximas à terras indígenas. Registrou-se um número significativo de variedades catalogadas nas comunidades rurais quilombolas pernambucanas que conservam especificidades etnolinguísticas e que se localizam dentro de um *continuum* de variedades de PB denominadas como português afro-brasileiro.

Para Sá (2018), ainda há muito que se pesquisar, discutir e investigar, pois um trabalho de descrição linguística não acompanha célere evolução, em que palavras são produzidas, substituídas e esquecidas em pouco tempo, tornando a heterogeneidade da língua ainda mais acentuada.

2.2.4 TERRITORIALIZAÇÃO E PERSPECTIVAÇÃO LINGUÍSTICAS: A VARIAÇÃO LEXICAL EM COMUNIDADE QUILOMBOLAS DO BAIXO AMAZONAS – CELIANE SOUSA COSTA (2018)

O respectivo trabalho é um estudo sobre a territorialização linguística do português falado em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas paraense (Abuí, Água Fria, Arapucu, Silêncio, Pacoval de Alenquer, Saracura e Tingu) e com base em uma amostra diversificada e oral das ocorrências léxicas. Para tanto, foi investigado o uso de itens léxicos

e suas correlações entre variantes, contatos intervarietais, espaço pluridimensional e suas implicações na territorialização linguística.

Para desenvolver a pesquisa, norteou-se, como objetivo central, a descrição da variação, buscando, em padrões de variação léxica e em dinâmicas de movimento nos espaços, a identificação de características e de estratégias da territorialização linguística. Mais especificamente, objetivou-se flagrar o comportamento de itens léxicos supostamente representativos ou com potencial de representação simbólica da territorialidade no espaço variacional e sua condição (resistência, neutralidade ou perda) na territorialização.

Importa salientar que não foram utilizadas estratégias de territorialização linguística dos grupos de afro-brasileiros nas comunidades quilombolas do Baixo Amazonas com intuito de direcionar a pesquisa, pois não se pode negligenciar mudanças ocorridas nos espaços em função de relações estabelecidas com outros grupos e reduzir manifestações de territorialização linguísticas a um único recurso para a construção de referencial simbólico.

Amparada na Dialetoologia Pluridimensional (Radtke; Thun, 1996; Thun, 1998, 2009, 2010; Auer; Schmidt, 2010; Altenhofen, 2013, 2014), a pesquisa dedicou-se à identificação das interrelações linguísticas e sociais no espaço variacional para o estudo da variação lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas paraense.

Para os procedimentos de análise, adotaram-se recursos descritivos da Geolinguística aplicados por Thun (1998, 2009, 2010) e Altenhofen (2013, 2014) para apreender a correlação entre variantes, espaço linguístico (com foco na abrangência e no movimento de itens léxicos) e suas implicações na territorialização linguística, ficando evidenciados aspectos quali-quantitativos dos dados.

Apesar da expectativa inicial de, pelo menos, 28 informantes, foram inqueridos apenas 19, em razão da ausência de jovens com o perfil selecionado. Todas as entrevistas foram intermediadas pelas lideranças, seja da comunidade ou da associação. Dentre as 19, 14 entrevistas foram realizadas com a geração mais velha (sete da GIICe e sete da GISe), apenas quatro foram executadas com a geração mais nova escolarizada (GICe de Abuí, de Água Fria, de Pacoval e de Saracura) e uma entrevista com uma jovem sem escolarização (GISe de Abuí), considerando-se quatro grupos por comunidade.

A coleta de dados linguísticos e sociais foi realizada utilizando-se a técnica de entrevista em “Três tempos”, de Thun. Foram aplicados três questionários: questionário relativo à comunidade (QRCO), questionário relativo aos entrevistados (QREN) e questionário relativo à língua (QRLI).

O QRCO continha 26 perguntas inspiradas nos questionários de Souza (2015) para as comunidades afro-brasileiras do Rio Grande do Sul e do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) para os pontos de investigação. O QREN apresentava 31 perguntas, formuladas a partir da ficha do informante do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001) com algumas adaptações. Já o QRLI compreendeu as questões de natureza fonético-fonológica (QFF) e semântico-lexical (QSL) do Projeto ALiB, e foram incluídas ainda 106 questões com novos itens léxicos e campos semânticos ao QSL de modo a contemplar especialmente empréstimos lexicais de línguas africanas, conforme evidenciado por Bonvini (2009). Esse conjunto de novas questões e de campos fizeram parte do que é chamado de QSL-Adapt.

Após o armazenamento e a organização dos dados, eles foram transcritos fonética e ortograficamente, considerando os procedimentos do Projeto ALiB para o QFF e o QSL e do Projeto Vertentes (Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009) para a conversa.

Para análise dos itens léxicos, consideraram-se as tendências do uso linguístico nas comunidades quilombolas e a abrangência desse uso no espaço pluridimensional mais amplo para, a partir do tratamento da variação, delimitar territorialidades e buscar estratégias de territorialização linguística.

A apresentação cartográfica dos dados teve por base acartográfica da Dialectologia Pluridimensional (Thun, 2010). Para tanto, adotaram-se cartas com pontos simbólicos, cujos símbolos são preferencialmente simples, em formato reduzido e em cores preto e branco. Tais recursos amparados na fonte Kiel símbolos, especialmente desenvolvida pelo Projeto ALMA para cartografia linguística.

Foram produzidos mapas pluridimensionais fenotípicos e quantitativos, em que buscou-se destacar a variação a partir da espacialidade, da socialidade (quando da desrealização por grupo) e da temporalidade (especificamente relacionada ao eixo mesocronológico nesta tese).

Dessa maneira, esse estudo geolinguístico da variação lexical mostrou que os itens léxicos analisados, parte do conhecimento linguístico lexical das comunidades quilombolas do Baixo Amazonas, sinalizam evidência do impacto dos contatos estabelecidos na construção do referencial simbólico, com manifesta coesão social e identidade dos grupos de afro-brasileiros, como também revelaram representações simbólicas particulares de usos, motivados pela experiência.

O estudo da variação atestou conhecimento lexical compartilhado e rede de relações estabelecidas entre grupos em diferentes zonas, cuja convergência orienta para conexão entre

representações espaciais. Por outro lado, a variação revelou diferentes formas de apropriação dos itens léxicos nos espaços, cujas divergências demonstraram diversidade nas representações simbólicas. Ambas as situações integram o espaço linguístico que corresponde a um mosaico de representações simbólicas em contínua transformação.

O estudo da variação lexical tornou evidente o espraiamento de representação e de referência simbólicas em diferentes zonas, dada a manutenção de designações e/ou de sentidos de vocábulos, o que, a depender da abrangência dos itens léxicos, reforça casos de regionalismo. De igual modo, a variação manifestou renovação de referência simbólica da territorialidade dada percepção dos grupos, o que reforça flexibilidade e construção contínua das representações.

3 CAPÍTULO – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta os percursos metodológicos que nortearam esta pesquisa, tais como a rede de pontos, o perfil dos informantes, os instrumentos utilizados na coleta de dados, o trabalho de campo e o tratamento dos *corpus*⁹.

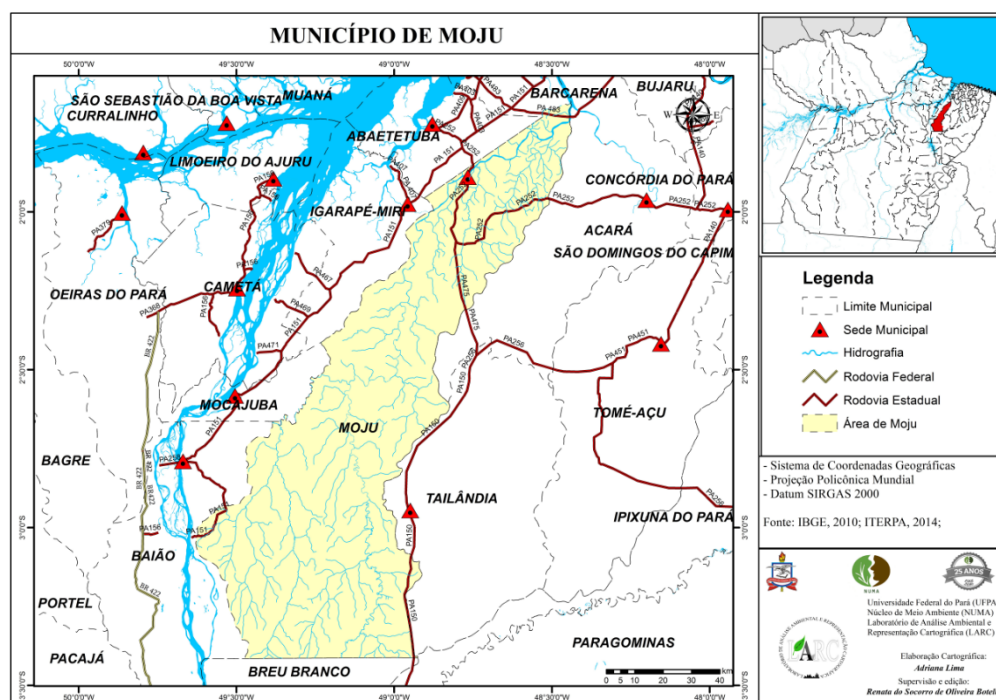
Amparamos a escolha dos pontos de inquérito no território de comunidades remanescentes quilombolas no Pará. O Estado conta com, aproximadamente, 523 Comunidades Remanescentes Quilombolas (CRQs), sendo 264 registradas e 206 certificadas pela Fundação Cultural Palmares. A Região Intermediária de Belém possui três regiões imediatas, conferindo um total de 21 municípios e reúne expressivo número de comunidades quilombolas. A seguir, apresentam-se o município de Moju e as localidades pesquisadas. Discorre-se, ainda neste capítulo, acerca dos informantes selecionados, dos instrumentos utilizados na coleta de dados, do questionário semântico-lexical utilizado na pesquisa e sobre a forma de organização do *corpus* e a cartografia.

3.1 HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE MOJU

O município de Moju pertence à Região Intermediária de Belém e Imediata de Abaetetuba. A sede municipal faz limite ao norte com os municípios de Abaetetuba e de Barcarena; a leste com Acará e Tailândia; ao sul com Município de Breu Branco; e a oeste com Baião, Mocajuba e Igarapé-Miri. Localiza-se a 127 km de Belém e é atravessado pelo Rio Moju, que em tupi significa Rio das Cobras. Recebe o gentílico de mojuense e tem população estimada de 83.039 habitantes (IBGE, 2022), sendo a maioria pertencente à área rural.

⁹ *Corpus* da pesquisa: o trabalho de campo foi realizado após aprovação do Comitê de Ética conforme Parecer Consubstanciado do CEP – Número do Parecer: 6.324.269. Sem necessidade de apreciação da CONEP.

Figura 1 – Mapa do Município de Moju



Fonte: LARC (NUMA/UFPA), autores: Adriana Lima; André Farias; Daniel Sombra (2016).

O Município de Moju originou-se de um povoado fundado nas terras de Antônio Dornelles de Sousa, localizadas dentro da área patrimonial da freguesia de Igarapé-Miri. Segundo Palma Muniz¹⁰ e Theodoro Braga¹¹, esse povoado era conhecido com o nome de Sítio de Antônio Dornelles. Após ter sido doado à Irmandade do Divino Espírito Santo, recebeu a invocação do santo da irmandade. Em julho de 1754, por ocasião da visita realizada ao lugar pelo Bispo do Pará, Frei Miguel de Bulhões, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia.

Entretanto, somente em 1839, mediante a Lei nº 14, de 19 de setembro 1839, é que a condição de Freguesia do Divino Espírito Santo foi reconhecida, ficando desmembrada da freguesia de Igarapé-Miri. A demora por parte dos poderes públicos em reconhecê-la como tal deve-se ao fato de que o povoado apresentou uma fase de decadência e de declínio financeiro bastante significativos, desde a sua elevação eclesiástica até o período de sua independência.

¹⁰ Palma Muniz foi um engenheiro civil e escritor brasileiro paraense, membro fundador do Instituto Histórico e Geográfico, escritor de livros históricos e geográficos. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_de_Palma_Muniz

¹¹ Teodoro José da Silva Braga, mais conhecido como Teodoro Braga, foi um pintor, educador, historiador, escritor, geógrafo e advogado brasileiro. Nascido em Belém no ano de 1872. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Teodoro_Braga.

Com a promulgação da Lei nº 279, de 28 de agosto de 1856, a Freguesia do Divino Espírito Santo foi elevada à categoria de Vila, com o nome de Vila de Moju, e, pelo mesmo ato legal, convertida em município.

O termo quilombo é conceituado por Vicente Salles (2003, p. 222), em sua obra *Vocabulário Crioulo*, como “povoado de ex-escravos negros foragidos; coletivo de mucambo, que é a habitação propriamente dita. Os termos se confundem, como se fossem sinônimos, na documentação histórica do Pará e quase sempre são usados indiferentemente”, entretanto, desde o final do século XX e início do XXI, tem-se exigido novas discussões dessa conceituação, assim como a definição etimológica da palavra quilombo, levando-se em consideração a semântica, a dinâmica e a realidade.

De acordo com Costa Filho (2014), as comunidades remanescentes quilombolas são grupos sociais cuja identidade étnica os distingue do restante da sociedade brasileira; sua identidade é base para sua organização, sua relação com os demais grupos e sua ação política.

As comunidades remanescentes quilombolas têm seu reconhecimento amparado pelo Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que determina, conforme art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), em seu art. 2º, dos procedimentos para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades quilombolas:

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autodefinição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (Brasil, 2003).

O Grupo de Trabalho da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), esclarece que, contemporaneamente, o termo ‘quilombo’ está em processo de ressemantização, possibilitando um novo olhar para a situação de várias comunidades negras do Brasil. Essa compreensão proposta pela ABA tem implicações nos estudos acerca dessa temática, demonstrando empenho em abandonar o conceito de quilombo definido pelo então Conselho Ultramarino, o qual definia como quilombo “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele” (Almeida, 2002) Dito isso, O’Dwyer (2002) contribui acerca do termo quilombo:

O termo não se refere mais a resíduos ou resquícios arqueológicos de ocupação temporal ou de comprovação biológica. Também não se trata de grupos isolados ou de uma população estritamente homogênea. Da mesma forma, nem sempre foram construídos a partir de movimentos insurrecionais ou rebelados, mas, sobretudo, consistem em grupos que desenvolveram práticas cotidianas de resistência na manutenção e reprodução de seus modos de vida característicos e na consolidação de um território próprio [...] (O'Dwyer, 2002, p. 18).

Considerando a definição das características de quilombo, sejam elas: ruralidade, terra de uso comum, apossamento secular, mobilização política de resistência, entre outros, reconhecem-se as comunidades remanescentes quilombolas como “comunidades ou povos tradicionais”.

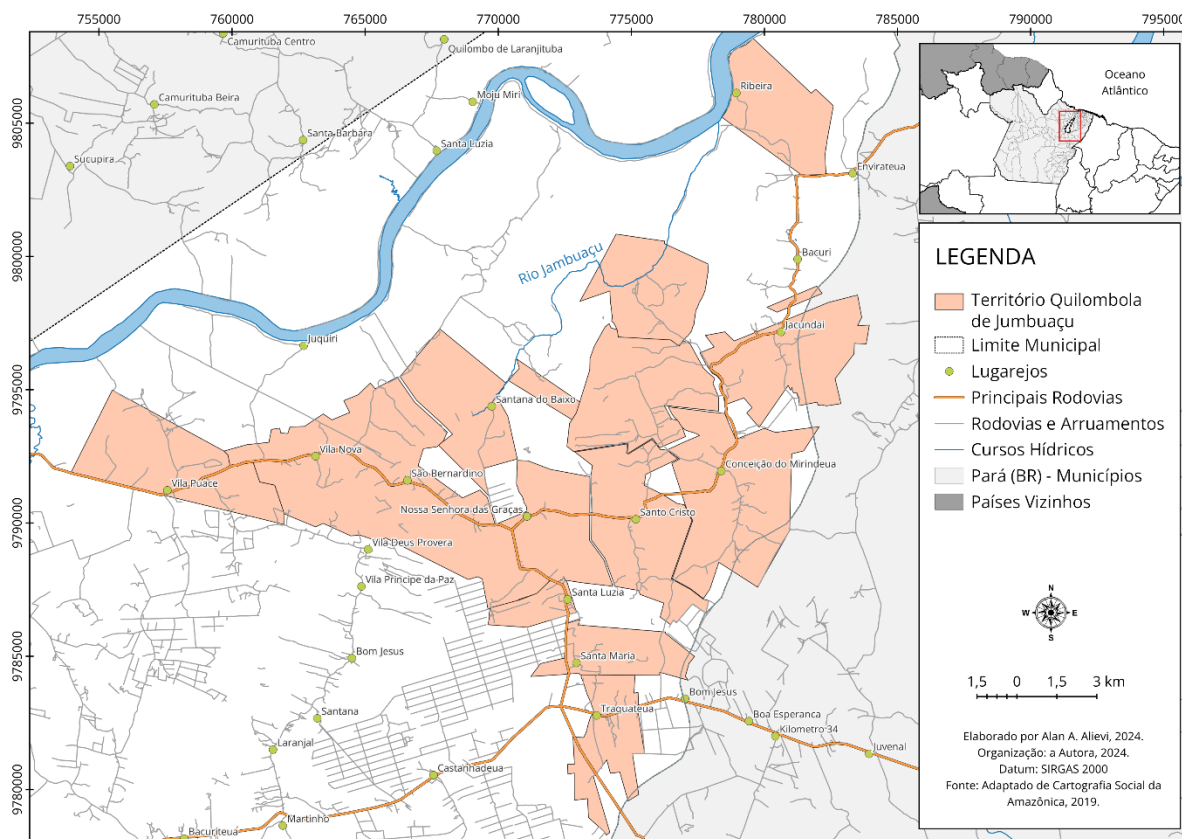
Importa ressaltar que a breve explicação a respeito da recente configuração sobre as comunidades quilombolas é importante informação que ajuda a entender os resultados desta pesquisa.

De acordo com o *Censo 2022*, fonte do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Região Norte do Brasil registra concentração de 166 mil quilombolas, ficando atrás das regiões Nordeste e Sudeste, com 905,4 mil e 182,3 mil habitantes, respectivamente. O Estado do Pará confere o maior quantitativo de territórios quilombolas oficialmente reconhecidos, no qual as comunidades remanescentes de quilombos totalizam 5.638 famílias, distribuídas entre 523 comunidades reconhecidas (Gomes, 2015). O IBGE aponta ainda que o Pará possui uma população quilombola estimada em 135.033, colocando-o ao lado do Estado de Minas Gerais em quantitativo populacional. A Região Nordeste do Pará é a que apresenta o maior crescimento populacional de comunidades remanescentes de quilombo no Estado do Pará, atraindo, dessa maneira, o olhar para esta pesquisa.

A pesquisa foi realizada no Território Quilombola de Jambuaçu, localizado a Nordeste do Estado do Pará, na região imediata de Abaetetuba. O referido território pertence ao Município de Moju – Pará, situado a aproximadamente 127 quilômetros da capital, Belém. O acesso ao território é efetuado via terrestre a partir da Rodovia PA-483, também chamada de Alça Viária do Pará, que é um complexo viário brasileiro de pontes e de estradas do Estado do Pará inaugurado em 2002. Da Alça Viária para a entrada do território, somam-se 7 km pela PA Perna Sul, e da entrada do território para a primeira Comunidade, calcula-se uma média de 10 km.

O território quilombola de Jambuaçu situa-se na Região do Baixo Moju e faz divisa com o município de Acará, ficando às margens do rio que dá nome a ele. Sua ocupação territorial tem em média 58 km de extensão e conta com 15 territórios menores que se organizam em comunidades, sendo todas já certificadas pela Fundação Cultural Palmares e 14 são tituladas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).

Figura 2 – Cartografia do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Alan Alievi (2024).

A formação do território se deu a partir da organização de grupos e de mutirões de pessoas físicas que faziam a roçagem dos terrenos e abriam estradas com as próprias mãos. Com os ataques sofridos por grandes empreendimentos¹², em razão da necessidade de passar (cortar) pelo território, compreendeu-se com o auxílio do Padre Sérgio Toretto¹³ sobre a necessidade de criação das comunidades quilombolas de Jambuaçu a partir da regularização através do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), com a intenção de proteger a floresta e o povo que ali vivia contra a invasão e a utilização indiscriminada do espaço.

¹² Grandes empreendimentos: Reasa Reflorestadora da Amazonia S/A; Cultivo de dendê; Marborges Agroindústria LTDA; Fabricação de óleo refinado e Companhia Vale do Rio Doce, escoamento de matéria-prima.

¹³ Padre Sérgio Toretto levou para o Território de Jambuaçu, a partir da década de 80, a palavra de Deus, a consciência acerca da posse da terra e os caminhos para que ela fosse titularizada.

3.2 REDE DE PONTOS

Para este trabalho, determinaram-se quatro comunidades como rede de pontos, sendo elas: São Manoel, Oxalá de Jacunday, Conceição do Mirindeua e Bom Jesus do Centro Ouro, em que se levou em consideração a rosa dos ventos e a disponibilidade da comunidade na participação da pesquisa. As primeiras formações datam de 1860 e são, segundo os mais antigos, comunidades centenárias com histórias e dinâmicas peculiares que envolvem a defesa e a preservação do território.

O contato para autorização da pesquisa foi realizado pelas redes sociais, *Facebook*, na qual solicitou-se participação no grupo “Juventude Quilombola do Território de Jambuaçu” e através do *Messenger* iniciou-se um diálogo com a liderança de uma das comunidades que orientou e forneceu contato para oficializar a solicitação diante da presidência do território. Seguiram-se os trâmites e, a partir da autorização, iniciaram-se os preparativos para a coleta dos dados. A escolha da rede de pontos seguiu os critérios do Projeto ALiB, que são: demográfico, histórico e cultural, detalhados no Quadro 2.

Quadro 2 – Ponto linguístico e localidade (2023)

Núm. do ponto	Nome da localidade
01	São Manoel
02	Oxalá de Jacunday
03	Conceição do Mirindeua
04	Bom Jesus do Centro Ouro

Elaboração própria (2024)

De acordo com informações da liderança local, presidente do território quilombola, vivem em média 1.400 famílias em todo o território e a principal fonte de renda é a agricultura familiar, como o manejo de farinha, conforme instrumentos exemplificados nas figuras 3 e 4; a extração do açaí *in natura* antes do seu beneficiamento (Figura 5); a plantação de pimenta do reino, a produção de dendê e a recém participação nos Sistemas Agroflorestais (SAF¹⁴),

¹⁴ Sistemas Agroflorestais (SAF) podem ser utilizados como um meio de recuperação florestal e são interessantes em razão de sua diversidade de produtos e da sustentabilidade do sistema, principalmente, no Nordeste Paraense, o qual possui uma predominância de florestas secundárias, chamadas popularmente de “capoeiras”, áreas que podem ser aproveitadas para a sua implantação.

utilizados como meio de recuperação florestal, importantes em razão da sua diversidade de produtos e da sustentabilidade do sistema.

Figura 3 – Utensílio de madeira para escorrimento da mandioca lavada



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 4 – Tacho de torrar farinha de mandioca



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 5 – Açaí *in natura*



Fonte: Dados da pesquisa

3.2.1 Comunidade de São Manoel – Ponto 01

A pesquisa de campo foi iniciada pela comunidade de São Manoel, que fica cerca de 27 quilômetros da PA Perna Sul, Km 7. Entrando pela Perna Sul, uma das entradas do território, passamos por cerca de duas comunidades e cinco vilarejos. A estrada de acesso não tem asfaltamento, sendo ela toda de terra vermelha, piçarra, cercada por vegetação própria do lugar. As figuras 6 e 7 ilustram a paisagem do *locus* da pesquisa.

Figura 6 – Vegetação local (2023)



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 7 – Estrada comunidade do Ponto 01 (2023)



Fonte: Dados da pesquisa

A escolha de iniciar por essa comunidade se deu em virtude de ter sido a primeira a se formar e por questões políticas, já que o presidente do território reside nela, estabelecendo, dessa maneira, uma relação de confiança na própria comunidade e nas demais.

De acordo com um morador, também professor da comunidade de São Manoel, ela tem mais de 170 anos e era de propriedade de um senhor chamado Manoel Gonçalves, apelidado de Grego, o que, segundo ele, indica origem europeia. O Sr. Manoel morava no Porto do Amapá, distante 5 quilômetros de São Manoel. Como ele tinha liderança na redondeza, quando morria alguém, ele levava para ser enterrado no Porto do Amapá, mas em razão de uma intriga entre Sr. Manoel e um homem chamado Siqueira, que, conforme a história contada, tinham uma espécie de sociedade, os mortos não puderam mais ser enterrados no Porto Amapá. Com isso, o Sr. Manoel doou um pequeno pedaço de terra, onde hoje é a Vila de S. Manoel, para que fosse efetuado o cemitério e autorizou que a frente dele servisse para o desembarque dos mortos, a partir desse movimento, a vila foi crescendo e sendo povoada.

A Vila de São Manoel tem em média 85 famílias e reconhecem São Manoel como padroeiro, pois, a partir de relatos, o Sr. Manoel, antigo dono das terras, encomendou de um padre italiano uma imagem de um santo com seu nome, e esta imagem foi colocada na igreja reformada hoje com mais de um século e meio de existência. Os festejos do padroeiro ocorrem em quermesse no mês de junho (observada na Figura 9), que, de acordo com moradores locais, é a maior festa do território. Possui ainda uma praça, uma escola de nível fundamental e um trapiche à beira do Rio Jambuaçu, ilustrada pela Figura 8.

Figura 8 – Rio Jambuaçu (2023)



Fonte: dados da pesquisa

Figura 9 – Imagem da chegada a S. Manoel pelo trapiche (2023)



Fonte: Dados da pesquisa

Figura 10 – 1ª Igreja do território (2023)



Fonte: Dados da pesquisa

No que se refere à recepção da pesquisadora por parte da comunidade, foi amistosa; A líder da Casa das Mulheres Quilombolas Maria Helena facilitou a busca por informantes, a

partir do perfil indicado. A Casa das Mulheres Quilombolas (Figura 11) é um espaço para confecção de artesanatos como bolsas, colares, brincos e pulseiras feitos do caroço do açaí, além de outros que são vendidos em períodos de quermesse e de festejos. Segundo informações da responsável, o nome da casa é uma homenagem a uma moradora local e professora com grande prestígio por sua história de luta e de benfeitorias.

Figura 11 – Casa das mulheres quilombolas



Fonte: dados da pesquisa

3.2.2 Comunidade Conceição do Mirindeua – Ponto 03

A segunda comunidade pesquisada foi Conceição do Mirindeua, fundada no ano de 1857, por General do Espírito Santo, segundo registros do atual presidente da vila e descendente do fundador. O território de Conceição do Mirindeua, em comparação às demais comunidades, é considerado o maior em espaço territorial e populacional, com média estimada em mais de 200 famílias. A padroeira da vila é Nossa Senhora da Conceição e todos os anos, no dia 8 de dezembro, são realizados quermesse e festejos que recebem moradores de outras comunidades do dado território.

Mirindeua, como é mais conhecida, possui duas escolas, sendo uma de ensino fundamental e a outra de ensino médio. A escola de ensino médio recebe alunos de outras comunidades que só possuem escola de nível fundamental. É possível que isso a coloque na posição de comunidade ‘sede’ em relação às demais. A distância entre uma comunidade e outra é em média de 10 km, em razão da distância e por não existir transporte público, as comunidades se organizam para que o ônibus (fruto de doação) que leva os estudantes do horário vespertino, leve de volta os do matutino.

A liderança da Comunidade de Mirindeua foi a pessoa com quem estabeleci o primeiro contato pelas redes sociais, na data combinada para a pesquisa de campo, ele não estava na vila, mas deixou a tia e ex-presidenta (liderança) da comunidade de Mirindeua para receber-nos, ela nos acompanhou até as casas dos possíveis informantes, conforme perfil previamente informado a ela.

3.2.3 Comunidade Remanescente Oxalá de Jacunday – Ponto 02

A comunidade remanescente Oxalá de Jacunday, anteriormente denominada Jacunday, foi fundada em 2002. O nome Jacunday, segundo relato dos moradores, faz alusão ao Igarapé¹⁵ que banha a comunidade. Reza a lenda que, em uma noite de lua cheia, pai e filho foram pescar no Igarapé, quando o menino avistou um cardume de jacundá, falou ao pai: olha o jacundá aí. Desde então, o Igarapé foi batizado de Jacunday e posteriormente deu nome à comunidade.

A comunidade possui aproximadamente 127 famílias, conforme calcula o informante. Dispõe de uma escola que funciona em todos os turnos, sendo o matutino para as séries iniciais, o vespertino para o ensino fundamental II, e o noturno para o ensino médio.

A comunidade tem Santa Maria do Jacunday como padroeira e, nos meses de maio e de junho, são realizados quermesse, encontros e festejos em comemoração. A Igreja Santa Maria de Jacunday é apresentada na Figura 12.

¹⁵ Igarapé: canal estreito e navegável, situado entre duas ilhas de rio ou entre uma ilha de rio e a terra firme [ETIM: tupi **iara*'*pé* 'pequena corrente de água entre ilhas ou trechos de um rio (Houaiss, 2011). **Os igarapés costumam ser rasos, estreitos e são famosos por suas águas geladas.**

Figura 12 – Igreja de Jacunday (2023)



Fonte: Dados da Pesquisa

Jacunday foi a terceira a ser investigada, a liderança local foi receptiva e ofereceu a casa de uma moradora para que a aplicação dos questionários acontecesse. Dessa maneira, a coleta dos dados foi bastante produtiva.

3.2.4 Comunidade Bom Jesus do Centro Ouro – Ponto 04

A quarta e última comunidade é Bom Jesus do Centro Ouro, distante cerca de 20 km de Jacunday. A comunidade do Centro Ouro, fundada em 1988, é a menor em quantitativo populacional, conferindo atualmente 19 famílias.

O padroeiro da comunidade é Bom Jesus e, assim como as outras, tem seu período de quermesse e de festejos realizados no mês de maio. A comunidade não possui praça, escola, as crianças e os jovens em idade escolar deslocam-se para outras comunidades para estudar, e nem centro para reuniões. Quando há necessidade de reunir, o encontro acontece na casa do cofundador, morador mais antigo.

A Comunidade do Centro Ouro está geograficamente localizada próxima às três comunidades que permitiram que uma empresa de mineroduto instalasse tubos subterrâneos para escoamento, além do trânsito livre de caminhões por dentro do território. Tal permissão colocou-as em conflito com as demais.

3.2.5 Observações sobre as localidades

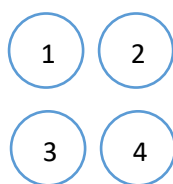
As comunidades do território quilombola de Jambuaçu possuem lideranças locais e um presidente responsável administrativamente por todo o território quilombola. Observamos que: são realizadas reuniões periódicas com os membros da comunidade, ou seja, eles se reúnem para decidir ou resolver questões da comunidade coletivamente, todas as 15 comunidades, para debater, votar ou dirimir conflitos do território; organizam-se em cooperativa, a exemplo da Comunidade de São Manoel, que possui uma modesta fábrica de beneficiamento de açaí com maquinário industrial e concorrendo a licitações para distribuição de açaí para as escolas do Município de Moju; são majoritariamente católicos, embora não haja pároco, eles, conforme narrativa espontânea, vão a missas aos domingos para rezarem e louvarem em coletividade, e, apesar de a maioria ser católica, pudemos observar templos evangélicos em várias comunidades; em diálogo informal e na entrevista inicial, percebemos que existe um movimento migratório interno, dentro do próprio território; promovem campeonatos de futebol masculino e feminino – eles têm os campeonatos como tradição e duram alguns meses; possuem acesso à internet rural, mas não é aberta e os *megabytes* são vendidos por pessoas da própria comunidade, a forma de distribuição não foi explicada; não há posto de saúde e nem posto policial, quando precisam de cuidados médicos ou resolver algum problema de cunho policial, precisam dirigir-se ao Município de Moju, duas situações foram narradas nessa perspectiva. Informaram-nos que, após o falecimento da última parteira da comunidade, as mulheres precisaram deslocar-se ao hospital do Município de Moju para darem à luz, assim como para tratamento relacionados à saúde. Quando perguntados sobre índices de marginalidade, advertiram sobre não haver marginalidade no território, o único episódio foi uma tentativa de abuso contra menores, mas a polícia de Moju foi acionada e compareceram para buscar o abusador.

3.3 INFORMANTES

Para a seleção dos informantes, adotamos os critérios do Projeto ALiB (idade, sexo e naturalidade), com adequação na faixa etária. Este trabalho considerou duas faixas etárias distintas (faixa I: 20-40 anos e faixa II 55-75 anos), de ambos os sexos, naturais da comunidade ou que morem na localidade há, no mínimo, 20 anos.

Em cada localidade, entrevistamos quatro informantes de baixa escolaridade, distribuídos equitativamente segundo a variável sexo e faixa etária. Para tanto, os 16 informantes, sendo 12 de nível fundamental e 4 sem escolarização, foram identificados seguindo o modelo do ALiB, em que se atribui números ímpares para os homens e pares para as mulheres, conforme modelo exposto abaixo.

Figura 13 – Modelo de distribuição dos informantes para a cartografia pluridimensional



- 1: Faixa I – Masculino
- 2: Faixa I – Feminino
- 3: Faixa II – Masculino
- 4: Faixa II – Feminino

Fonte: SGVclin (2015).

Para a coleta de informações sobre hábitos e costumes dos informantes, utilizamos a ficha dos informantes do ALiB, com adaptações e preenchida antes de cada entrevista (Apêndice B). Destacamos que a necessidade de adaptação se deu em virtude da dificuldade de encontrar informantes da primeira faixa etária sem o ensino médio, uma vez que no território há escolas de Ensino Médio.

3.4 INSTRUMENTOS DA COLETA DE DADOS

A pesquisa foi realizada *in loco* com a utilização de um celular e de um *notebook* para gravação e registro dos dados coletados. No momento do inquérito, usaram-se materiais de apoio como álbum de figuras e *reália*, a fim de auxiliar para o melhor entendimento das perguntas. Após cada entrevista, os áudios eram armazenados no computador em razão de o território não possuir internet convencional.

A coleta de dados foi executada a partir da aplicação dos questionários, em sua maioria em ambientes externos, tais como: praça, casa de farinha, quintal e em frente às casas. O trabalho de campo nas duas primeiras comunidades foi realizado no mês de outubro e das duas

últimas no mês de dezembro de 2023. Foram necessários seis dias para concluir as entrevistas, sendo três dias em cada mês. O trabalho foi efetuado com ajuda de dois auxiliares de pesquisa, Rodrigo Souza e Adriane Maciel, ambos professores de língua portuguesa.

3.5 QUESTINÁRIOS

Com o intuito de mapear os itens semântico-lexicais encontrados nas comunidades, aplicaram-se questões do Questionário Semântico-lexical (QSL) do ALiB, incluindo itens lexicais presentes nas obras de Roque (2023), além de questões elaboradas pela própria pesquisadora (Apêndice A).

Importa destacar que a elaboração das questões de própria autoria baseou-se na obra *Vocabulário Crioulo: contribuições do negro no falar regional amazônico* (Salles, 2003) para compor o questionário semântico-lexical, base para análises e produção das cartas linguísticas que constituem o Atlas Semântico-lexical do Território quilombola de Jambuaçu.

O questionário semântico-lexical ¹⁶constituiu-se de um total de 96 questões, distribuídas em 11 campos semânticos, e 34 foram retiradas do questionário do ALiB (1996), 33 do questionário de Roque (2023) e 29 questões de própria autoria.

As lideranças das comunidades – nos pontos linguísticos – cooperaram na busca pelos informantes e fizeram o contato inicial explicando sobre o trabalho acadêmico-científico que estava sendo desenvolvido sobre o território e a possibilidade de visibilidade ou de alcance do território quilombola de Jambuaçu.

Os inquéritos variavam em média de 35 minutos e 40 minutos entre os informantes da primeira faixa etária, já os de segunda faixa etária levavam cerca de 55 minutos a 1 hora para finalizar o questionário. Nos casos em que o informante se mostrava nervoso/tenso ou dizia não lembrar de nada, utilizou-se dos recursos das perguntas distratoras, ou seja, eram feitas perguntas de qualquer natureza, o mais próximo da realidade do inquirido, para que ele tivesse a atenção desviada, o que geralmente aliviava a tensão e melhora o rendimento.

Antes da aplicação dos questionários, os inquiridos eram informados, a partir da leitura do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)*, sobre a necessidade da autorização

16 Questionário Semântico-lexical - das 96 questões semântico-lexicais levantadas na pesquisa de campo, seis não apresentaram variação e 14 não apontaram produtividade. Isso ocorreu principalmente nos seguintes campos semânticos: culinária e religiões e crenças.

para a gravação de voz e da preservação dos seus nomes, sem revelar a natureza linguística do trabalho, como forma de contornar o paradoxo do observador (Labov, 1972).

Importa destacar que o trabalho de campo foi aprovado e seguiu as normas e as diretrizes estabelecidas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisas (ONEP, CEP/UFSC).

3.5.1 Da organização do *corpus* e da cartografia

Os dados coletados gravados pelo aplicativo de gravação de voz do sistema Android, “gravador de voz fácil”, que grava sem interrupção, pausa se necessário e reinicia quando acionado, foram digitalizados em formato .mp3, a fim de realizar a transcrição grafemática e de constituir material para formar banco de dados sonoros, o qual ficará armazenado e disponível na sala da sede do Projeto ALiB – Regional Santa Catarina, nas dependências do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As transcrições grafemáticas seguiram as normas do Projeto ALiB e foram executadas imediatamente posterior a cada período de coleta, ou seja, outubro e dezembro de 2023. Os termos transcritos e analisados foram organizados no banco de dados criado no Programa Excel. A partir do levantamento de todas as variantes lexicais recolhidas pelo QSL, foram organizadas tabelas nas quais constam o número do ponto, o número do informante e suas respectivas respostas. A seguir, exemplo das tabelas elaboradas.

Figura 14 – Tabela de tratamento e tabulação dos dados (2023)

Ponto	Localidade	Informante	Resp 1	Resp 2
1	S. Manoel	01	kaua	
1	S. Manoel	02	dragão	
1	S. Manoel	03	Não soube	
1	S. Manoel	04	kaua	
2	Jacunday	01	kaua	caba
2	Jacunday	02	caba	
2	Jacunday	03	kaua	
2	Jacunday	04	sará	
3	C. Mirindeua	01	kaua	
3	C. Mirindeua	02	kaua	
3	C. Mirindeua	03	mangaua	kaua
3	C. Mirindeua	04	kaua	mangaua
4	Centro Ouro	01	kaua	
4	Centro Ouro	02	kaua	

Fonte: dados da pesquisa

Após a transcrição grafemática, o tratamento e a tabulação dos dados, fizemos a revisão e a análise para então iniciar o procedimento de cartografia por meio do *Software para geração e visualização de cartas linguística* (SGVclin) (Romano; Seabra; Oliveira, 2014). Alguns parâmetros foram estabelecidos com o intuito de facilitar a leitura visual das cartas. Desse modo, a cruz foi escolhida para representar os quatro informantes de cada ponto

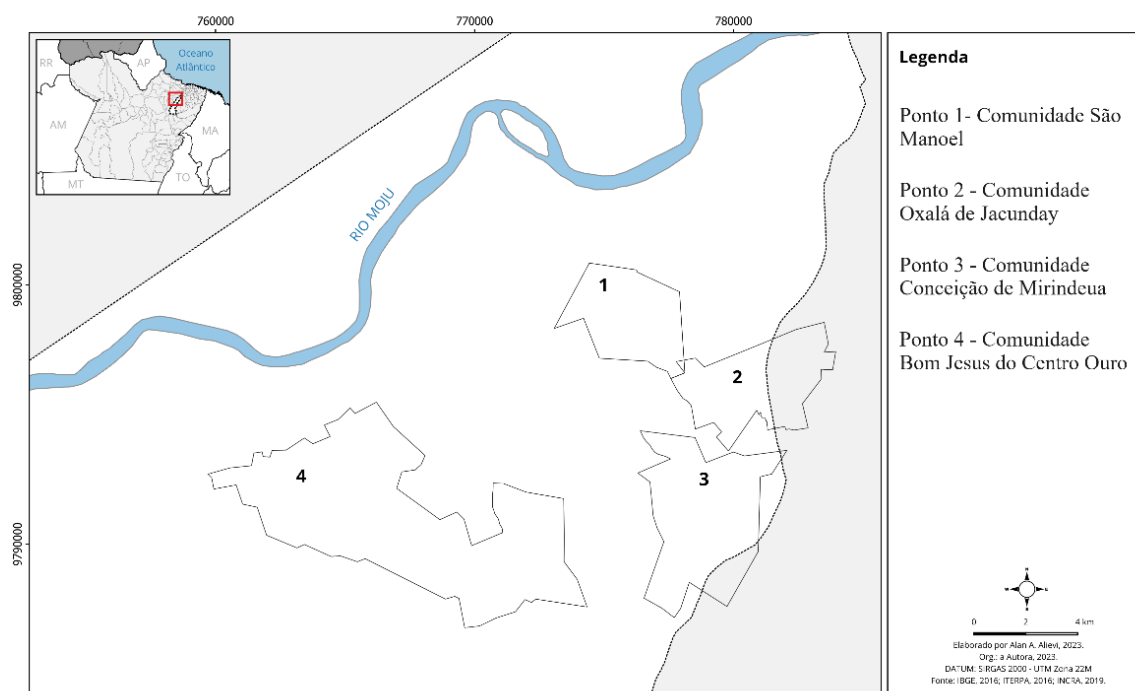
linguístico, na qual do lado esquerdo da cruz encontram-se os dados referentes aos homens e do lado direito às mulheres.

O mapa base adotado para este trabalho foi elaborado por um geógrafo especialista em confecção de mapas e de cartas-base, Alan Alievi. Para a produção da carta em questão, utilizamos o aplicativo QGIS versão 3.28, para Windows 10. Dentre as operações realizadas para tal, foram obtidos *shapefiles* na área de estudo com o banco de dados do IBGE, na seção de Geociências – Divisão Territorial Brasileira (DTB) –, bem como nos bancos de dados do Instituto de Terras do Pará (ITERPA) e do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra). A escala utilizada foi de 1:150.000 e, dada a especificidade do recorte espacial, foram realizadas operações de recorte de elementos espaciais (geoprocessamento e recorte) e criação do novo *shapefile* (pontos georreferenciados) com as localidades de pesquisa.

Finalizado este processo, foram gerados os produtos cartográficos em formato .png (do inglês – *Portable Network Graphics*) em alta qualidade e com resolução de 300 dpi.

Figura 15 – Carta-base do *Atlas Semântico Lexical de Jambuaçu* (2023)

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Alievi (2023).

No capítulo a seguir, abordaremos a descrição e a análise das variantes lexicais registradas na pesquisa, que se apresentam por meio de cartografias linguísticas. A título de amostra, foram escolhidas, para esta dissertação, seis questões cartografadas, cujos dados constam nas cartas linguísticas monodimensionais¹⁷ e pluridimensionais¹⁸, para tanto, cada questão apresentará duas cartas linguísticas, identificadas pelo número da questão e, nos casos das cartas pluridimensionais, acrescentada a letra “A”, a saber: Carta linguística 13 (carta monodimensional) e Carta linguística 13 – A (carta pluridimensional); Carta linguística 14 e Carta linguística 14 – A; Carta linguística 25 e Carta linguística 25 – A; Carta linguística 31 e Carta linguística 31 – A; Carta linguística 34 e Carta linguística 34 – A e Carta linguística 36 e Carta linguística 36 – A.

Cabe observar que a elaboração do *Atlas Semântico-Lexical do Território Quilombola de Jambuaçu-Moju (PA)* está em fase de cartografiação para futura divulgação. Portanto, os dados apresentados neste estudo são apenas um recorte dos constantes do *corpus* organizado e sistematizado para a elaboração do atlas.

¹⁷ Cartas linguísticas monodimensionais: cartas com indicação exclusiva de variação diatópica, ou seja, trabalham apenas com a perspectiva monodimensional, sem estabelecer critérios que distingam os informantes em relação à faixa etária, ao gênero ou à escolaridade.

¹⁸ Cartas linguísticas pluridimensionais: exibem dimensões variadas de pesquisa linguístico-social. A relação entre os fatos linguísticos e sociais se torna explícita a partir da organização e da leitura vertical dos dados recolhidos.

4 APRESENTAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS GEOLINGUÍSTICOS E PLURIDIMENSIONAIS

Para elaboração das cartas linguísticas levamos em consideração alguns aspectos, tais como: frequência geral e distribuição das variantes. As seis questões escolhidas, 13, 14, 25, 31, 34 e 36 foram elaboradas por apresentarem respostas em todos os pontos de inquérito e respondidos por, pelo menos, metade dos colaboradores em cada um desses pontos de inquérito e apresentam alguns padrões de variação que merecem ser destacados neste trabalho.

Dito isto, destacamos que os dados cartografados para as seguintes questões do QSL: 13, 14, 25 e 31, referentes a *marimbondo*; *carcunda/dorso/cangote*; *pessoa pouco inteligente* e *cigarro de palha*, respectivamente, foram comparados com dados do AGQUINPA, de Dias (2017), sendo as duas últimas coincidentes com o QSL do Projeto ALiB.

Para auxiliar na análise, foram consultados dicionários como Cunha (1989, 2019) Ferreira (2004), Houaiss (2011) e [2024], e Lopes (2020), a fim de verificar a etimologia e o significado das variantes levantadas. Assim sendo, apresentam-se os resultados em cartas linguísticas dos léxicos/variáveis encontrados, sendo a primeira para *marimbondo* (QSL 013); a segunda para *ca(r)cunda/dorso/cangote* (QSL 014); a terceira apresenta as formas lexicais para *pessoa pouco inteligente* (QSL 025); a quarta revela as poucas variáveis para *cigarro de palha* (QSL 031); a quinta mostra os termos encontrados para a variante *fluxico* (QSL 034) e a sexta espelha as variáveis de *boró* (QSL 036). As demais cartas serão expostas no Volume II desta dissertação, a ser publicada com o *Atlas semântico-lexical do território quilombolas de Jambuaçu, Moju – Pará*, futuramente

4.1 ASPECTOS LEXICAIS DO ESTUDO

Considerando-se que o objetivo geral do trabalho é descrever e analisar aspectos da variação lexical da comunidade estudada, serão apresentados os resultados de seis questões cartografadas para o Atlas, sendo elas: 13, 14, 25, 31, 34 e 36. Dentre elas, três cartas (14 – A, 25 – A e 31 – A) foram comparadas com cartas linguísticas coincidentes com o AGQUINPA, de Dias (2017), trabalho este pioneiro no estudo geolinguístico de comunidades tradicionais nortistas.

4.1.1 Descrição parcial dos resultados

No Questionário Semântico Lexical desenvolvido nesta pesquisa, o campo semântico Fauna apresenta quatro questões, na perspectiva da recolha de variantes relacionadas a esse campo. Nesta oportunidade, desenvolveremos a descrição dos dados para a questão 013 – Marimbondo: “como chama aqueles insetos que constroem ninhos e têm dolorosa ferroadá?”, questionamento este proposto pela autora.

Com o propósito de facilitar o entendimento das perguntas, utilizamos álbum de figuras como aporte para a aplicação do questionário semântico-lexical.

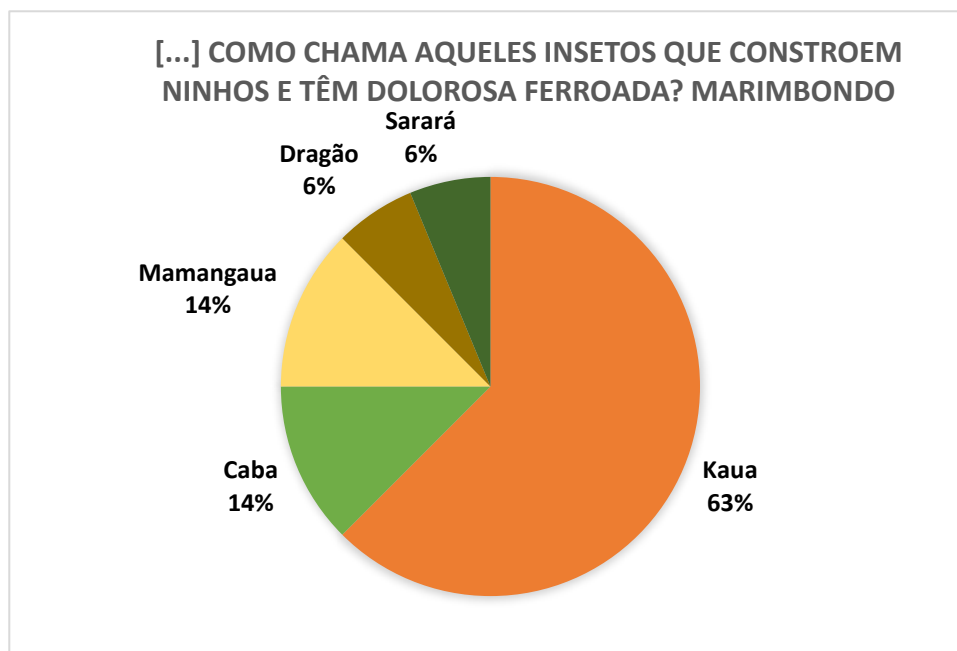
As variantes encontradas para a questão do QSL 013 desta pesquisa – campo semântico fauna – foram analisadas a partir dos dados obtidos através das respostas de 16 informantes do Território Quilombola de Jambuaçu, em que foram auferidas cinco (05) variantes distintas para o questionamento, a saber: *kaua* com dez ocorrências (63%), as outras quatro variantes observadas foram: *caba* e *mamangaua* com duas ocorrências para cada, ou seja, (14%); *dragão* e *sarará* com uma ocorrência cada (6%).

Verificamos, então, que, apesar da prevalência do termo *kaua*, há relativa heterogeneidade lexical no território.

Na capital do Estado do Pará, Belém, ouvimos com naturalidade o termo “casa de caba”, já o termo “ninho de caba” gera relativo estranhamento. Dessa maneira, entendemos que a melhor formatação para esta questão seria: “como se chama aqueles insetos que constroem casa e têm dolorosa ferroadá?”

Em dados percentuais, esses resultados estão representados na Figura 16.

Figura 16 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 013 do QSL

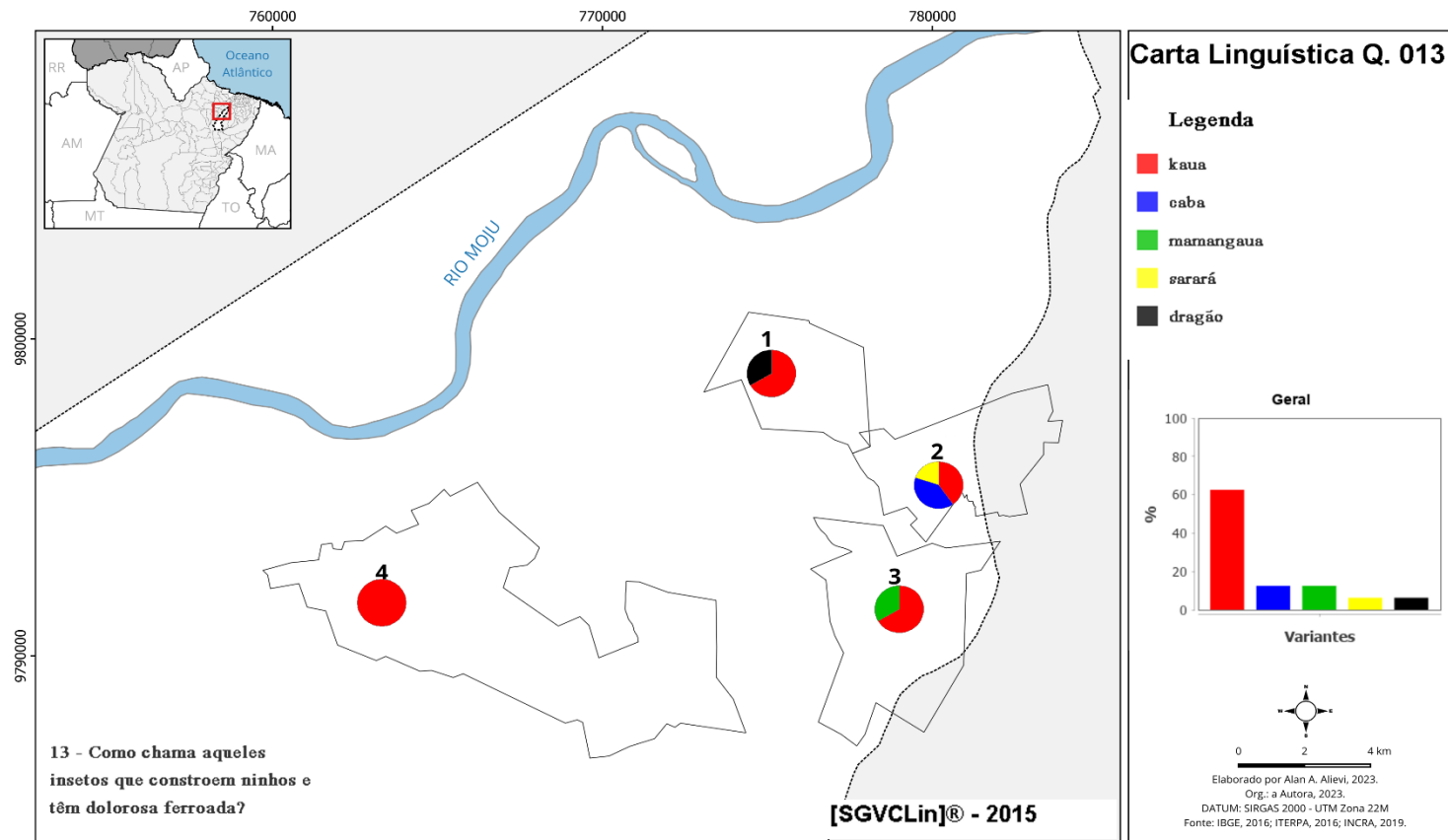


Fonte: dados da pesquisa

As respostas da questão 013 constam na Figura 17 da *Carta Linguística Monodimensional* e na Figura 18 da *Carta Linguística Pluridimensional*.

Figura 17 – Carta Linguística – 01 das variantes lexicais para a questão 013

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

Na carta L01, observamos que a variante *kaua* prevaleceu em todos os pontos de inquérito. As variantes *caba*, *dragão*, *mamangaua* e *sarará*, com uma ocorrência cada.

Houaiss (2011) determina que o referente *Caba* trata-se de um Etim tupi, encontrado principalmente na Amazônia brasileira, com designação comum para inseto vespídeo. Cunha colabora estabelecendo que *Caba* é um nome tupi designado às vespas sociais com variação para *Kava*.

A variante *Kaua* foi encontrada como termo derivado de *Caba*. Este apresenta dois registros na comunidade de Jacunday. Para o termo *Kaua*, não foi encontrada significação nos dicionários pesquisados, embora tenha sido registradas várias ocorrências em todos os pontos de inquérito, podendo indicar que a forma possa ser natural na zona rural.

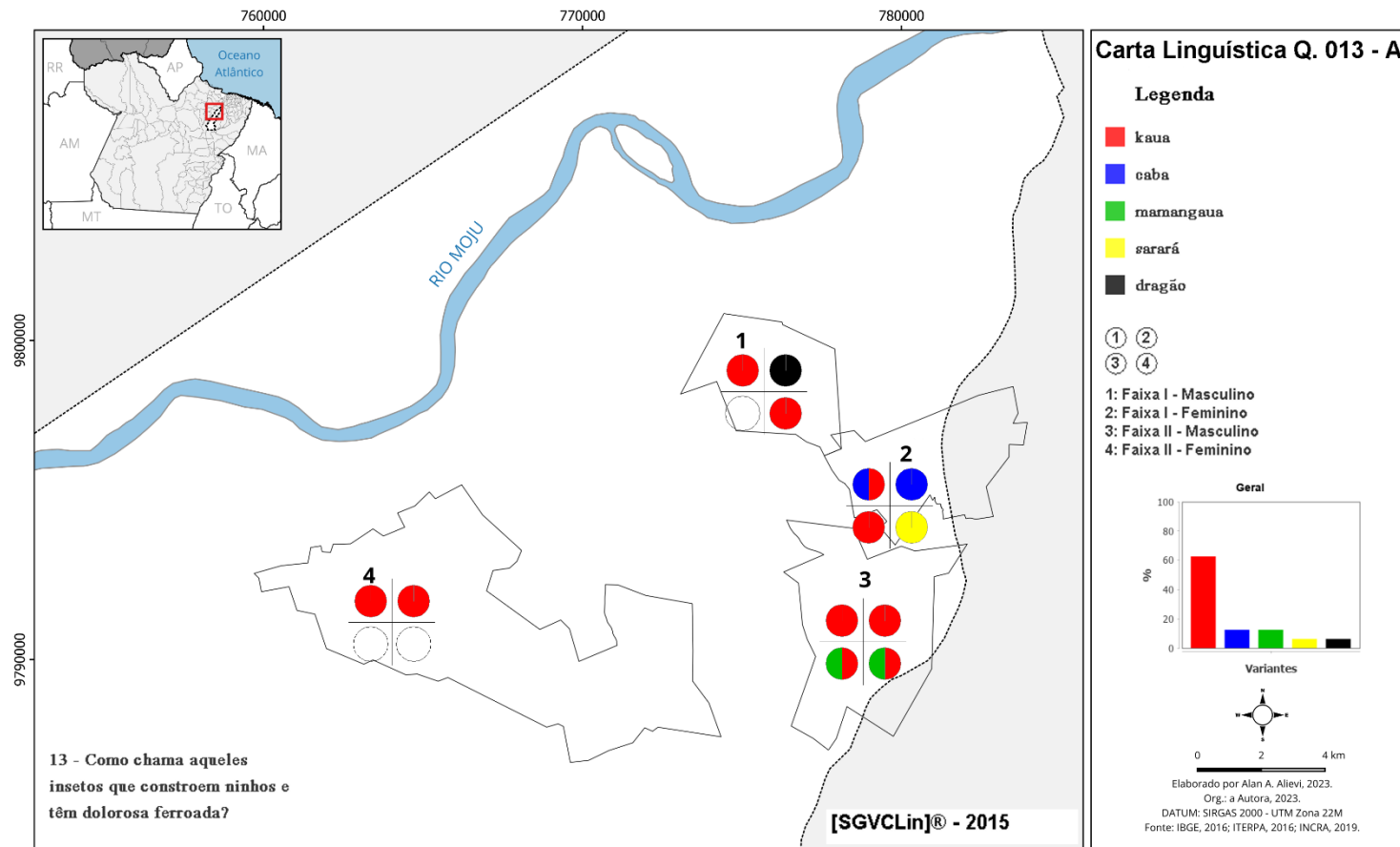
Houaiss (2011) define o termo *sarará* como inseto noturno arruivado, indica ainda, ter procedência do étimo tupi *sara'ra* como variedade de mariposa de cor fulva']. A variante *sarará* teve apenas uma ocorrência na comunidade de Jacunday.

O termo *dragão* não foi encontrado nesse contexto nos dicionários pesquisados, houve um registro para esta variante no ponto de inquérito 01 (S. Manoel).

A variante *mamangaua*, com registro de duas ocorrências no ponto linguístico 03 (C. de Mirindeua), não há registro nos dicionários consultados, entretanto suspeitamos que o léxico *mamangaua* seja resultado de um metaplasmo de *mamangaba* ou de *mamangava*, que de acordo com Houaiss (2011), refere-se à abelha grande, com abdômen largo e com pelos, geralmente negra e amarela do étimo tupi *manga'nga*.

Figura 18 – Carta Linguística – 2 das variantes lexicais para a questão 013 – A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

A Carta L02, com os resultados referentes à dimensão diassexual e diageracional, ou seja, a relação dos resultados entre homens e mulheres e faixa etária, evidenciou a variante *kaua* com cinco ocorrências entre os homens e quatro ocorrências entre as mulheres. A variante *caba* apresentou duas ocorrências, sendo uma para mulher e a outra resposta para homem, da mesma forma o termo *mamangaua* teve uma ocorrência para homem e uma ocorrência para mulher. Registramos entre os dados pesquisados as variantes *dragão e sarará* com uso exclusivo por mulheres, com uma ocorrência cada.

No que concerne à variável diageracional, ou seja, o produto das comparações entre as gerações dos perfis (I e II), os resultados mostram que a variante *kaua* prevalece entre os mais jovens com seis ocorrências em relação as três ocorrências registradas na reposta dos mais velhos, já as demais variantes revelaram heterogeneidade, sem prevalência por faixa etária.

Consideramos, portanto, que a questão 013 teve boa produtividade com 16 respostas, com predomínio da varia *kaua* em todos os pontos de inquérito, sobretudo pelos homens da faixa etária I. As demais variantes foram registradas na fala das mulheres, nas duas faixas etárias.

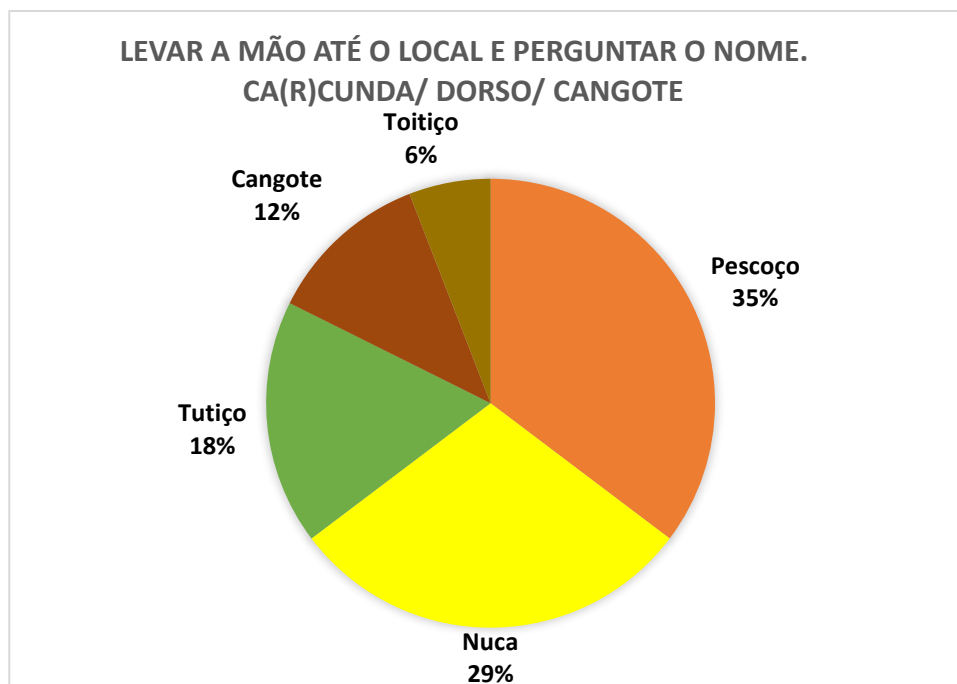
Continuando nossas análises, no *Questionário Semântico Lexical* desenvolvido neste trabalho, o campo semântico ‘Corpo Humano’, que compreende uma variedade de termos e de expressões relacionadas às partes do corpo, apresenta três questões. Desenvolveremos a análise para a questão 014 – ca(r)cunda/ dorso/ cangote: “Levar a mão até o local e perguntar o nome” (própria autoria).

As variantes encontradas para a questão do QSL 014 desta foram registradas a partir dos dados obtidos através das respostas de 16 informantes do Território Quilombola de Jambuaçu, revelando uso de quatro variantes lexicais, perfazendo um total de 17 respostas, excluída uma resposta por exegese.

As quatro variantes diferentes apontadas na questão foram: *pescoço*, *tutiço/toitiço*, *nuca* e *cangote*. O termo *pescoço* registrou seis ocorrências, *nuca* exibe cinco ocorrências. Já as variantes *tutiço/ toitiço* quatro ocorrências. Para o termo *cangote*, registramos duas ocorrências.

Observamos, então, que das 17 respostas da questão 014, os termos *pescoço* e *nuca* prevaleceram em relação aos demais registros, demonstrando relativa heterogeneidade lexical nos pontos pesquisados no território. A representação dos resultados em dados percentuais está exposta na Figura 19.

Figura 19 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 014 QSL

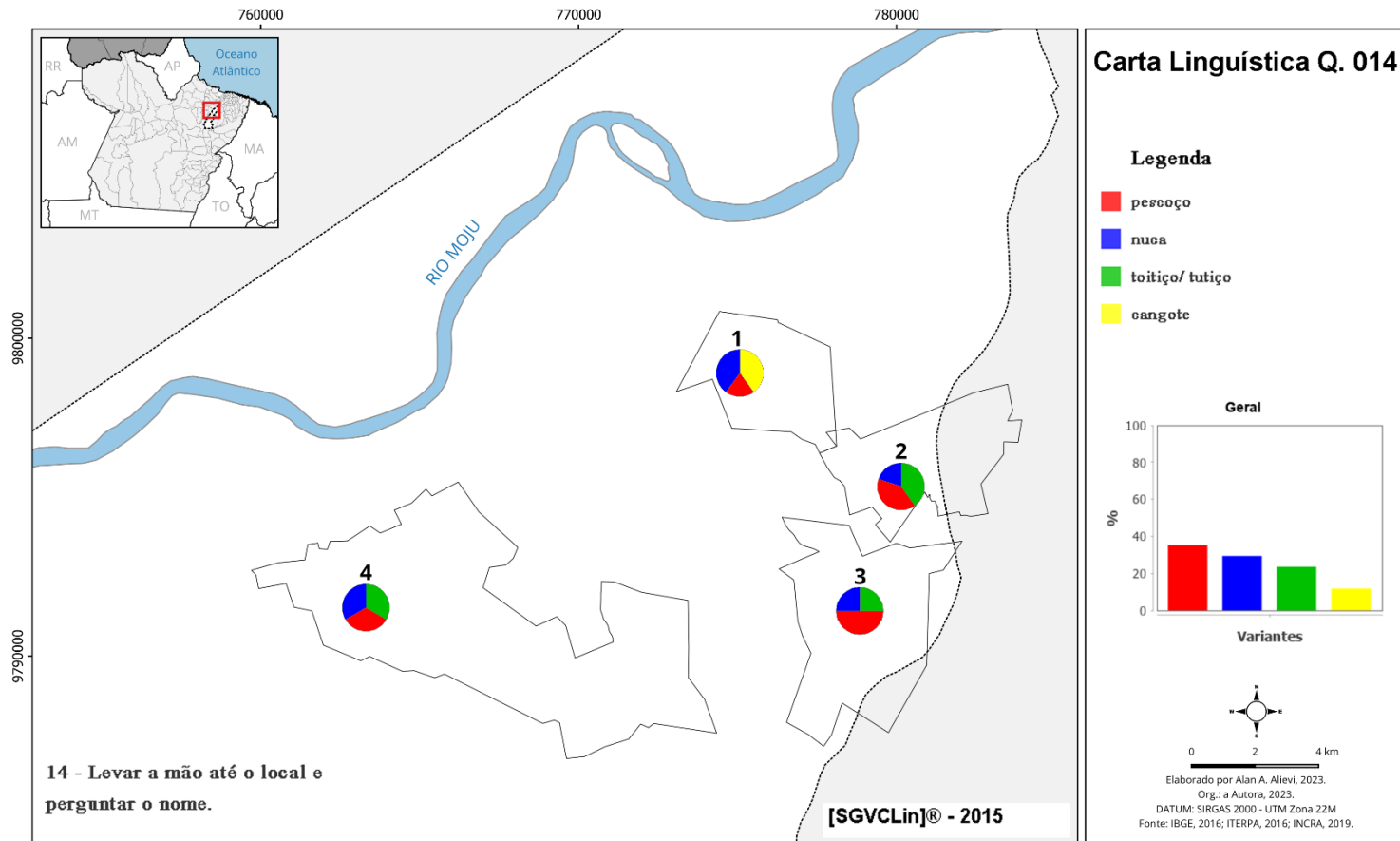


Fonte: Dados da pesquisa

Na figura acima, os dados percentuais demonstram a produtividade das lexias, a exemplo da variante *pescoço* com 35%, *nuca* 29%, *tutiço/toitiço* 24% e *cangote* com 12%. As respostas da questão 014 serão apresentadas na Figura 18 da *Carta Linguística Monodimensional* e na Figura 19 *Carta Linguística Pluridimensional*.

Figura 20 – Carta Linguística – 03 das variantes lexicais para a questão 014

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: dados da pesquisa

Na Carta L03, é possível conferir relativo índice de variação com, pelo menos, três variantes em cada ponto de inquérito: ponto 01 (S. Manoel) *cangote e nuca* com duas ocorrências, e *pescoço* com uma ocorrência; ponto 02 (Jacunday) *pescoço* com duas ocorrências, *tutiço/toitiço* com duas ocorrências e *nuca* com uma ocorrência; ponto 03 (C. Mirindeua) *pescoço* com duas ocorrências, *tutiço/toitiço* e *nuca* com uma ocorrência cada; e ponto 04 (Centro Ouro) *pescoço*, *tutiço/toitiço*, *costa* e *nuca* com uma ocorrência cada, podendo indicar que os pontos linguísticos pesquisados apresentaram diversidade lexical.

Para Houaiss [2024], *cangote* é sinônimo de *cogote*, influência de *canga* no sentido de 'jugo com que se unem os bois pelo cachaço. Lopes (2012) determina *cangote s.m.* *cogote* e afirma origem banta “cf. *en-goti* e outras palavras significando *pescoço*”. Segundo ele, M. Guthrie, *Comparative bantu*, lista o vocábulo *en-goti*, *pescoço*, do *cuanhama*, língua do Sudoeste de Angola. Preferimos, então, a seguinte enunciação da etimologia: de étimo banto, através do espanhol *cogote*.

As respostas das lexias *pescoço*, *nuca* e *cangote* já eram esperadas por serem palavras do senso comum e que representam um tipo de generalização por parte do informante.

Ferreira (2004) define que *toitiço* é uma variação de *toutiço*. Para o autor, *toutiço* é a combinação de [*touta* + (*d*)*iço*], ou seja, “alto da cabeça” + *iço*. Entendemos, portanto, que o termo *toutiço* é resultado do processo de formação de palavras por aglutinação¹⁹. Já a variante *tutiço*, não dicionarizada, pensamos tratar-se de um processo de monotongação²⁰.

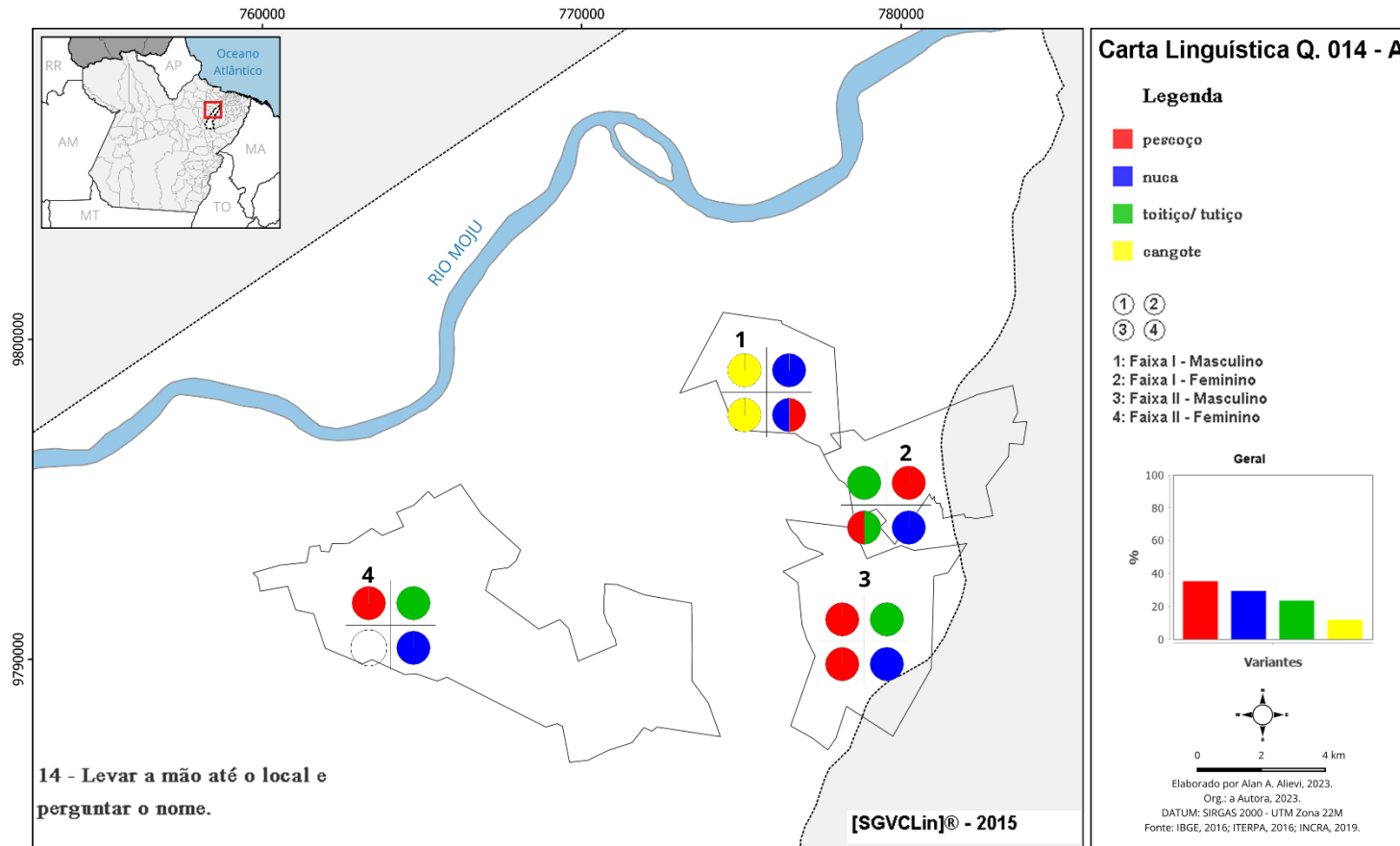
Apresentamos, a seguir, a Carta Linguística 04 para as denominações das variantes lexicais para a questão 014 – A.

¹⁹ A aglutinação é o processo de composição de palavras pelo qual duas ou mais palavras se juntam, para formarem uma palavra nova, com perda de fonemas e de acentuação.

²⁰ A monotongação é o processo fonético em que um ditongo é realizado como uma vogal simples, decorrente do apagamento da semivogal do ditongo.

Figura 21 – Carta Linguística – 04 das variantes lexicais para a questão 014 – A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

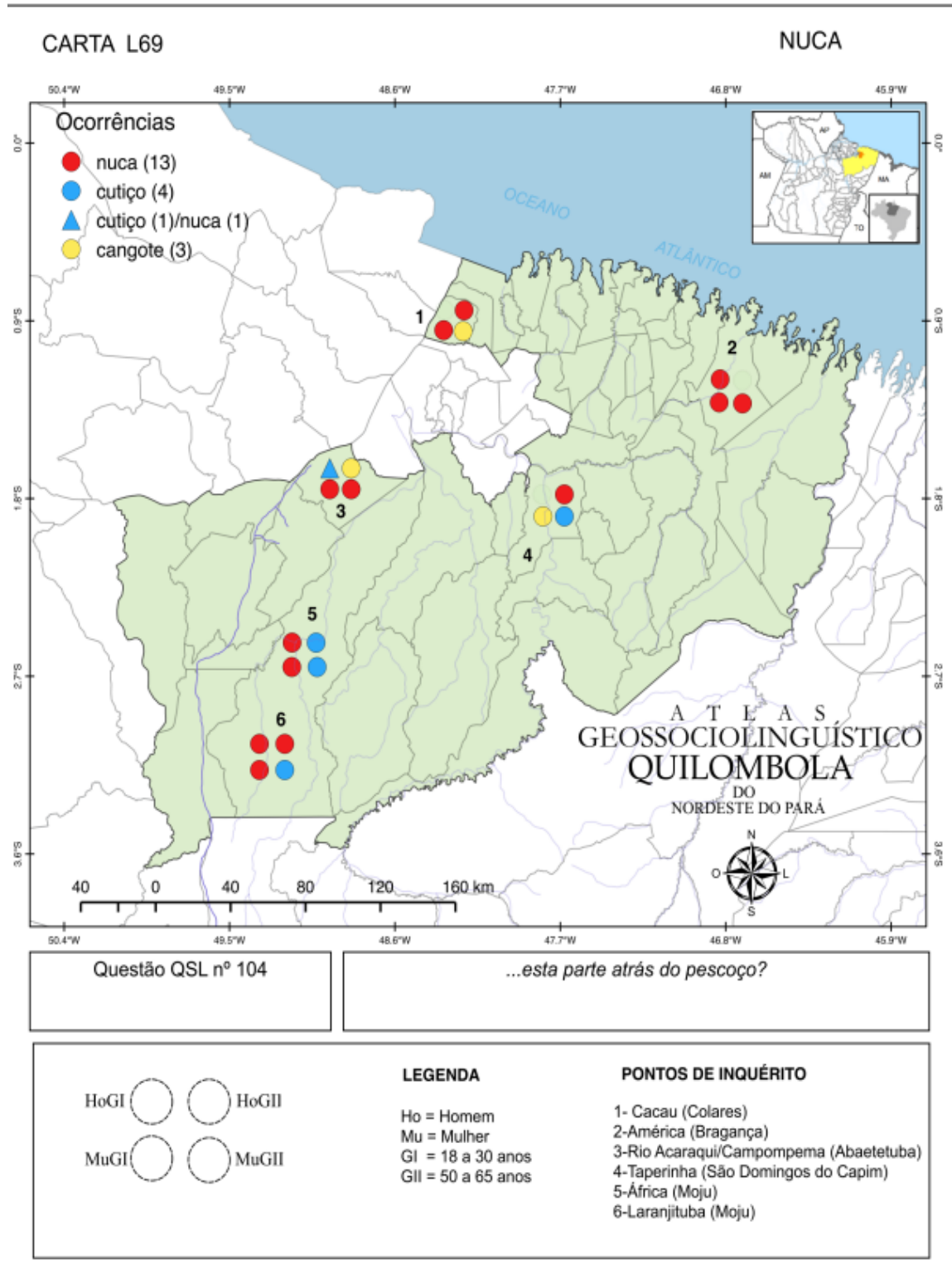
A Carta L04, de dimensão pluridimensional, apresenta ocorrências segundo as variáveis sexo e faixa etária. No tocante à variável sexo, observamos que a variante *nuca* exibiu ocorrências exclusivamente por mulheres, conferindo cinco, já a variante *pescoço* prevaleceu entre os homens com quatro ocorrências e duas entre as mulheres. A lexia *cangote*, com duas ocorrências, foi registrada exclusivamente na fala de homens.

Os resultados referentes à variável diageracional mostraram a variante *nuca* sobressaindo na faixa etária II. Os termos *tutiço/toitiço* retrataram diversidade diageracional e diassexual nos pontos pesquisados, distribuindo-se como segue: homem faixa etária I, uma ocorrência e faixa etária II uma ocorrência, e para mulher faixa etária I, duas ocorrências.

A seguir, exhibe-se a Carta L69 – dados do AGQUINPA (Dias, 2017) para uma análise comparativa com os dados desta pesquisa (Carta L04).

Figura 22 – Carta L69 AGQUINPA (Dias, 2017)

Imagem 100 - Carta L69 – questão QSL 104 (nuca).



Fonte: Dias (2017) – dados AGQUINPA.

Parafrazeando a análise de Dias (2017) AGQUINPA, a variante *nuca* apresentou sete ocorrências entre as mulheres e seis entre os homens, portanto observamos pouca diferença do ponto de vista diasssexual. Já segunda variante de maior ocorrência (*cutiço*) também exibiu pequena diferença entre homens (duas ocorrências) e mulheres (três ocorrências).

Nos resultados do AGQUINPA, a dimensão diageracional mostrou a variante *nuca* prevalecendo entre os mais jovens, com oito ocorrências no total, ante as seis ocorrências registradas entre os mais velhos.

Já a variante *cutiço* prevaleceu entre os mais velhos, com quatro ocorrências, enquanto entre os mais jovens registramos apenas uma ocorrência para essa mesma variante. Por fim, a variante *cangote* apresentou duas ocorrências entre os colaboradores mais velhos e uma única ocorrência entre os mais jovens.

Em comparação com a Carta L69 – dados do AGQUINPA (Dias, 2017) com nossos dados, notamos que as variações *nuca* e *cangote* mostraram a primeira com elevado índice, somando 13 ocorrências e a segunda com 3. Nos pontos 5 (África) e 6 (Laranjituba) do AGQUINPA, especificamente, comunidades quilombolas situadas no Alto Moju foram coletadas as formas *nuca* (com 5 ocorrências) e *cutiço* (com 3 ocorrências), por conseguinte, comunidades próximas ao território pesquisado localizado no Baixo Moju, onde houve prevalência da variação *nuca* e coletado termo semelhante a *cutiço* – *tutiço/toitiço*.

O termo *cutiço* levantado por Dias (2017) com cinco ocorrências, dentro de uma perspectiva geral, ou seja, considerando todos os pontos de inquérito, sugere variação para as lexias *tutiço/toitiço* com quatro ocorrências. Para melhor visualização dos termos (*cangote* e *tutiço/toitiço/cutiço*) em comparação, segue o quadro com número de ocorrências correspondentes.

Quadro 3 – Comparativo AGQUINPA e dados da pesquisa

	Léxico	Homem faixa I	Homem faixa II	Mulher faixa I	Mulher faixa II
AGQUINPA/ Dados da pesquisa	<i>Cangote</i>	01	01	-	01
Dados da pesquisa	<i>Tutiço/toitiço</i>	01	01	02	-
AGQUINPA	<i>Cutiço</i>	01	01	-	03

Elaboração própria (2024)

O quadro acima demonstra que, em uma visão geral, no que se refere ao comparativo da dimensão diasssexual, há equilíbrio entre os sexos, porém, se olharmos exclusivamente para

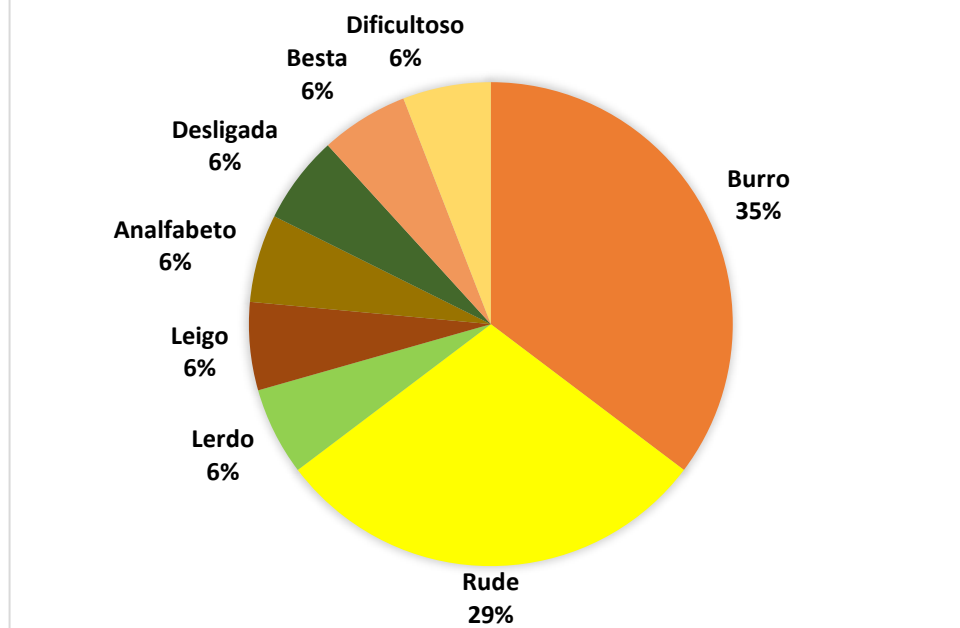
cangote, houve mais ocorrências pelos homens. Para os termos *tutiço/toitiço* e *cutiço*, houve equilíbrio em um modo geral.

Consideramos, dessa forma, que a questão 014 teve boa produtividade com 17 respostas, com predomínio das variantes *pesçoço* e *nuca*, registradas em todos os pontos de inquérito. Importa destacar que a variante *nuca* foi assinalada exclusivamente por mulheres da faixa I. Destacamos as variantes *tutiço/toitiço* registradas majoritariamente por informantes da faixa I dos pontos 2, 3 e 4, em concorrência perfeita com a variante *pesçoço*.

O termo *cangote/cogote* merece nossa atenção, por tratar-se de um étimo banto, logo uma africana, utilizada no contexto da pesquisa, exclusivamente por homens do ponto linguístico 1 (comunidade S. Manoel). Embora reconheçamos a palavra *cangote* comum ao vocabulário brasileiro, sua origem, africana, é novidade para muitos. Grosso modo, é possível dizer que a palavra *cangote* vem sendo substituída por *nuca* e/ou por *pesçoço*. Ponderemos, então, a partir dessa amostra pouco significativa nas comunidades quilombolas, se é possível falarmos em descroulização, como pontua Mattos e Silva (2004), considerada a afirmação de Lucchesi (2004) sobre a crioulização do PB.

Nesta pesquisa, o Questionário Semântico Lexical compreende o campo semântico ‘Convívio e Comportamento Social’ relacionado à maneira que o ser humano se expressa individual e socialmente, para além das especificidades e das características psicológicas e comportamentais, esse campo semântico contém 22 questões, no entanto, para esta dissertação, realizamos descrição de quatro questões, sendo elas: Q.025 pessoa pouco inteligente; Q. 031 cigarro de palha; Q. 034 fuxico; e Q.036 boró. Respeitando a ordem sequencial, iniciaremos pela Q. 025: “[...] a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?” (COMISSÃO NACIONAL, 2001).

Figura 23 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 025.QSL
 [...] A PESSOA QUE TEM DIFICULDADE DE APRENDER AS
 COISAS? PESSOA POUCO INTELIGENTE

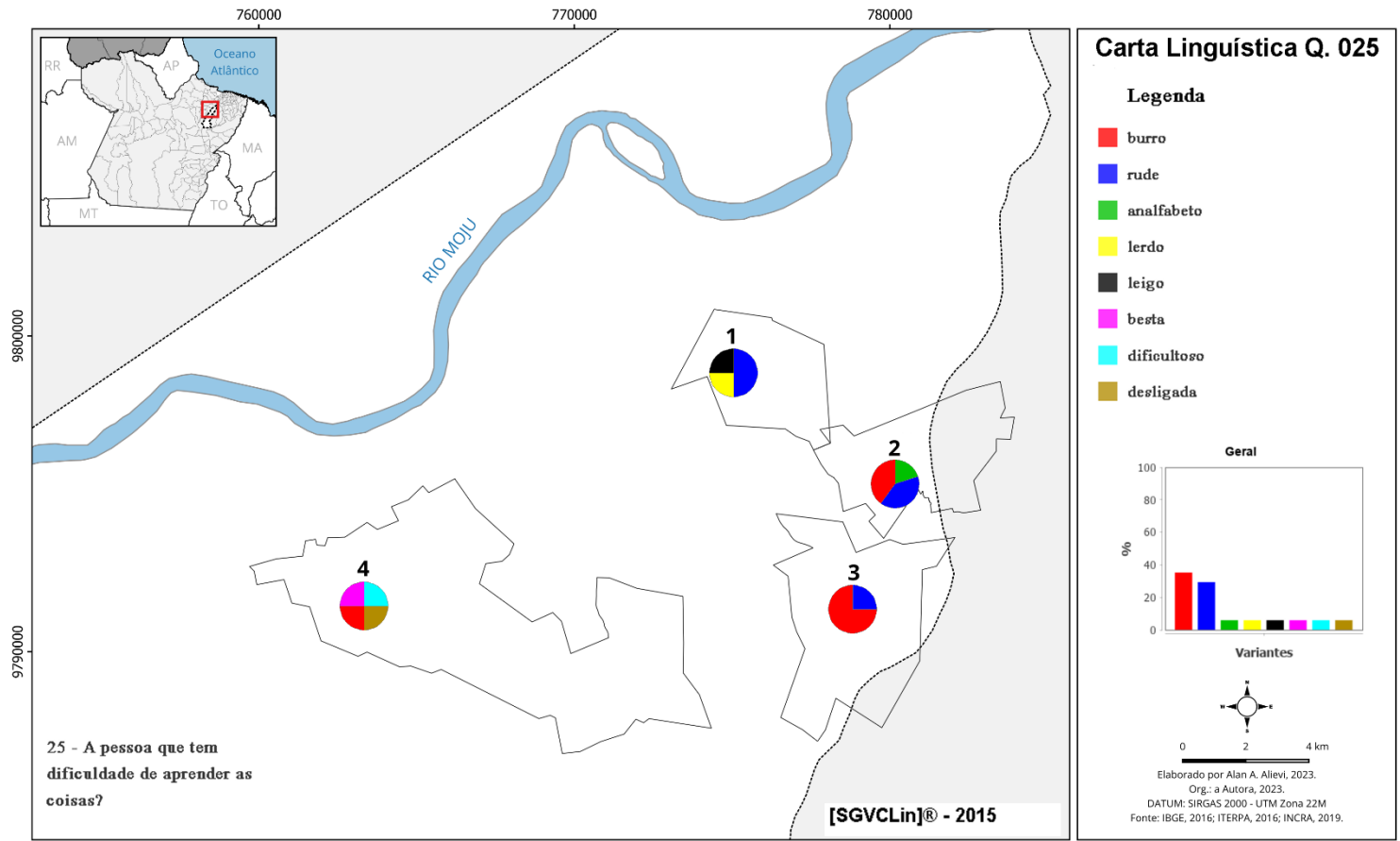


Fonte: dados da pesquisa

A questão 025 do QSL apresentou oito variantes distintas: *burro* (com seis ocorrências), *rude* (com cinco ocorrências), e *lerdo*, *leigo*, *desligada*, *besta*, *dificultoso* e *analfabeto*, com uma ocorrência cada. Os dados percentuais podem ser observados na Figura 23. Ainda que a quantidade de variantes registradas tenha sido considerável, *burro* e *rude* prevaleceram. As demais variantes apresentaram o mesmo índice de produtividade, que foi de 6% cada. As respostas da questão 025 serão apresentadas na Figura 24 – Carta Linguística Monodimensional – e na Figura 25 Carta Linguística Pluridimensional.

Figura 24 – Carta Linguística – 05 das variantes lexicais para a questão 025

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

Na Carta L05, podemos observar que as variantes *burro* e *rude* prevaleceram em dois pontos linguísticos: 02 (Jacunday) e 03 (C. do Mirindeua). Nos dois outros pontos linguísticos, 01 (São Manoel) e 04 (Centro Ouro), as ocorrências foram mais diversificadas, como se verifica no quadro a seguir.

Quadro 4 – dados tabulados da Q.025

[...] a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas? Pessoa pouco inteligente				
Ponto	Localidade	Informante	Resp. 1	Resp. 2
1	S. Manoel	01	Lerdo	-
1	S. Manoel	02	Rude	-
1	S. Manoel	03	Leigo	-
1	S. Manoel	04	Rude	-
2	Jacundaí	01	Burro	Analfabeto
2	Jacundaí	02	Rude	-
2	Jacundaí	03	Rude	-
2	Jacundaí	04	Burro	-
3	C. Mirindeua	01	Burro	-
3	C. Mirindeua	02	Rude	-
3	C. Mirindeua	03	Burro	-
3	C. Mirindeua	04	Burro	-
4	Centro Ouro	01	Desligada	-
4	Centro Ouro	02	Besta	-
4	Centro Ouro	03	Difícultoso	-
4	Centro Ouro	04	Burro	-

Fonte: dados da pesquisa

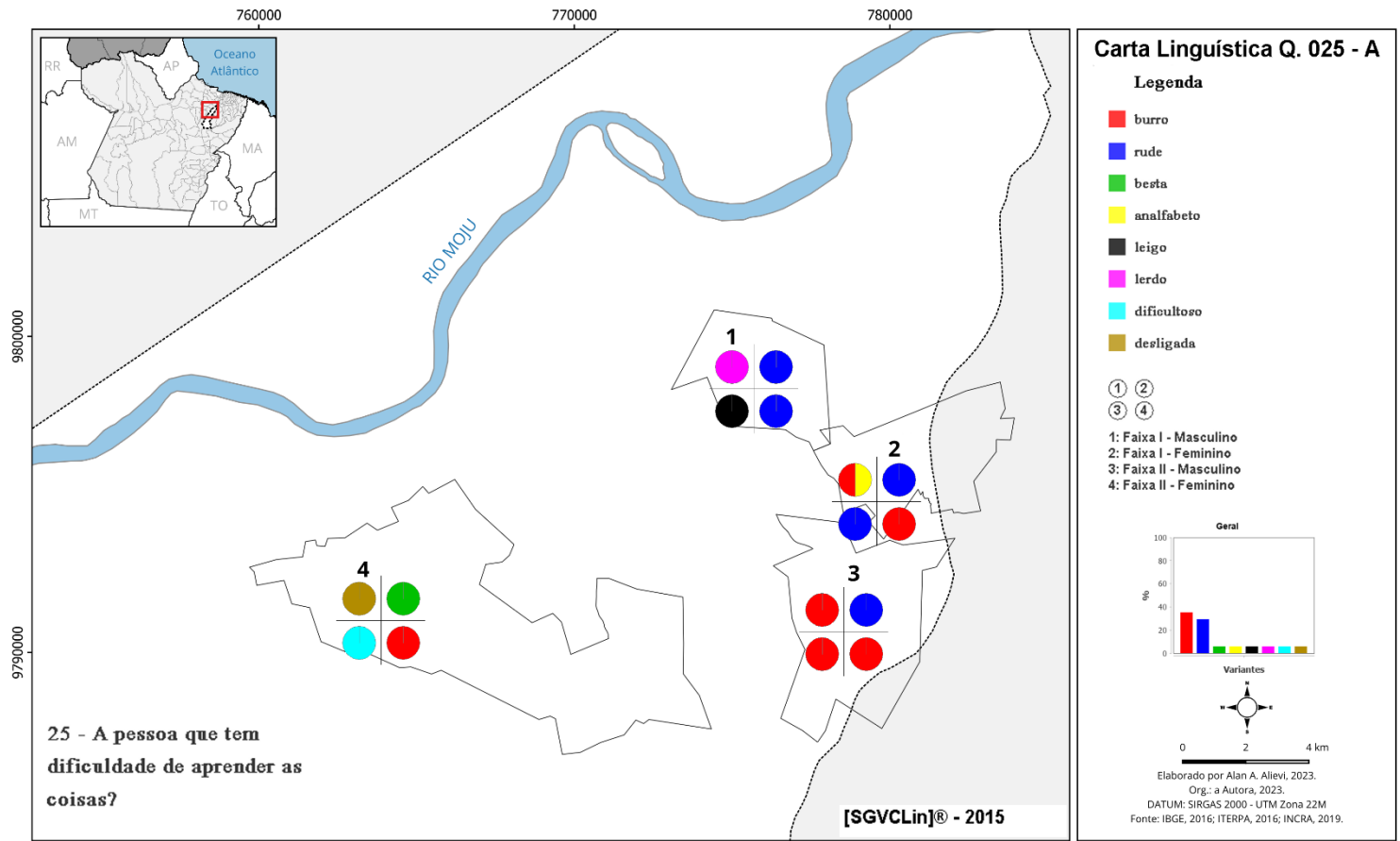
Houaiss [2024] estabelece que a variante *burro*, diminutivo de burrico com origem incerta, no sentido de cavalinho/ jumento. O autor apresenta como extensão de sentido para *burro*, indivíduo estúpido, pouco inteligente, teimoso.

Ferreira (2004) define *rude*, de origem do latim, como pessoa que não foi cultivado, ou seja, inculto, sem instrução

Consideramos, dessa maneira, que as variantes *burro* e *rude* foram unânimes nos pontos de inquérito 02 e 03. A segunda resposta do 2.1 foi considerada por ser mencionada, mas o informante usa a primeira opção. Os outros dois pontos foram bastante heterogêneos, no entanto também houve registro de duas ocorrências da lexia *rude* no ponto 01 e de uma ocorrência do item *burro* no ponto 04. Apresentamos a seguir a Carta Linguística 06 para as denominações das variantes lexicais para a questão 025 – A.

Figura 25 – Carta Linguística – 06 das variantes lexicais para a questão 025-A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



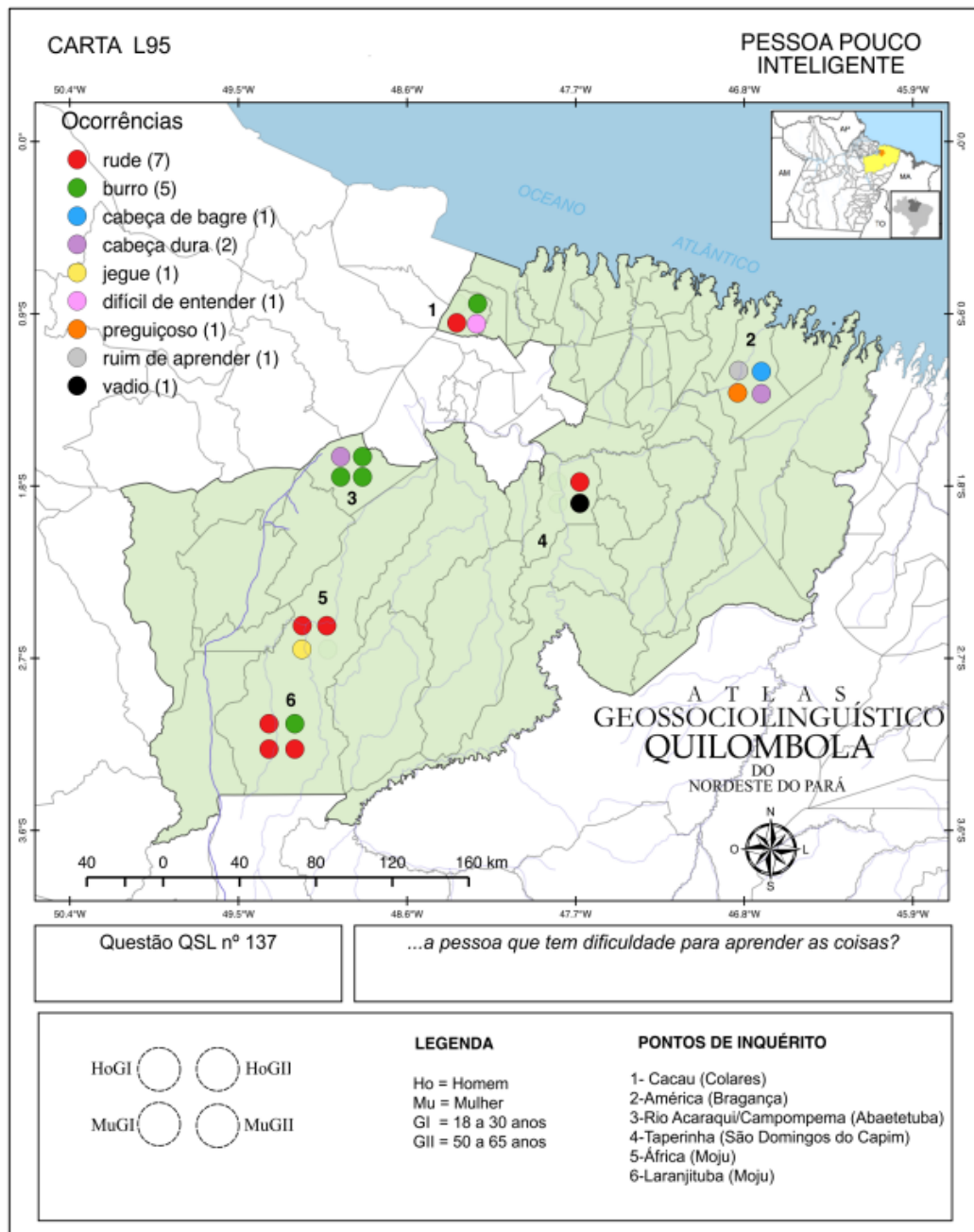
Fonte: Dados da pesquisa

A questão 025 foi bastante produtiva conferindo oito lexias diferentes, com duas variantes prevalentes. A Carta L06 de dimensão pluridimensional variável sexo apresenta a variante *rude* predominante entre as mulheres com três ocorrências em oposição a uma ocorrência entre os homens, enquanto para a variante *burro* não houve diferença com três ocorrências para cada. Observamos que mais de 90% das respostas femininas variaram entre *rude* e *burro* com quatro e três ocorrências respectivamente, e a variante *besta* é usada exclusivamente por uma mulher. Notamos, entre os dados, que as seguintes variantes foram usadas exclusivamente por homens: *lerdo*, *leigo*, *desligada* e *difícil*, com uma ocorrência cada.

No tocante à variável diageracional, *rude* foi mais recorrente entre os mais jovens, na faixa etária I, já a variante *burro* teve mais ocorrências entre os mais velhos, na faixa etária II. As demais lexias apresentaram mais ocorrências entre os mais jovens.

A seguir, apresentaremos a Carta L95 – dados do AGQUINPA (Dias, 2017) para uma análise comparativa com os dados desta pesquisa (carta L06).

Figura 26 – Carta L95 do AGQUINPA (Dias, 2017)
 Imagem 123 - Carta L95 – questão QSL 137 (*pessoa pouco inteligente*).



Fonte: Dias (2017) – dados AGQUINPA.

Parafraseando a análise da Carta L95 AGQUINPA (Dias, 2017), na carta L95, os resultados referentes à dimensão diasssexual mostraram a variante *rude* com quatro ocorrências entre os homens e três ocorrências entre as mulheres. A variante *burro* também apresentou pouca diferença entre os sexos, pois, entre os homens, foram registradas três ocorrências e entre as mulheres apenas duas. Também tivemos a variante *cabeça dura* com uma ocorrência para cada sexo. Registramos, entre os dados, variantes exclusivas usadas apenas por homens, sendo elas: *cabeça de bagre* e *ruim de aprender*, com uma ocorrência cada, assim como variantes usadas apenas por mulheres: *jegue*, *vadio*, *difícil de entender* e *preguiçoso*, com uma ocorrência cada.

Em comparação com a Carta L95 do AGQUINPA (Dias, 2017), notamos que as variações *burro* e *rude* prevaleceram entre as demais, assim como se observa na Carta L05 desta pesquisa. Nos pontos de inquérito 5 (África) e 6 (Laranjituba), comunidades quilombolas do alto Moju, a variante *rude* foi registrada com cinco ocorrências, e *burro* e *jegue* com uma ocorrência cada. Neste sentido, observamos que, nas comunidades do território quilombola de Jambuaçu, as lexias *rude* e *burro* também apresentaram registros significativos. Apesar disso, não há como falar em homogenia, uma vez que a amostra não representa o todo.

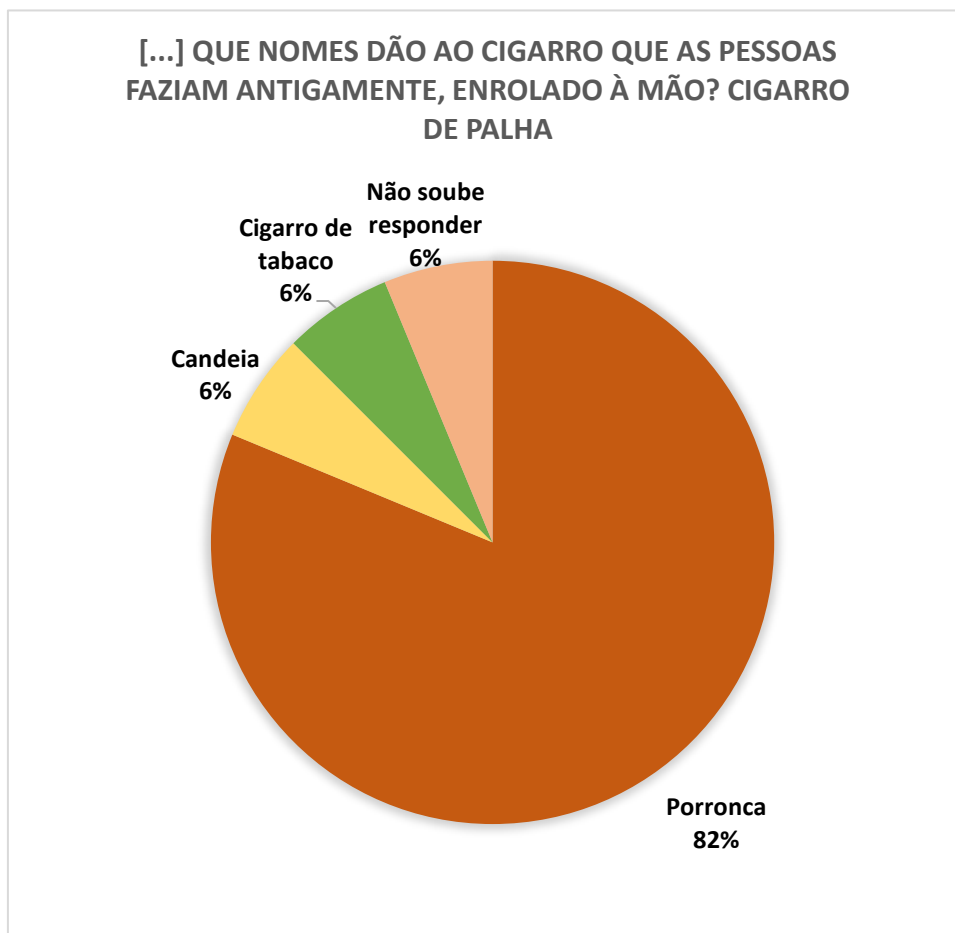
As demais lexias levantadas pelo AGQUINPA não coincidem com as variantes catalogadas neste trabalho, provavelmente por estarem atreladas à criatividade do falante.

Julgamos, dessa forma, que a questão 025 teve boa produtividade com 17 respostas, com prevalência das variantes *rude* e *burro* nos pontos de inquérito 01 (S. Manoel), 02 (Jacunday) e 03 (C. do Mirindeua), já que nos pontos 01 e 04 (Centro Ouro) houve registro heterogêneo nas respostas dos homens. É possível que a coincidência nas respostas esteja relacionada à distância entre os pontos linguísticos, porque, dentre os quatro, os pontos 02 e 03 estão mais próximos geograficamente, o que provavelmente os coloca com mais facilidade em interação e contato.

A apreciação a seguir depreende acerca do campo semântico Convívio e Comportamento Social, mais especificamente a questão: Q. 031 – cigarro de palha: Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão? (COMITÊ NACIONAL, 2001).

Essa questão apresentou três variantes diversas, com índice mais produtivo para a variante *porronca* (somando treze ocorrências), e as demais variantes *candeia* e *cigarro de tabaco* registraram uma ocorrência cada. Em dados percentuais, esses resultados estão representados na Figura 27.

Figura 27 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 031.QSL



Fonte: dados da pesquisa

A figura demonstra que, das respostas coletadas, a variante *porronca* apresenta o percentual de 82% dos dados. Índice que sugere relativa uniformidade lexical na comunidade pesquisada. Os demais itens apresentaram 6% de produtividade cada.

A forma *porronca* não está dicionarizada nos dicionários consultados para esta pesquisa, mas, segundo o dicionário InFormal²¹, *porronca/porronco* remete ao fumo de rolo geralmente muito forte.

De acordo com estudos geolinguísticos já realizados para a questão semântico-lexical *cigarro de palha*, a forma *porronca* é considerada uma norma da Região Norte. Sanches (2020) afirma que *cigarro de tabaco* e *porronca* aparecem, como resposta, predominantemente no Norte, em trabalhos realizados nos estados do Amazonas – *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz, 2004) e *Atlas Linguístico do Sul Amazonense* (Maia, 2018), *Amapá – Atlas Linguístico do Amapá* (Razky; Ribeiro; Sanches, 2017) e *Tocantins – Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins* (Silva, 2018).

Para Sanches (2020), de modo geral, a forma *porronca*, na perspectiva da Geolinguística Urbana, é uma variante lexical padrão, pois ocorre de forma predominante nas capitais do Norte do Brasil, não havendo registro em outras regiões (exceto no Nordeste, na capital Teresina – PI), com os dados do ALiB

A variante *cigarro de tabaco* refere-se ao tabaco que, para Houaiss (2011), trata-se de uma erva nativa das Américas, cultivada para produção de cigarro, que a folha seca dessa planta se usa para fumar ou mascar.

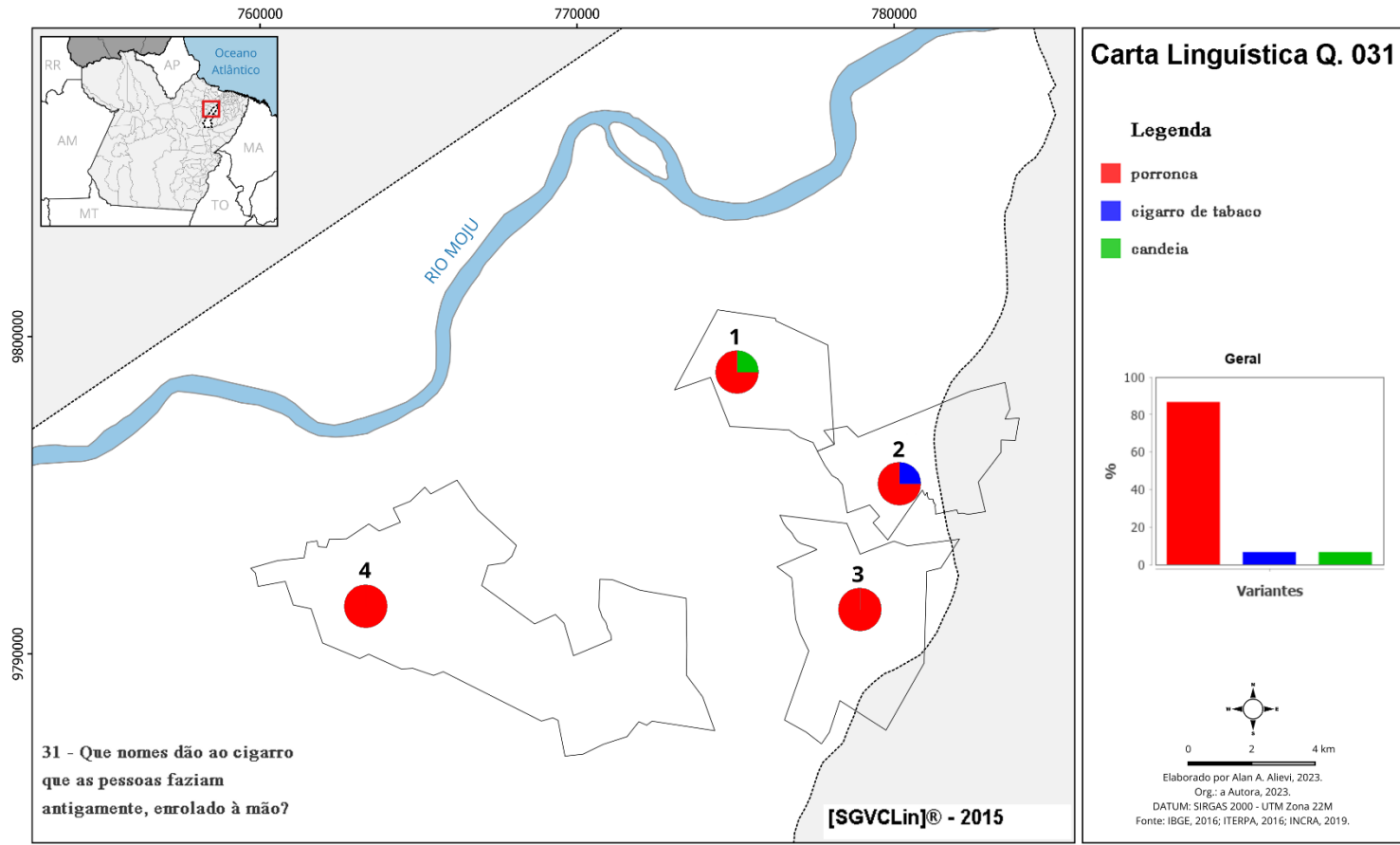
A lexia *candeia* não está dicionarizada no contexto do fumo, mas por analogia entendemos comparar-se a modesta claridade da brasa cigarro ao aparelho de iluminação a óleo ou a gás (Houaiss, 2011).

As respostas da questão 031 serão apresentadas na Figura 28 – Carta Linguística Monodimensional e na Figura 29 – Carta Linguística Pluridimensional.

²¹ Dicionário InFormal: Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/porronco>.

Figura 28 – Carta Linguística – 07 das variantes lexicais para a questão 031

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



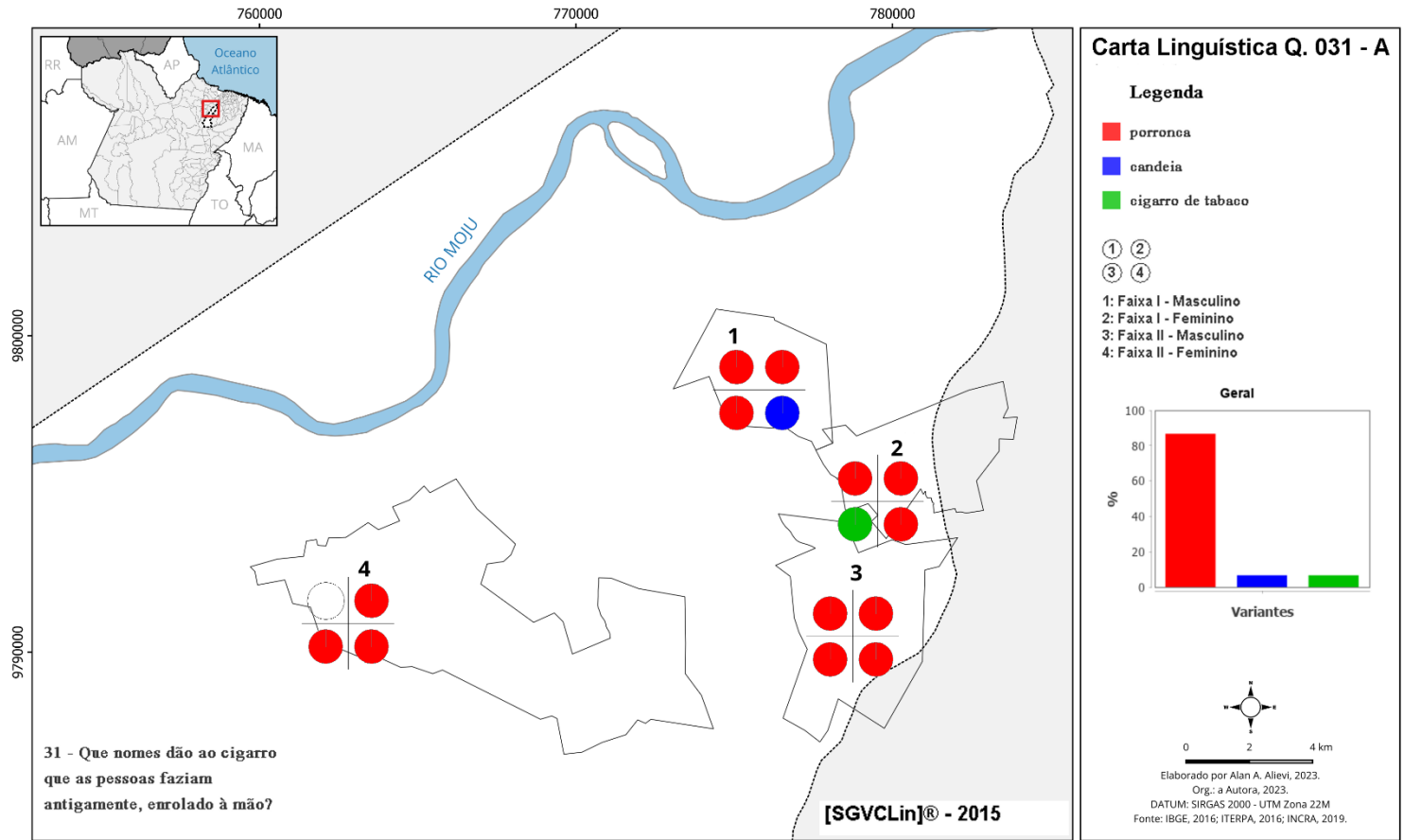
Fonte: Dados da pesquisa

A Carta L07 exhibe a distribuição diatópica da lexia *porronca* em todos os pontos de inquérito, com elevado índice de produtividade nos pontos pesquisados. Observamos uma ocorrência da variante *candeia* no ponto 01 (S. Manoel) e uma ocorrência da variante *cigarro de tabaco* no ponto 02 (Jacunday).

Para melhor compreensão dos dados coletados e sua distribuição social, apresentamos a Carta Pluridimensional L08.

Figura 29 – Carta Linguística – 07 das variantes lexicais para a questão 031 – A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



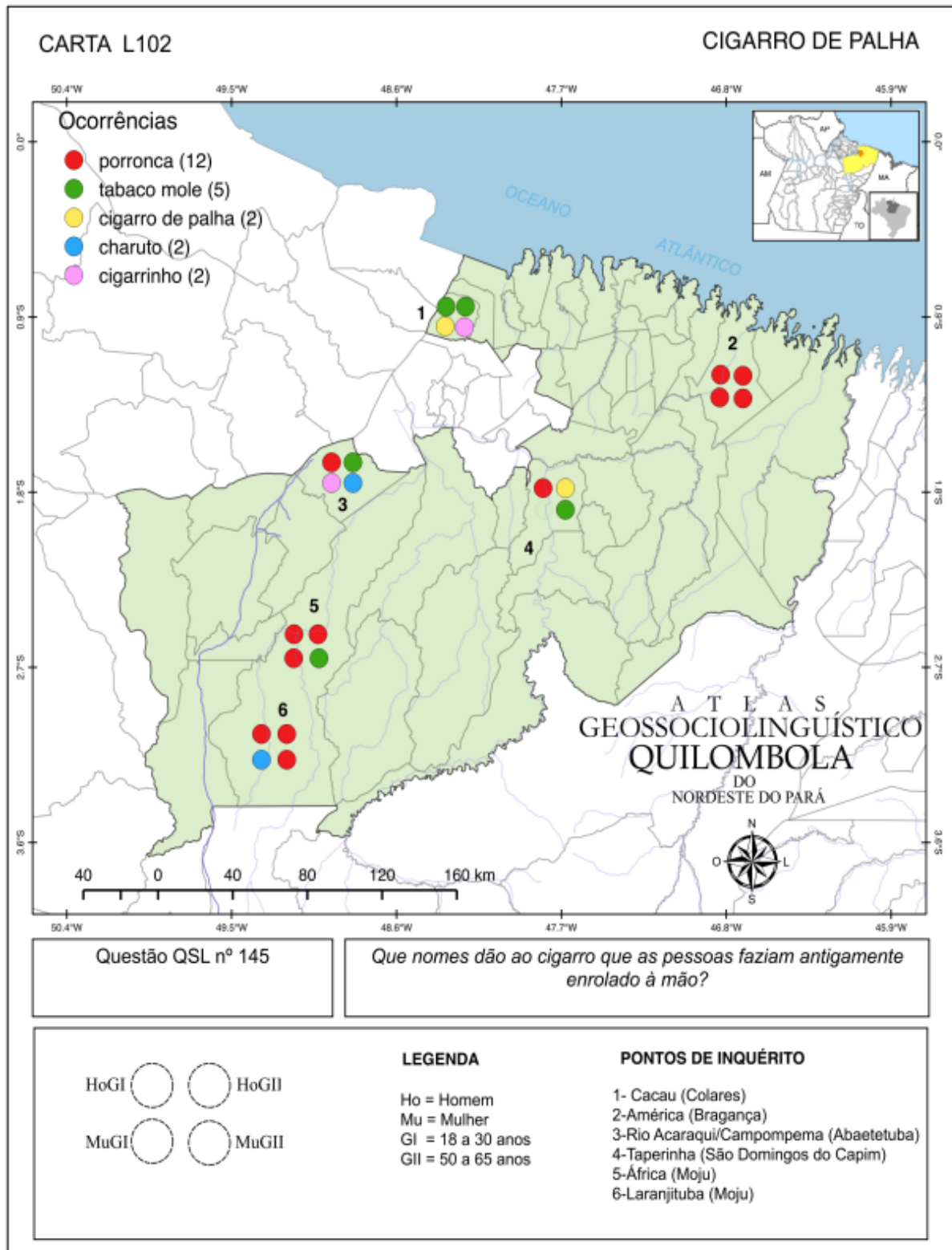
Fonte: dados da pesquisa

A Carta L08 mostra a distribuição dos dados em uma perspectiva social, para tanto, no tocante à variável diasssexual, a variante *porronca* apresenta sete ocorrências para as mulheres e seis para os homens, e foram registradas ainda as lexias *candeia* e *cigarro de tabaco*, sendo a primeira registrada por uma mulher e a segunda por um homem.

A variável diageracional indica que a maioria (90%) dos informantes jovens (faixa I) utilizam a variante *porronca*, assim como os informantes mais velhos (faixa II) que usam prioritariamente a forma *porronca* (80%).

As variantes *candeia* e *cigarro de tabaco* foram registradas na fala de informantes da faixa II. A seguir, apresentaremos a Carta L102 – dados do AGQUINPA (Dias, 2017) para uma análise comparativa com os dados desta pesquisa (Carta L08).

Figura 30 – Carta L102 AGQUINPA (Dias, 2017)

Imagem 129 - Carta L102 – questão QSL 145 (*cigarro de palha*).

Fonte: Dias (2017), dados AGQUINPA.

Parafrazeando a análise da *Carta L102* de Dias (2017), a questão 145, do QSL, apresentou o seguinte conjunto de variantes no AGQUINPA: *porronca* (12 ocorrências), *tabaco mole* (cinco ocorrências), *cigarrinho* (duas ocorrências), *charuto* (duas ocorrências) e *cigarro de palha* (duas ocorrências).

Os resultados referentes à dimensão diassexual mostraram a variante *porronca* prevalecendo entre homens, com oito ocorrências no total, enquanto entre as mulheres foram registradas quatro ocorrências. Já a variante *tabaco mole* foi registrada três vezes entre os homens e duas vezes entre as mulheres. Também tivemos as variantes *cigarrinho* e *charuto* registradas exclusivamente entre as mulheres, com duas ocorrências cada, e a variante *cigarro de palha* registrada em ambos os sexos, com uma ocorrência cada.

A dimensão diageracional evidenciou a variante *porronca* prevalecendo entre os colaboradores mais jovens com sete ocorrências, perante as cinco ocorrências registradas entre os mais velhos. De outro lado, a variante *tabaco mole* prevaleceu entre os colaboradores mais velhos, com quatro ocorrências, enquanto entre os mais jovens registramos apenas uma ocorrência.

Tal qual a *Carta L102* do AGQUINPA (Dias, 2017), a *Carta L08* apresentou como resposta prevalente a variante *porronca* com 13 ocorrências. Contudo, diferente da *Carta L102*, em relação à dimensão diassexual, os dados revelaram sete ocorrências entre as mulheres, contrastando com as seis ocorrências entre os homens, considerando a pequena diferença de ocorrências entre homens e mulheres, não podemos afirmar que houve variação diassexual. *Candeia* foi registrada exclusivamente na fala de uma mulher e *cigarro de tabaco* na fala de um homem.

Concernente à variável diageracional, assim como a *Carta L102*, houve prevalência da variante *porronca* entre os mais jovens (faixa I). Já as lexias *candeia* e *cigarro de tabaco*, ambas ocorrências foram registradas entre os mais velhos.

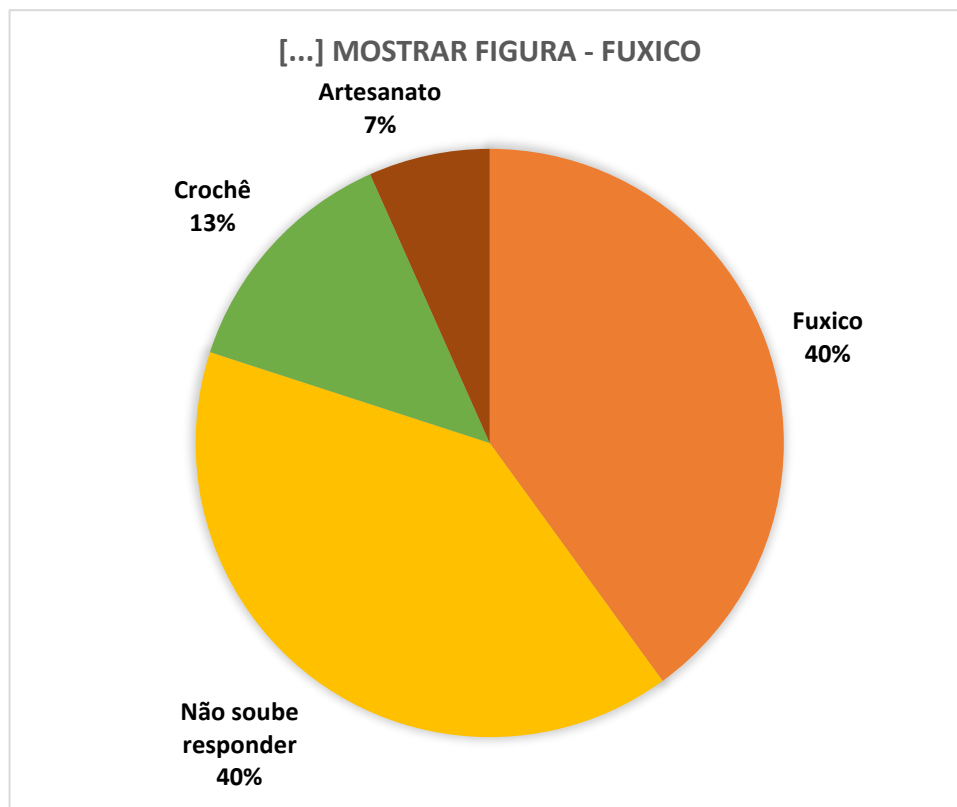
Pudemos constatar que a forma *porronca* predomina nas comunidades quilombolas estudados, conforme dados registrados nesta pesquisa e no AGQUINPA. Esta pequena amostra nos sugere que a norma *porronca* não está presente somente nos centros urbanos e nas capitais, conforme aponta Sanches (2020).

A seguir, continuaremos com a análise presente no campo Semântico Convívio e Comportamento Social, questão Q. 034 – fuxico: “[...] mostrar figura – *Fuxico*” (Roque, 2023).

Essa questão exibiu três variantes diversas, com índice mais produtivo para a variante *fuxico* (somando 6 ocorrências), as outras variantes registradas foram *artesanato* e *crochê*; a primeira com 1 ocorrência e a segunda com 2. Os resultados com os dados percentuais estão representados na Figura 31.

O termo referente *fuxico* é uma técnica artesanal de reaproveitamento de retalhos em formato circular, em que se alinhava as extremidades franzindo-as. O fuxico assemelha-se a flores pelo formato e por ser colorido.

Figura 301 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 034 QSL



Fonte: Dados da pesquisa

O gráfico exposto na Figura 31 revela o percentual das respostas coletadas, e, dentre as três, a variante *fuxico* soma 40%, contrastando com as demais com 7% para *artesanato* e 13% para *crochê*. Exibe, ainda, alta porcentagem dos que não souberam responder, somando 40%, majoritariamente homens.

Ferreira (2004) determina que o termo *fuxico* é uma cerzidura ou um remendo malfeito. Houaiss (2011) contribui evidenciando que se trata de um saquinho de pano redondo e franzido, que depois é achatado, com a boca para cima, e unido a outros.

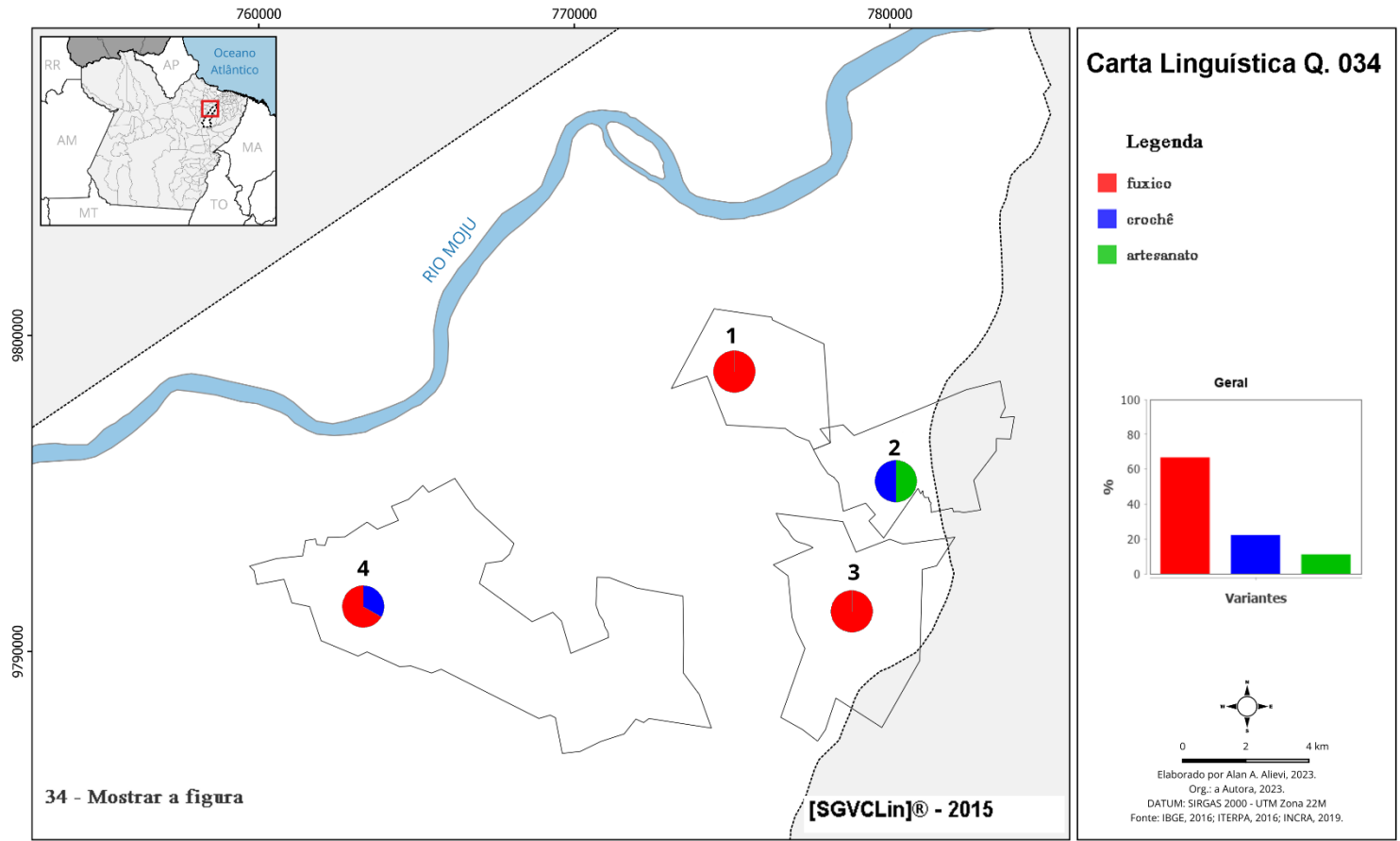
O termo *artesanato*, de acordo com Houaiss (2011), é a arte ou a técnica de trabalho manual, não industrializada. Já a variante *crochê*, segundo o mesmo autor, é um trabalho feito à mão com uma agulha terminada em gancho.

Esta questão não obteve a produtividade esperada, para aplicação do questionário, utilizamos como suporte a figura do *fluxico*, acreditamos que a apresentação da *reália* alcançaria uma produtividade diferente.

As respostas da questão 034 serão apresentadas na Figura 32 da *Carta Linguística Monodimensional* e na Figura 34 da *Carta Linguística Pluridimensional*.

Figura 312 – Carta Linguística – 09 das variantes lexicais para a questão 034

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: dados da pesquisa

A *Carta L09* mostra a distribuição diatópica das variantes nas comunidades pesquisadas. Nos pontos 01 (S. Manoel) e 03 (C. Mirindeua), houve registro exclusivo da variante *fluxico*, somando quatro ocorrências, duas em cada ponto linguístico. No ponto 02, (Jacunday) foram registradas as variantes *artesanato* e *crochê*, com uma ocorrência cada. No ponto 04 (Centro Ouro), foram coletadas as variantes *fluxico* e *crochê*, com duas ocorrências para a primeira e uma para a segunda.

Importa destacar que essa carta, em especial, exhibe uma leitura diferente das anteriores pela baixa produtividade do sexo masculino.

Figura 33 – modelo de distribuição dos informantes para cartografia pluridimensional

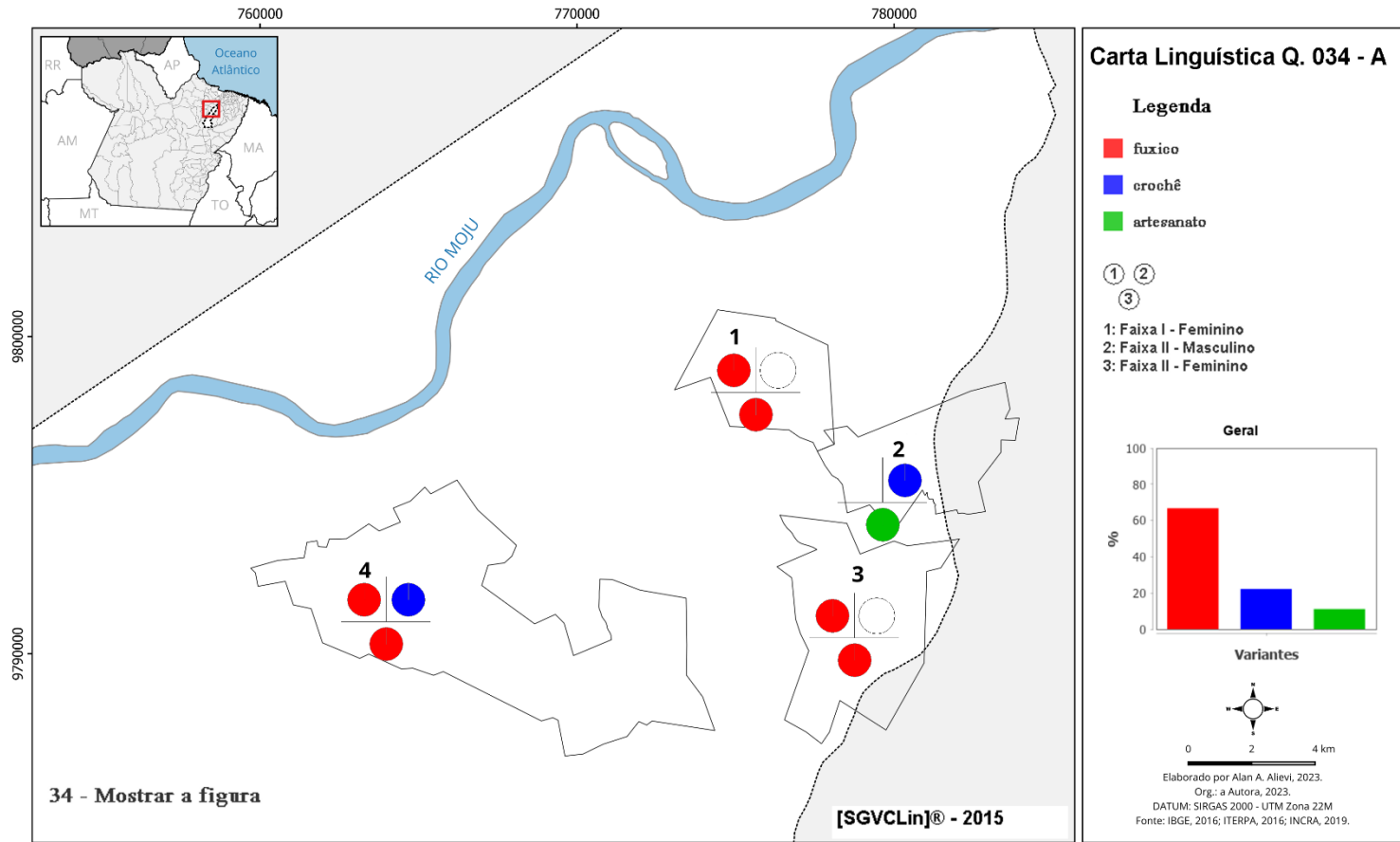


Fonte: dados da pesquisa

Objetivando melhor entendimento a respeito da organização social que essa questão expõe, apresenta-se a *Carta L10*.

Figura 32 – Carta Linguística – 10 das variantes lexicais para a questão 034 - A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

A partir de um recorte social, analisado, portanto, sob a perspectiva diassexual, a *Carta L10* exhibe majoritariamente respostas do sexo feminino. Para tanto, variante *fluxico*, realizada exclusivamente por mulheres, conferiu seis ocorrências, já o item *artesanato* registrou uma ocorrência. O termo *crochê* foi registro exclusivo nas respostas dos homens, somando duas ocorrências.

No que se refere à dimensão diageracional, na lexia mais produtiva, *fluxico*, as ocorrências foram equitativas, com três ocorrências entre as mulheres mais jovens (faixa I) e três entre as mais velhas (faixa II). A variante *artesanato* foi registrada na resposta de uma mulher da faixa etária II. Já a lexia *crochê* foi registrada na resposta dos homens de faixa etária II.

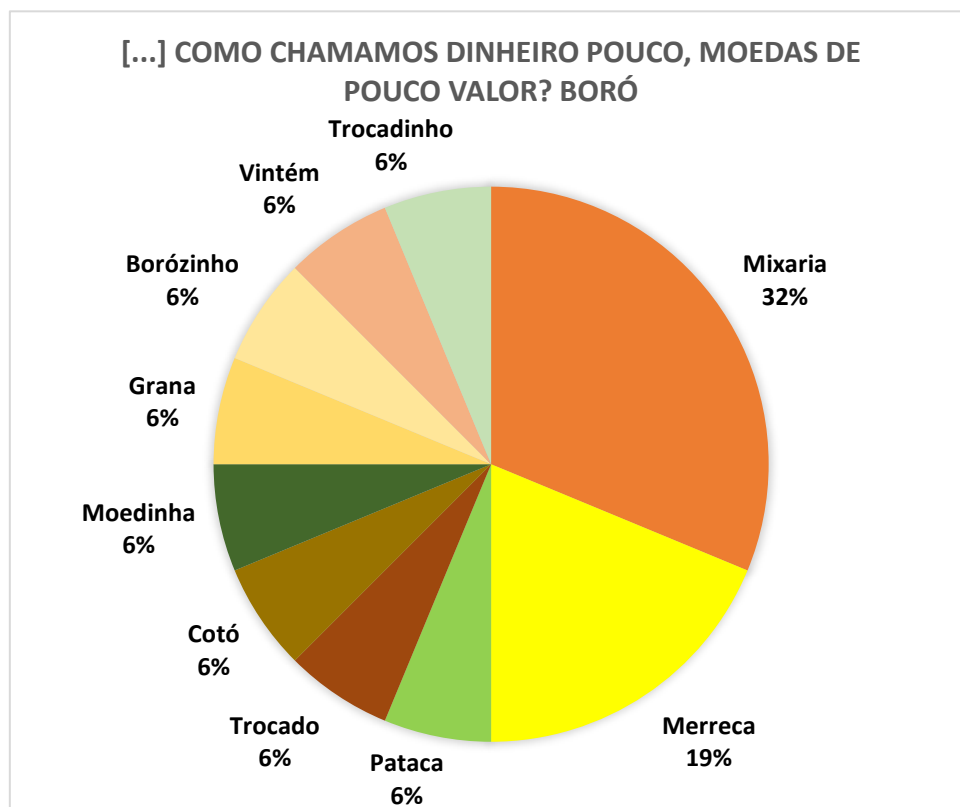
A escolha dessa questão se justifica por cartografar uma variante exclusiva do sexo feminino, totalizando setes resposta, contrastando com apenas duas do sexo masculino. Entendemos que a razão para a diferença na produtividade de respostas masculina esteja relacionada ao tipo de artesanato pesquisado, porque, embora o homem já esteja inserido no contexto do artesanato em geral, o artesanato do tipo *fluxico* parece distante da realidade masculina, possivelmente por ser, em geral, produzido por mulheres.

Nossa última análise, compreendida ainda à luz do campo semântico Convívio e Comportamento Social, versa sobre a questão 036. Q.036 – boró: “[...] como chamamos dinheiro pouco, moedas de pouco valor?”.

Esta questão exibiu dez variantes diferentes a partir de 17 respostas de 15 informantes. O item *mixaria*, com cinco ocorrências, foi o mais predominante, e os demais itens registrados foram: *merreca* (com três ocorrências), *pataca*, *trocado*, *trocadinho*, *cotó*, *moedinha*, *grana* e *borozinho* (com uma ocorrência cada). Em dados percentuais, esses resultados estão representados na Figura 35.

O termo referente *boró*, registrado no diminutivo *borozinho*, está relacionado, conforme designação de Houaiss [2024], a vale ou ficha emitida por proprietários rurais ou comerciantes, no período do fim do século XIX e início do XX, nas regiões Norte e Nordeste, em que circulava como moeda por falta de troco.

Figura 33 – Produtividade das variantes lexicais para a questão 036 QSL



Fonte: dados da pesquisa

O gráfico exposto na Figura 35 espelha o resultado percentual das respostas coletadas, dessa maneira, observamos que, dentre as variantes registradas, a lexia *mixaria* prevaleceu com 32%, a segunda que mais prevalente foi *merreca* com 19%, e os demais itens conferiram 6% cada um.

Houaiss [2024] contribui, a partir de Nascente que a variante boró é um expressivo vocábulo, e na acepção de 'evasivamente, enganadoramente', provavelmente é de origem iorubá. O referente faz parte do vocabulário brasileiro, contudo com sentidos e significados diferentes. A exemplo do Rio de Janeiro que, conforme dicionário InFormal, é muito utilizado pelos cariocas para se referir a bunda e no interior do Amazonas remete a queimado do sol.

A forma *mixaria* remete a pouca quantidade, é uma variante comum na zona urbana de Belém e apresentou resultado relevante nas comunidades quilombolas estudados, ou seja, na zona rural.

Essa variante não foi encontrada nos dicionários consultados, mas no dicionário InFormal está registrada como “coisa de pequeno valor”.

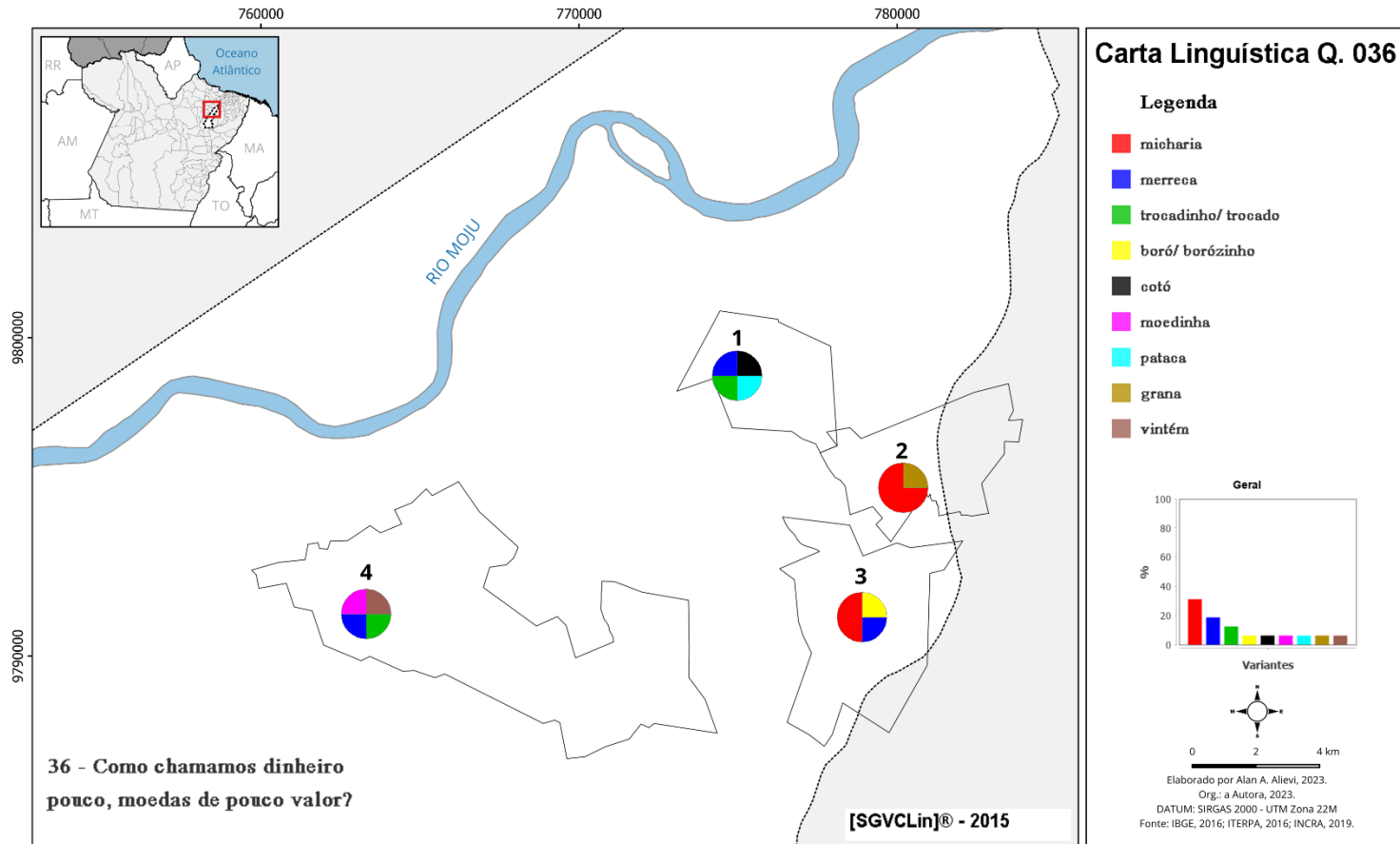
Para o termo *merreca*, Ferreira (2004) conceitua como quantidade ou quantia insignificante, na mesma direção Houaiss (2011) define como quantidade ou valor ínfimo. No senso comum, trata-se de dinheiro pouco.

Para a forma *pataca*, Ferreira (2004) e Houaiss (2011) definem “antiga moeda de prata”. Acreditamos, que embora dicionarizada, não é uma forma muito utilizada.

As respostas da questão 036 serão apresentadas na Figura 37 da *Carta Linguística Monodimensional* e na Figura 38 da *Carta Linguística Pluridimensional*.

Figura 34 – Carta Linguística – 11 das variantes lexicais para a questão 036

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: Dados da pesquisa

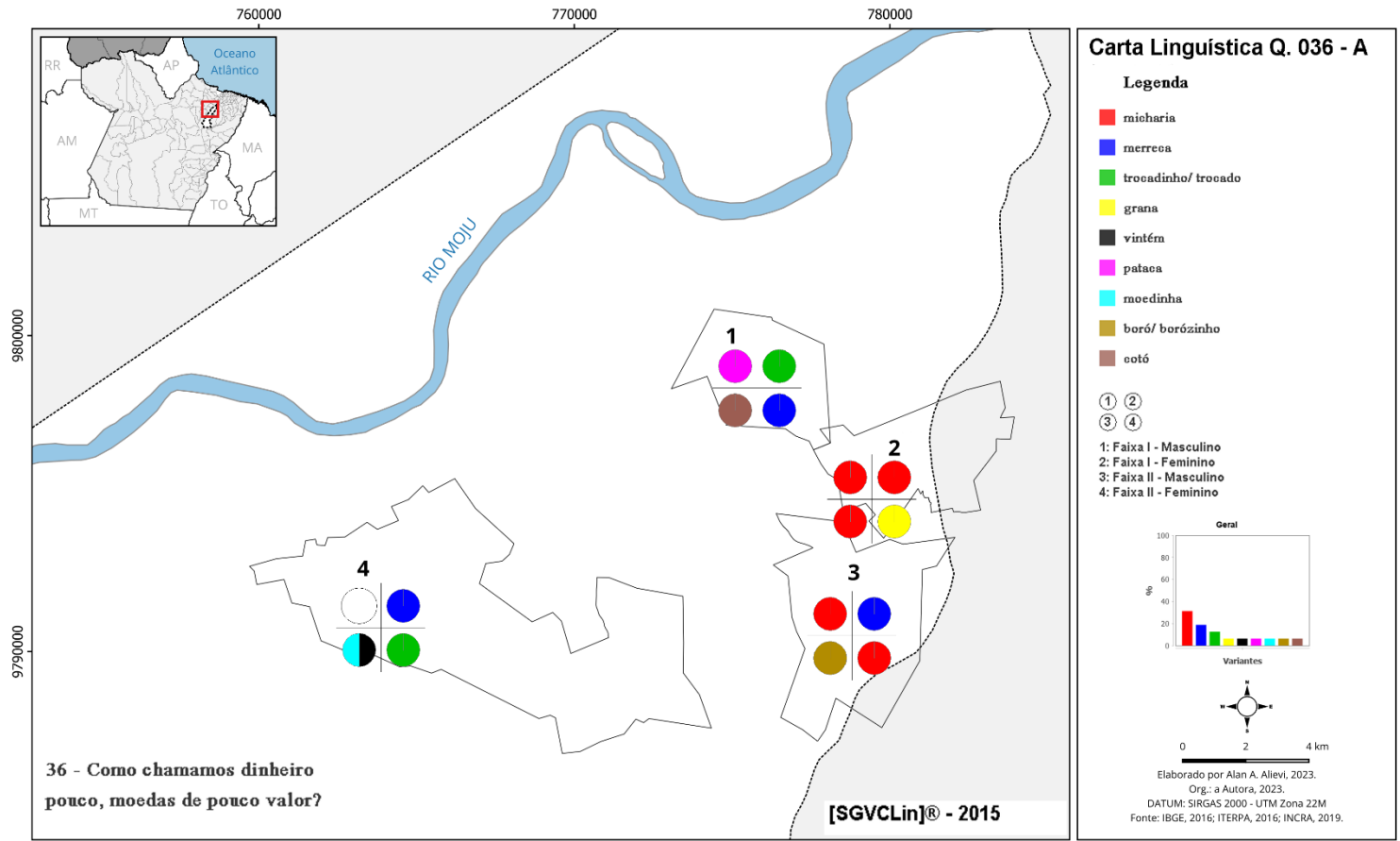
A *Carta L11* demonstra a distribuição das variantes apuradas em todos os pontos linguísticos, o termo referente *mixaria*, com 5 ocorrências, foi registrado nos pontos 02 (Jacunday) e 03 (C. de Mirindeua), para além dessa variante nos pontos 02 e 03, também se observaram as formas *grana*, *borozinho* e *merreca*, com uma ocorrência cada.

Os pontos 01 (S. Manoel) e 04 (Centro Ouro) registraram variantes diversas. No ponto 01, foram levantadas quatro formas, sendo elas: *merreca*, *cotó*, *trocadinho* e *pataca*, com uma ocorrência para cada. Já no ponto 04, as formas recolhidas foram: *moedinha*, *vintém*, *trocadinho* e *merreca*, com uma ocorrência para cada.

Para melhor entendimento da distribuição social registrada na questão 036, apresentaremos a *Carta L12*.

Figura 35 – Carta Linguística – 12 das variantes lexicais para a questão 036 – A

Atlas Semântico-lexical do Território Quilombola de Jambuaçu



Fonte: dados da pesquisa

A questão 036 mostrou-se bem produtiva e designou nove variantes diferentes para o mesmo referente. À luz da dimensão diassexual, a forma *mixaria*, mais preponderante, apontou três ocorrências entre os homens e duas entre as mulheres. O item *merreca*, com três ocorrências, foi registrado exclusivamente por mulheres. As demais formas distribuíram-se com uma ocorrência para cada, como segue: *pataca*, *cotó*, *borozinho* e *moedinha/vintém* – entre os informantes do sexo masculino; e *trocado*, *grana* e *trocadinho* – entre as informantes do sexo feminino.

No tocante à dimensão diageracional, o item *mixaria* prevaleceu entre os mais jovens (faixa I) com três ocorrências, em contraste com duas ocorrências entre os mais velhos (faixa II). A forma *merreca* registrou duas ocorrências para a faixa I e apenas uma ocorrência para a faixa II. As variantes *cotó* e *trocado*, uma ocorrência para cada, foram anotadas entre os mais jovens, já os termos *grana*, *borozinho*, *vintém/moedinha* e *trocadinho*, com uma ocorrência para cada, entre os mais velhos.

Para melhor leitura, considerando a quantidade de itens lexicais e equivalentes apontados pela Q. 036, apresentamos no Quadro 5 a tabulação dos dados.

Quadro 5 – Dados tabulados da Q.036

[...] Como chamamos dinheiro pouco, moedas de pouco valor? Boró				
Ponto	Localidade	Informante	Resp. 1	Resp. 2
1	S. Manoel	01	Pataca	-
1	S. Manoel	02	Trocado	-
1	S. Manoel	03	Cotó	-
1	S. Manoel	04	Merreca	-
2	Jacundaí	01	Mixaria	-
2	Jacundaí	02	Mixaria	-
2	Jacundaí	03	Mixaria	-
2	Jacundaí	04	Grana	-
3	C. Mirindeua	01	Mixaria	-
3	C. Mirindeua	02	Merreca	-
3	C. Mirindeua	03	Borozinho	-
3	C. Mirindeua	04	Mixaria	-
4	Centro ouro	01	Não soube responder	
4	Centro Ouro	02	Merreca	-
4	Centro Ouro	03	Vintém	Moedinha
4	Centro Ouro	04	Trocadinho	-

Fonte: dados da pesquisa.

Observamos, portanto, que para o referente *boró*, pouco dinheiro, nesta questão, diversas variantes foram coletadas com o mesmo significado ou com significado aproximado, demonstrando a criatividade dos falantes para um mesmo referente.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O território quilombola de Jambuaçu pertencente ao município de Moju, estado do Pará demonstra, a partir da pequena fotografia da realidade linguística de comunidades rurais quilombolas no Nordeste do Estado, que é possível situar a variedade estudada como um português rural falado com traços sutis de africanidade, o que se insere no quadro maior da diversidade linguística da região amazônica e do Brasil.

Esta pesquisa teve como propósito geral a descrição dos aspectos da variação lexical da comunidade estudada a partir dos dados parciais coletados com vistas para constituição do *corpus* do futuro Atlas Semântico-Lexical do território remanescente quilombola de Jambuaçu (PA) – em desenvolvimento. Para tanto, adotou como metodologia as diretrizes definidas pela Dialetologia Pluridimensional, Relacional e Contatual, possibilitando-nos a coleta sistemática dos dados pertinentes à confecção do futuro Atlas.

Quanto aos objetivos específicos delineados no início deste trabalho, apontamos os seguintes resultados:

- (i) Descrever a realidade linguística dos pontos pesquisados, com vistas a cartografar fenômenos semânticos lexicais, para melhor entendimento linguístico-cultural do território.

No tocante à escolha da metodologia estabelecida pela Dialetologia Pluridimensional quanto às variáveis sociais, nossa finalidade foi alcançada. Os resultados parciais do banco de dados do Atlas, em desenvolvimento, revelaram que o território quilombola de Jambuaçu apresenta pluralidade dialetal. Para isso, utilizamos os dados coletados em quatro comunidades quilombolas do Nordeste do Pará, com 16 informantes estratificados segundo faixa etária e sexo. Dentre os pontos de investigação mapeados, o *corpus* não demonstrou grande contraste entre eles, o que pode ser explicado pelo fato de estarem dentro de um mesmo espaço territorial, com relativa facilidade de interação e de contato.

Para esta dissertação, foi realizada a descrição parcial dos dados de seis questões, o que gerou 12 Cartas Linguísticas, sendo uma diatópica e outra pluridimensional para cada questão, além de análise comparativa com três cartas coincidentes com o AGQUINPA (Dias, 2017).

Importa destacar que, das Cartas Linguísticas comparadas ao AGQUINPA, todas apresentaram variações semelhantes.

Dos recortes sociais analisados, dentre as seis cartas estudadas para esta dissertação, registramos cinco com variantes utilizadas exclusivamente por informantes femininas e uma carta com variante de exclusividade do sexo masculino, além da anotação de uma carta com variante exclusiva da faixa etária II.

Para o segundo objetivo específico, registrar as variantes lexicais que refletiam traços históricos do Português reminiscente. Dessa maneira, o trabalho foi realizado a partir dos dados parciais coletados para melhor descrição da realidade linguística dos pontos pesquisados, para tanto, registramos variantes lexicais que refletiam traços históricos do Português reminiscente e cartografamos os fenômenos semânticos lexicais das seis cartas escolhidas (13, 14, 25, 31, 34 e 36) para esta dissertação.

Quanto ao terceiro objetivo específico, contribuir para a descrição e a caracterização das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas desenvolvidas no território nacional, em especial no território quilombola da Região Norte do Brasil. Entendemos que o *corpus* deste estudo aponta amostras representativas da variação linguística das comunidades estudadas e contribuirão com as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas desenvolvidas no território nacional, em especial na Região Norte do Brasil, com vistas a publicar o *Atlas Semântico – Lexical do Território Quilombola de Jambuaçu, Moju/Pará*, que será um documento de consulta para trabalhos futuros, e que se encontra em andamento, em fase de cartografiação, com previsão de divulgação para a comunidade acadêmica até o final do ano corrente.

Concluimos, dessa maneira, que os registros linguísticos documentados, no que tange à variação lexical, revelaram sistema vocabular misto incorporado e/ou modificado no decurso do tempo, com variações de origem tupi – guarani e reminiscências de elementos afro-brasileiros espelhadas no léxico das comunidades estudadas, e esse entrecruzamento resulta na língua diversa amazônica.

6 REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.

AGUILERA, V. de A. Atlas lingüístico do Paraná: um sonho, uma aventura, uma realidade. *In*: ISQUIERDO, A. N. (Org.). Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português Brasil-Portugal. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

ALINEI, M. L'AtlasLinguarumEuropae: resultati, struttura, storia, prospettivi. *In*: MOUTON, P. G. (Org.). **Geolinguística**: Trabajos Europeos. Madrid: Conjero de Investigaciones Científicas, 1994.

ALMEIDA, A. W. B. de. Terras de preto, terras de santo e terras de índio: posse comunal e conflito". **Humanidades**, Brasília, DF, n. 15, ano IV, EdUnB, 1989.

ALMEIDA, A. **Identificação das Comunidades Remanescentes de Quilombo de Alcântara** (MA). 2002.

ALTENHOFEN. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. *In*: **Estudos Linguísticos**, Sinop, v. 6, nº 12, 2013, p. 31-52. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/viewFile/1216/860>. Acesso: maio/2024.

ALTENHOFEN. O 'território de uma língua': ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. *In*: FERNÁNDEZ, A. L. da R. N. (Org.). **Línguas em contato**: onde estão as fronteiras? Pelotas: Editora da UFPel, 2014.

ALVAR, M. Hacialos conceptos de lengua, dialecto y hablas. **Nueva Revista de Filología Hispânica**, México, v. 15, p. 51-60, jan./jun. 1961.

ALVAR, M. **Estructuralismo, geografía lingüística y dialectología actual**. Madrid: Gredos, 1969.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**: gramática, vocabulário. São Paulo: O Livro, 1920.

ARAGÃO, M. do S. S. de; MENEZES, C. P. B. de. **Atlas lingüístico da Paraíba**. Brasília, DF: CNPq/UFPB, 1984. v. 1, v. 2.

AUER, P.; SCHMIDT, J. E. (Eds.). **Language and space**: theories and methods. Berlin/New York: De Gruyter, 2010.

BOLÉO, M. de P. **Brasileirismos**: Problemas de Método. [S. l.]: Coimbra Editora, 1943.

BONVINI, E. **Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil**. *In*: José Luiz Fiorin e Margarida Petter (Org.). África no Brasil: a formação da língua portuguesa. São Paulo: Contexto, 2009, p. 101-144.

BRANDÃO, S. **A geografia lingüística no Brasil**. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em:

www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/seguranca_alimentar/_doc/leis/1988/Constituicao%20Federal%20de%201988%20-%20Titulo%20X%20-%20Art%2068.pdf. Acesso em: jan. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm Acesso em: fev. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento da Agenda Social Quilombola no âmbito do Programa Brasil Quilombola. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: nov. 2023.

BRASIL. **Decreto 7.387, de 9 de dezembro de 2010**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em www.planalto.gov.br/ccivil03/_Ato2007.../Decreto/D7387.htm. Acesso em: nov. 2023.

BRASIL. **Instrução Normativa INCRA nº 57, de 20 de outubro de 2009**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/institucional/legislacao--/atosinternos/instrucoes/file/243-instrucao-normativa-n-57-20102009>. Acesso em: jan. 2024.

CÂMARA JR., J. M. Língua e Cultura. *In*: CÂMARA JR., J. Mattoso. **Dispersos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

CARDOSO, D. R. **Tabus Linguísticos no Nordeste Paraense**: um Estudo Geossociolinguístico. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, 2016.

CARDOSO, S. A. M. **Geolinguística**: tradição e modernidade. São Paulo: Parábola, 2010.

CASTAÑER, R. M. M. Aragón em los atlas lingüísticos. *In*: ENGUITA, J. M. (ed.). **I Curso de Geografía Lingüística de Aragón**. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 1991.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil**: questionários. Londrina: UEL, 2001.

COSERIU, E. Sentido y tareas de ladialectología. **Cadernos de Lingüística**, México, ALFAL, n. 8, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.

COSTA, C. S. **Variação e territorialização linguísticas**: um estudo linguístico da diversidade lexical em comunidades quilombolas do Baixo Amazonas. [S. l.]: 2019.

COSTA FILHO, A. **Desafios à implementação dos Direitos Quilombolas**: uma avaliação crítica pós Constituição Federal de 1988. 2014. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em:

https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402337635_ARQUIVO_DesafiosaimplementacaodosDireitosQuilombolas-umaavaliacaocriticaposConstituicaoFederalde1988. Acesso em: nov. 2023.

CUNHA, A. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi**. 2. ed. São Paulo; Melhoramentos, 1982_2.

CRUZ, M. **Atlas Linguístico do Amazonas**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004. V. I e II.

DIAS, M. P. **Atlas Geossociolinguístico quilombola do Nordeste do Pará (AGQUINPA)**. Tese de Doutorado – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

DUBOIS, J. *et al.* **Dicionário de Linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, C. *et al.* **Atlas Linguístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Aracaju: Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FERREIRA, C.; CARDOSO, S. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Comunidades quilombolas**. [S. l.], 2022. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/quilombola/>. Acesso em: nov. 2023.

GOMES, F. dos S. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro Enigma, 2015. GUEDES, R. **Perfil geossociolinguístico do Português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos estados do Pará e Maranhão**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, 2017.

HOUAISS, A. **Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: <http://bit.ly/2tbDSGR>. Acesso em: 24 jul. 2024 (Publicado no site UOL).

HOUAISS, A. **O português do Brasil**. Rio de Janeiro: Unibrade-Centro de Cultura, 1985.

HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Moderna, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Quilombolas: Primeiros Resultados do Universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2102016/>. Acesso em: jan. 2024. LABOV, W. **Language in the inner city: studies in the black English vernacular**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Trad. de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, N. **Novo Dicionário Bantu**. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2020. 1ª reimpressão. LUCCHESI, D. Grandes territórios desconhecidos. **Linguística (ALFAL)**, [s. l.], 2004, p. 191-222.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. **O português afrobrasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o Processo de formação do português do Brasil. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (Org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

MAIA, E. G. **Atlas Linguístico do Sul Amazonense (ALSAM)**. 2018. 2v. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

MARGOTTI, F. W. Geolinguística pluridimensional: desafios metodológicos. **Anais do Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Pelotas: Educat, 2008, p. 1-9.

MATTOS e SILVA, R. V. **Ensaio para uma sóciohistória do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004, p. 14-15.

MARROQUIM, M. **A língua do Nordeste: Alagoas e Pernambuco**. 4 ed. Maceió: EDUFAL, 2008 [1934].

MOTA, J. A.; CARDOSO, S. A. M. **Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros**. Salvador: Quarteto, 2006.

NASCENTES, A. **Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa. 1958.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico resumido**. Rio de Janeiro: MEC/ Inst. Nacional do Livro, 1966.

NASCENTES, A. **O linguajar carioca**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

O'DWYER, E. C. Os quilombos e a prática profissional dos antropólogos. *In*: O'DWYER, E. C. (Org.). **Quilombos: identidade étnica e territorialidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.

PETTER, M. (org.). **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

PETTER, M.; CUNHA, A. S. Línguas Africanas no Brasil. *In*: PETTER, M. (org.). **Introdução à Linguística Africana**. São Paulo: Contexto, 2015.

QUEIROZ, C. **Revista Pesquisa FAPESP**. [S. l.], 2022. Disponível em <https://revistapesquisa.fapesp.br/censo-de-2022-revela-mapeamento-inedito-da-populacao-quilombola/title="Censo de 2022 revela mapeamento inédito da população quilombola">>Censo de 2022. Acesso em: 23 fev. 2024.

RADTKE, E.; THUN, H. (eds.). **Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Aktendes Symposiums zurempirischen Dialektologie**. Kiel: Westensee-Verlag, 1996.

RAZKY, A.; RIBEIRO, C.; SANCHES; Romário, D. **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. P. **Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: FCRB, 1977.

ROMANO, V. P. Balanço crítico da geolinguística brasileira e a proposição de uma divisão. **Entretextos**, Londrina, v. 13, n. 2, p. 203-242, jul./dez. 2013. ROMANO, V. P. Desdobramentos, desafios e perspectivas da geolinguística pluridimensional no Brasil. *In*:

ROMANO, V. P.; SEABRA, R. D.; OLIVEIRA, N. Software para Geração e Visualização de cartas linguísticas. **RELIN: Revista de Estudos da Linguagem**, v. 22. N.1. p.119-151. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/5757>>

MOTA, J. A.; OLIVEIRA, J. M de.; PAIM, M. M. T. P.; RIBEIRO, S. S. C (Orgs.). **Contribuições de estudos geolinguístico para o Português Brasileiro: uma homenagem a Suzana Cardoso**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2020, v. 1, p. 11-39. Disponível em: <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32461>. Acesso em: jun. 2024.

ROQUE, A. **As vozes negro-africanas no(s) murundu(s) das gerais: aspectos léxico-semânticos e traços histórico-culturais da comunidade quilombola de Mangueiras**. 2023. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em linguística da UFSC, Florianópolis, 2023.

ROSSI, N. A Dialectologia. **Alfa**, Marília, v. 11, p. 89-116, 1967.

ROSSI, N. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: MEC-INL, 1965. SÁ, E. **Atlas Linguístico Quilombola do Moxotó e Ipanema de Pernambuco (ALQUIMPE)**. Relatório de Pós-doutorado em Letras. Belém: UFPA, 2018.

SALLES, V. **Vocabulário Crioulo: contribuição do negro ao falar regional amazônico**. Belém: IAP; Programa Raízes, 2003.

SALLES, V. **O Negro na Formação da Sociedade Paraense**. Belém: Paka-Tatu, 2004.

SALLES, V. **O Negro no Pará sob o regime de escravidão**. Belém: IAP, 2005.

SANCHES, R. A Pesquisa Geolinguística em Comunidades Tradicionais no Norte do Brasil. **Humanidades e Inovação**, Tocantins, v. 9, n. 14, p. 12-2022.

SCHNEIDER, J. T. **Dictionary of african borrowings in brazilian portuguese**. Hamburgo, Alemanha: Helmut Buske, 1991.

SILVA, G. **Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Estado do Tocantins (ALITTETO)**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Londrina, 2018.

SILVA NETO, S. da. **Guia para estudos dialectológicos**. 2. Ed. Belém: [s.n.], 1957.

SILVA, G; ROMANO, V. O Atlas Linguístico do Brasil e os Atlas de pequeno domínio: complementações e propósitos. *In*: SILVA, G; ROMANO, V. (org). **Tendências da**

Geolinguística brasileira e a nova geração de Atlas Linguísticos. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SOUZA, A. **Africanidade e contemporaneidade do português de comunidades afro-brasileiras no Rio Grande do Sul.** Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2015.

TELES, A. R. T. F. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística:** revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes. 2018. 485 f. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. *In:* AGUILERA, V. de A. (Org.). **Para a história do português brasileiro, Vol. VII:** vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009, p. 533-558.

THUN, H. La géographi e linguistique romane à la fin du XX siècle. *In:* RAENDONCK, D. V. et al. (Orgs). **Actes du XXII Congrès International de Linguistique e Philologi e Romanes.** Bruxelles: 1998, p. 367-409.

THUN, H. Pluridimensional cartography. *In:* LAMELI, A., KEHREIN, R.; RAVANUS, S. (Eds.) **Language and space:** language mapping: an international handbook of linguistic variation. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 506-552.

THUN, H.; ELIZAINCÍN, A. **Atlas diatópico y diastrático del Uruguay (ADDU).** Kiel: Westensee-Verlag, 2000.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

ZÁGARI, M. R. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. *In:* AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Ed. UEL, 1998.

APÊNDICES

APÊNDICE A – FICHA DA LOCALIDADE



1.	NOME OFICIAL:
2.	NOME REGIONAL:
3.	NOMES ANTERIORES:
4.	NOME(S) DADO(S) AOS HABITANTES: a. pelos próprios: b. pelos habitantes de outras localidades:
5.	NOME(S) DADO(S) AO FALAR LOCAL: a. pelos próprios habitantes: b. pelos habitantes de outras localidades:
6.	NÚMERO DE HABITANTES: a. oficial: b. cálculo do informante:
7.	ATIVIDADES ECONÔMICAS PREDOMINANTES:
8.	INDÚSTRIAS CASEIRAS:
9.	SUBLOCALIDADES (subúrbios, sub-distritos, povoações, etc.)

10.	COMUNICAÇÕES (viárias, fluviais, marítimas, ferroviárias, etc.)
11.	DADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA DA LOCALIDADE (alojamentos, escolas, hospitais, etc.):
12.	DADOS SOBRE EMIGRAÇÃO:
13.	DADOS SOBRE IMIGRAÇÃO:
14.	CARACTERÍSTICAS DEMOGRAFICAS DA LOCALIDADE:
15.	HISTORICO SUCINTO DA LOCALIDADE (como surgiu, data da fundação, primeiros habitantes)
16.	OBSERVAÇÕES:

APÊNDICE B – FICHA DO INFORMANTE

1. INICIAIS:		2. ALCUNHA:	
3. DATA DE NASCIMENTO:	4. SEXO : A. M B. F	5. IDADE:	
6. ESTADO CIVIL: A. solteiro B. casado C. viúvo C. outros Resp.			
7. NATURALIDADE:	8. COM QUE IDADE CHEGOU A ESTA CIDADE? (CASO NÃO SEJA NATURAL DA LOCALIDADE)		
9. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:			
10. ESCOLARIDADE:	11. OUTROS CURSOS: A. ESPECIALIZAÇÃO B. PROFISSIONALIZANTE....C. OUTROS		
12. FOI CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS? A. SIM B. NÃO	13. NATURALIDADE : A. Pai B. Mãe C. Cônjuge	14. CASO NÃO TENHA SIDO CRIADO PELOS PRÓPRIOS PAIS, QUAL ANATURALIDADE DO RESPONSÁVEL PELA CRIAÇÃO?	
15. ONDE EXERCE/ EXERCEU SUA PROFISSÃO? (CARACTERÍSTICAS SÓCIO—ECONÔMICAS SUMÁRIAS DO BAIRRO, CIDADE).			
16. QUAL A PROFISSÃO/OCUPAÇÃO		17. PROFISSÃO DO CONJUGE	

APÊNDICE C – QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO

ATLAS SEMÂNTICO-LEXICAL DO TERRITÓRIO REMANESCENTE QUILOMBOLA DE JAMBUAÇU, MOJU – PARÁ.

Mestranda: Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Orientador: Professor Doutor Valter Pereira Romano

Fenômenos atmosféricos

QSL 001 - REDEMOINHO (DO VENTO) (QSL 07/AlIB)

[...] o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves?

QSL 002 - RELÂMPAGO (QSL 08/AlIB)

[...] um clarão que surge no céu em dias de chuvas?

QSL 003 - TEMPORAL/ TEMPESTADE/ VENDAVAL (QSL 011/AlIB)

[...] uma chuva com vento forte que vem de repente?

QSL 004 - TROMBA D'ÁGUA (QSL 013/AlIB)

[...] uma chuva de pouca duração, muito forte e pesada?

QSL 005 - ESTIAR/ COMPOR O TEMPO (QSL 017/AlIB)

[...] como dizem aqui quando termina a chuva e o sol começa a aparecer?

QSL 006 - BANZEIRO (QSL 001/ autoria própria).

[...] qual o nome dado àquela agitação das águas, fazendo pequenas ondas, provocada pela passagem de uma embarcação?

Atividades agropastoris

QSL 007 - PARTE TERMINAL DA INFLORESCÊNCIA DA BANANEIRA/ UMBIGO/
CORÇÃO (QSL 044/ALiB)

[...] a ponta roxa no cacho da banana?

QSL 008 - SABUGO (QSL 046/ALiB)

[...] quando se tira da espiga todos os grãos de milho, o que sobra?

QSL 009 - CANGA (QSL 056/ALiB)

[...] a peça de madeira que vai no pescoço do boi, para puxar o carro ou arado?

Fauna

QSL 010 - GALINHA D'ANGOLA/ GUINÉ/ COCAR (QSL 067/ALiB)

[...] ave de criação parecida com a galinha, de penas pretas com pintinhas brancas?

QSL 011 - LIBÉLULA (QSL 085/ALiB)

[...] o inseto de corpo comprido e fino, com quatro asas bem transparentes, que voa e bate a parte traseira na água?

QSL 012 - BICHO DE FRUTA (QSL 086/ALiB)

[...] aquele bichinho branco, enrugadinho, que dá em goiaba?

QSL 013 - MARIMBONDO (QSL 002/ autoria própria).

[...] como chama aqueles insetos que constroem ninhos e têm dolorosa ferroadada?

Corpo humano

QSL 014 - CA(R)CUNDA/ DORSO/ CANGOTE (QSL 003/ autoria própria).

Levar a mão até o local e perguntar o nome.

QSL 015 - CALOMBO (QSL 004/ autoria própria).

[...] inchaço em forma de bola, protuberância na pele.

QSL 016 - XOXOTA (QSL 005/ autoria própria).

[...] como chama a parte íntima, órgão sexual, feminino?

Ciclos da vida

QSL 017 - MENSTRUACÃO (QSL 121/ALiB)

[...] as mulheres perdem sangue todos os meses, como se chama isso?

QSL 018 - ENTRAR NA MENOPAUSA (QSL 122/ALiB)

[...] numa certa idade acaba a menstruação. Quando isso acontece, se diz que a mulher?

QSL 019 - DAR À LUZ (QSL 124/ALiB)

[...] chama-se a parteira ou leva-se à maternidade quando a mulher está para?

QSL 020 - AMA DE LEITE (QSL 128/ALiB)

[...] quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamamos essa mulher?

QSL 021 - MENINO/ GURI/ PIÁ (QSL 132/ALiB)

[...] criança pequenininha, a gente diz que é bebê. E quando ela tem de 5 a 10 anos, do sexo masculino?

QSL 022 - COROCA (QSL 54/ Roque)

[...] a pessoa com a idade avançada?

QSL 023 – DESDENTADO/ BANGUELA (QSL 100/ ALiB).

[...] a pessoa que não tem dentes?

QSL 024 - CABAÇO/ VIRGINDADE (QSL 007/autoria própria).

[...] uma moça que foi deflorada, manteve relações sexuais pela primeira vez, perdeu o quê?

Convívio e comportamento social

QSL 025 - PESSOA POUCO INTELIGENTE (QSL 137/ALiB)

[...] a pessoa que tem dificuldade de aprender as coisas?

QSL 026 - PESSOA SOVINA (QSL 138/ALiB)

[...] a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro e, às vezes, até passa dificuldades para gastar?

QSL 027 - MAU PAGADOR (QSL 139/ALiB)

[...] a pessoa que deixa suas contas penduradas?

QSL 028 - ASSASSINO (QSL 140/ALiB)

[...] a pessoa que é paga para matar pessoas?

QSL 029 - MARIDO ENGANADO (QSL 141/ALiB)

[...] o marido que a mulher passa pra trás com outro homem?

QSL 030 - PROSTITUTA (QSL 142/ALiB)

[...] a mulher que se vende para qualquer homem?

QSL 031 - CIGARRO DE PALHA (QSL 145/ALiB)

[...] Que nomes dão ao cigarro que as pessoas faziam antigamente, enrolado à mão?

QSL 032 - BAGUNCEIRA (QSL 29/ Roque)

[...] a pessoa que é desorganizada, ela é?

QSL 033 – BAMBÁ/BAMBAMBÃ (QSL 30/ Roque)

[...] que ou o que é muito valente ou conhecedor profundo de determinado assunto?

QSL 034 - FUXICO (QSL 38/ Roque)

[...] mostrar figura

QSL 035 - BOCÓ (QSL 007/ autoria própria).

[...] como chamamos para aquela pessoa apalermada, abobalhada?

QSL 036 - BORÓ (QSL 008/ autoria própria).

[...] como chamamos dinheiro pouco, moedas de pouco valor?

QSL 037 - BUMBÁ (QSL 009/ autoria própria).

[...] folguedo folclórico, festa popular que tem como protagonista um boi de mentira enfeitado.

QSL 038 - CAFUNÉ (QSL 010/ autoria própria).

[...] pequenos estalinhos produzidos pelos dedos ou unhas, feito na cabeça, como forma de carinho

QSL 039 - CATINGA (QSL 011/ autoria própria).

[...] mau-cheiro forte e desagradável.

QSL 040 - ENGAMBELAR/ ENGANAR (QSL 012/ autoria própria).

[...] iludir, prometer e não cumprir. Quando uma pessoa não fala a verdade, dizemos que ela quer nos?

QSL 041 - FUZARCA (QSL 013/ autoria própria).

[...] quando dizemos que alguém estava na maior farra, dizemos que ele/a estava na?

QSL 042 - LENGALENGA (QSL 014/autoria própria).

[...] assunto longo, monótono e tedioso.

QSL 043 - MUAMBA (QSL 15/ autoria própria)

[...] como chamamos para aqueles produtos vendidos na informalidade, sem nota fiscal?

QSL 044 - MUXOXO (QSL 016/ autoria própria).

[...] como chama aquele chiado de boca, como sinal, muitas vezes, de desdém ou desprezo?

QSL 045 - QUIZILA (QSL 017/ autoria própria).

[...] como chama para a antipatia com alguns comeres ou ações, de maneira que, se contrariado, padecem doenças?

QSL 046 - TARIMBA (QSL 018/ autoria própria).

[...] como dizemos quando uma pessoa tem extensa habilidade/ prática adquirida com o tempo?

Culinária

QSL 047 - DENDÊ (QSL 09/ Roque)

[...] o fruto ou óleo vermelho obtido da palmeira, de grande uso na culinária religiosa afro-brasileira e baiana?

QSL 048 - ABARÁ (QSL 10/ Roque)

[...] espécie de bolinho de feijão fradinho, preparo com azeite-de-dendê, envolvido em folhas de bananeira e cozido em banho-maria?

QSL 049 - ACARAJÉ (QSL 11/ Roque)

[...] bolinho de feijão fradinho, temperado e moído com camarão seco, sal e cebola, frito em azeite-de-dênde; serve-se quente com vatapá?

QSL 050 - ACAÇÁ (QSL 12/ Roque)

[...] bolo de milho branco ou amarelo, cozido até se tornar gelatinoso e envolvido, ainda quente, em folha de bananeira?

QSL 051 – ALUÁ (QSL 13/ Roque)

[...] bebida refrescante feita de cascas de frutas fermentadas por três dias, em um pote de barro com água, raízes etc?

QSL 052 - ANGU (QSL 14/ Roque)

[...] pirão de farinha de mandioca, de milho ou de arroz temperado com sal e cozido?

QSL 053 - AGUARDENTE (QSL 182/ ALiB)
[...] a bebida alcoólica feita da cana de açúcar?

QSL 054 – QUIABO (QSL 18/ Roque)
(será mostrada a imagem)

QSL 055 - CARURU (QSL 19/ Roque)
[...] iguaria feita à base de quiabo cortado, temperado com camarões secos, dendê, cebola, pimenta?

QSL 056 - VATAPÁ (QSL 20/ Roque)
[...] espécie de purê de farinha de mandioca ou pão de véspera, leite de coco, azeite-de-dendê, amendoim, gengibre e castanha de caju?

QSL 057 - FUBÁ (QSL 21?/ Roque)
[...] farinha de milho ou de arroz?

QSL 058 – MOQUECA(QSL 25/ Roque)
[...] guisado de peixe ou mariscos, podendo também ser feito de galinha, carne, ovos, etc., regado a leite-de-coco?

QSL 059 - CALDO DE CANA (QSL 019/ autoria própria)
[...] o nome da bebida feita da cana de açúcar?

QSL 060 – MINGAU DE MILHO (QSL 020/ autoria própria).
[...] aquele alimento feito com grãos de milho branco, coco e canela?

QSL 061 – JABÁ/CHARQUE (QSL 020/ autoria própria).
[...] como você chama aquela carne seca e salgada que se coloca, por exemplo, no feijão?

QSL 062 - LANGANHO (QSL 021/ autoria própria).
[...] carne de má qualidade e com bastante pele.

Religião e crenças

QSL 063 - DIABO (QSL 147/ALiB)
[...] Deus está no céu e no inferno está _____

QSL 064 - FEITIÇO (QSL 149/ALiB)
[...] o que certas pessoas fazem para prejudicar alguém, por exemplo, nas encruzilhadas?

QSL 065 - BENZEDEIRA (QSL 151/LiB)
[...] uma mulher que tira mau-olhado com rezas, geralmente com galhos de planta?

QSL 066 - CURANDEIRO (QSL 152/ALiB)
[...] a pessoa que trata de doenças através de ervas e plantas?

QSL 067 - BAKULO/EGUN (QSL 09/ Roque)
[...] nome dado ao espírito dos desencarnados? nome dado aos antepassados/ancestrais?

QSL 068 - EBÓ (QSL 10/ Roque)

[...] nome dado a oferendas colocadas em determinados lugares?

QSL 069 - ASSENTO/ ASSENTAMENTO (QSL 11/ Roque)

[...] nome dado ao lugar em que são colocadas as divindades?

QSL 070 - CANDOMBLÉ (QSL 12/ Roque)

[...] nome dado ao culto religioso dedicado a divindades africanas?

QSL 071 - UMBANDA (QSL 13/ Roque)

[...] religião afro-brasileira que assimila elementos do candomblé, do espiritismo e do catolicismo?

QSL 072 - ORIXÁ/ VODUN/ SANTO (QSL 14 Roque)

[...] nome das divindades cultuadas no Candomblé?

QSL 073 - CANDOMBLECISTA (QSL 16/ Roque)

[...] nome dado ao adepto das religiões de tradição africana no Brasil?

QSL 074 - banho-de-che(i)ro/banho-de-descarrego/banho-de-folha (QSL 17/ Roque)

[...] banho com água em que se cozinharam ou puseram de molho, ervas, folhas, cascas, resinas e flores aromáticas, com o intuito de conservar ou readquirir a saúde, o bem estar, a felicidade, afastar o azar, purificar etc?

QSL 075 - AMULETO (QSL 27/ Roque)

[...] o objeto que algumas pessoas usam para dar sorte ou afastar males?

QSL 076 - ATABAQUE (QSL 022/ autoria própria).

[...] o nome daquele tambor usado nos acompanhamentos das danças e dos cantos cerimoniais?

QSL 077 - BATUQUE (QSL 023/ autoria própria).

[...] quando queremos começar uma samba de roda, tendo como instrumento base o tambor, dizemos que vamos fazer um?

QSL 078 - CARIMBÓ (QSL 024/ autoria própria).

[...] como chama aquela dança, que faz parte da cultura paraense, em que as mulheres usam saias rodadas e estampadas e geralmente blusa tomara que caia branca?

QSL 079 – MANDINGA (QSL 025/ autoria própria).

[...] Ação ou intenção de magia com finalidade de malfazejo.

Jogos e diversões infantis

QSL 080 - CAMBALHOTA (QSL 155/ALiB)

[...] a brincadeira em que se gira o corpo sobre a cabeça e acaba sentado? (mímica)

QSL 081 - ESTILINGUE/ SETRA/ BODOQUE (QSL 157/ALiB)

[...] o brinquedo feito de uma forquilha e duas tiras de borracha, que as crianças usam pra matar passarinho?

QSL 082 - ESCONDE-ESCONDE (QSL 160/ALiB)

[...] a brincadeira em que uma criança fecha os olhos, enquanto outras correm para um lugar onde não são vistas e depois essa criança que fechou os vai procurar as outras?

QSL 083 - CABRA-CEGA (QSL 161/ALiB)

[...] a brincadeira em que uma criança, com os olhos vendados, tenta pegar outras?

QSL 084 - AMARELINHA (QSL 167/ALiB)

[...] a brincadeira em que as crianças riscam uma figura no chão, formada por quadros numerados, jogam uma pedrinha (mímica) e vão pulando em uma perna só?

-Vestuário e acessórios

QSL 085 - ABADÁ (QSL 01/ Roque)

[...] roupa ou peça de roupa folgada e comprida, parte da indumentária africana?

Vestuário e acessórios

QSL 086 - ALÁ ou OJÁ (QSL 02/ Roque)

[...] tecido (branco) que encobre e protege a cabeça?

QSL 087 - CANGA (QSL 04/ Roque)

[...] tecido usado como saída-de-praia ou tecido com que as mulheres sustentam a criança amarrada em volta do corpo?

QSL 088 - CAPANGA (QSL 05/ Roque)

[...] pequena bolsa que e leva a tiracolo?

QSL 089 - MIÇANGA (QSL 06/ Roque)

[...] bolinhas de vidros coloridas, próprias para contas, colares, brincos?

QSL 090 - TIPÓIA (QSL 16/ Roque)

[...] lenço ou tira de pano que se prende ao pescoço para descansar braço ou mão doente?

QSL 091 - BALANGANDÃ (QSL 026/ autoria própria).

[...] enfeite, adereços muito usados nas cintas, braços e antebraços em dias festivos.

Quando vemos uma mulher cheia de enfeites e adornos, dizemos que ela vai cheia de?

QSL 092 - MULAMBO (QSL 027/ autoria própria).

[...] como chama aquele trapo, roupa velha, rasgada?

QSL 093 - SUNGA (QSL 028/ autoria própria)

[...] como chama aquela veste, parecida com cueca, que os homens usam para tomar banho de mar?

Habitação

QSL 094 - CAFUNDÓ (QSL 70/ Roque)

[...] Como dizemos quando um lugar é ermo ou distante?

Ex: fulana mora lá....

QSL 095 - QUILOMBO (QSL 73/ Roque)

[...] lugar para onde iam negros fugidos na época da escravidão e lá moravam em liberdade?

QSL 096 - SENZALA (QSL 75/ Roque)

[...] alojamentos que eram destinados aos escravizados no Brasil?

APÊNDICE D – ÁLBUM DE FIGURAS – Instrumento de suporte na coleta de dados.

Figura 36 – parte terminal da inflorescência da bananeira/ umbigo/ coração – Q. 07



Figura 37 – Galinha d'angola/ guiné/ cocar – Q. 010



Figura 38 – Libélula – Q. 11



Figura 39 – Marimbondo - Q. 13



Figura 40 – Bumbá - Q. 37



Figura 41 – Cafuné - Q. 039



Figura 434 – Dendê - Q. 047



Figura 425 – Acarajé – Q. 050



Figura 44 – Quiabo – Q. 54



Figura 47 – Vatapá – Q. 56



Figura 48 – Fubá – Q. 058



Figura 49 – Jabá/charque – Q. 062



Figura 50 – Atabaque – Q. 077



Figura 51 – Cambalhota – Q. 081



Figura 52 – Alá ou ojá – Q. 087



Figura 53 – Tipóia – Q. 091



ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “Atlas Semântico-Lexical da Comunidade Remanescente Quilombola de Jambuaçu/ Pa”. O estudo refere-se à dissertação de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, conduzida pela mestrandia Eduarda Catarina Rodrigues Lucena, sob a orientação do Prof. Dr. Valter Pereira Romano. Por favor, leia este documento com bastante atenção. Faça perguntas quantas vezes forem necessárias para esclarecer todas as suas dúvidas. A proposta deste Termo é explicar tudo sobre o estudo e convidá-lo (a) para participar da pesquisa.

O objetivo desta pesquisa é investigar e descrever aspectos relacionados à cultura e parte da realidade linguística existente do Quilombo de Jambuaçu. Com este estudo, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do português falado na comunidade em questão e a partir da constituição de corpus, oferecer dados que transpareçam elementos significativos relacionados à história, tal como ao sistema de vida e visão de mundo dos remanescentes quilombolas a partir da descrição linguística de seus falares.

Se você aceitar participar da pesquisa, conversaremos sobre a história do Território Quilombola de Jambuaçu e você responderá um questionário com perguntas sobre o seu dia a dia, sobre a história e as atividades que são desenvolvidas na comunidade e sobre você. Por ser uma entrevista que será ouvida ao longo do estudo, gravaremos sua voz para transcrever suas respostas para posterior análise. Essa gravação não será divulgada em hipótese alguma e somente os pesquisadores terão acesso a ela.

A realização da atividade acima deve durar o período de 1h a 1h30, podendo variar de acordo com o ritmo individual do(a) participante. É garantido o seu direito de recusar a participação na pesquisa, bem como de interrompê-la a qualquer momento, sem qualquer prejuízo para você. Todas as informações colhidas serão analisadas em caráter estritamente científico. Os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo e privacidade de suas informações. Os resultados globais deste

trabalho poderão ser apresentados em congressos ou publicações científicas, sem nunca revelar seu nome ou qualquer informação relacionada à sua privacidade e identidade. Os dados fornecidos serão utilizados nesta pesquisa e ficarão armazenados de posse do pesquisador responsável, podendo ser descartados (deletados e incinerados) posteriormente ou mantidos armazenados em sigilo.

Não há compensação financeira relacionada à sua participação neste estudo. Caso você tenha alguma despesa decorrente de sua participação na pesquisa, será ressarcido (a). Se tiver qualquer dano em decorrência desta pesquisa, você tem direito à indenização.

Ao participar desta pesquisa, você estará exposto a riscos mínimos, tais como: cansaço, tédio, tristeza ou nostalgia ao ter que pensar e relembrar aspectos sobre a história de sua comunidade e os hábitos que nela são comungadas e por ter sua voz gravada durante a entrevista.

Para minimizar o desconforto, poderemos fazer intervalos entre as questões para que você possa beber água, ir ao banheiro, caminhar um pouco. Retomaremos a entrevista quando estiver se sentindo bem. Nos certificaremos também de que o ambiente onde responderá as questões tenha boa estrutura física, podendo ser a sua casa ou algum outro espaço da sua preferência.

Faz-se necessário enfatizar que, qualquer dado que você contribua nessa pesquisa será tratado de forma a não o identificar pessoalmente e garante-se total anonimato de sua identidade. No entanto, apesar de todos os cuidados tomados, existe a remota possibilidade de o sigilo ser quebrado de maneira involuntária e não intencional. Para minimizar essa possibilidade, as sessões de coleta de dados serão todas individuais.

Sua participação no estudo não trará nenhum benefício direto a você. Porém, sua participação pode contribuir para a construção de conhecimentos que auxiliarão no entendimento mais aprofundado sobre aspectos culturais e linguísticos do Quilombo de Jambuaçu, sobretudo no que diz respeito a influência e importância do legado africano no modo como as pessoas falam e vivem na comunidade, situada no município de Moju, Pará.

Os procedimentos metodológicos que serão adotados obedecerão aos preceitos éticos implicados em pesquisas envolvendo seres humanos nas ciências humanas e sociais, Página 38 de 39 conforme normatização da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina (CEPSH-UFSC). O CEPSH-UFSC é um órgão

colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir com o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Em caso de dúvidas ou preocupações quanto aos seus direitos como participante deste estudo, você pode entrar em contato com o CEPESH - UFSC, pelo telefone (48)3721-6094; e-mail Página 3 de 3 cep.propesq@contato.ufsc.br ou pessoalmente no Prédio Reitoria II, Rua Desembargador Vitor Lima, nº 222, 4º andar, sala 401 – Trindade – CEP 88040-400 – Florianópolis/SC.

Caso você queira maiores informações sobre a pesquisa ou queira ter acesso aos resultados, você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis por este estudo, Prof. Dr. Valter Pereira Romano (tel. 35-99187-2253) e mestrandia Eduarda Catarina Rodrigues Lucena (tel. 91- 98919-6490) ou pessoalmente no endereço: Universidade Federal de Santa Catarina – Sala dos Projetos ALERS e ALiB – Centro de Comunicação e Expressão Prédio B Sala 411 – Trindade – CEP 88040-900 – Florianópolis/SC.

Após a leitura do presente termo e de sua concordância em participar do estudo, solicitamos que assine abaixo. Sua participação somente ocorrerá se você concordar com este termo. Esse termo foi impresso em duas vias, sendo que uma ficará em sua guarda e a outra com os pesquisadores. Este é um documento importante que traz informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa, por isso solicitamos que o guarde. Você terá acesso ao registro do seu consentimento sempre que solicitado.

Nome e assinatura da pesquisadora

concordo em participar da pesquisa

DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, li este documento e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido e optar por livre e espontânea vontade de participar desta pesquisa. Autorizo, também, a gravação de minha voz durante a realização da entrevista. Declaro, portanto, que concordo em participar deste estudo.

Nome e assinatura do participante da pesquisa:

Nome e assinatura dos pesquisadores:

Eduarda Catarina Rodrigues Lucena

Valter Pereira Romano